

Raul David Sargo Rodrigues

COOPERAÇÃO DESPORTIVA E AUTO-CONCEITO DE COMPETÊNCIA: UM ESTUDO EM EQUIPAS DE FUTEBOL



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**COOPERAÇÃO DESPORTIVA E
AUTO-CONCEITO DE
COMPETÊNCIA:
UM ESTUDO EM EQUIPAS DE FUTEBOL**

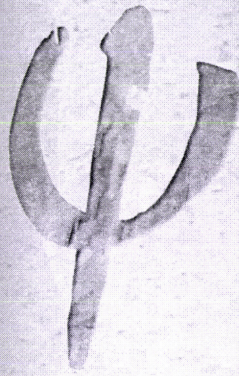
Raul David Sargo Rodrigues

Orientação: Prof. Doutor Nuno Rebelo
dos Santos

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: Psicologia do Trabalho e das Organizações

UE
174
623

Évora | 2010



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**COOPERAÇÃO DESPORTIVA E
AUTO-CONCEITO DE
COMPETÊNCIA:**

UM ESTUDO EM EQUIPAS DE FUTEBOL

Raul David Sargo Rodrigues

Orientação: Prof. Doutor Nuno Rebelo
dos Santos



174 623

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: Psicologia do Trabalho e das Organizações

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri

Agradecimentos

Depois de cinco longos anos de curso longe da minha da minha zona inicial de conforto, dos meus ritmos e rituais que marcaram a minha construção como ser, mas sobretudo longe do contacto directo com todas as pessoas que sempre fizeram parte de toda essa envolvência que deixei para trás, fizeram-me sentir este ano adicional de mestrado como uma maratona mental de altos e baixos, onde imperou a persistência de um verdadeiro maratonista. Porém na base de toda esta persistência esteve sempre o amor e apoio incondicional de todos aqueles que mesmo longe, fizeram sempre questão de dizer “eu estou contigo”, reforçando a minha energia e entrega mesmo nos momentos mais difíceis. Assim aos meus pais Fátima e Carlos, irmão Rosé e outros familiares e amigos, que sabem quem são, que sempre estiveram por perto apesar da distância, com todo o amor e carinho o meu muito obrigado por tudo. Contudo e apesar de as pessoas referidas em cima situarem-se na base dessa persistência, outras tiveram oportunidade de entrar preenchendo outras lacunas igualmente importantes e contribuindo de forma significativa para a manutenção do meu estado emocional positivo e muitas vezes elevado tal o carinho com que me receberam, aceitaram e integraram alargando assim a minha zona de conforto e bem-estar. Assim queria agradecer a Rita, a Ana, as Carolinas e a Maria pelas pessoas especiais que se tornaram para mim e por todo o apoio e carinho demonstrado todos estes anos e este último mais complicado em particular. Num mundo a parte de emoções distintas e de convivências mais particulares quero agradecer muito a Filipa que foi uma pessoa incansável no seu apoio, carinho, amor, compreensão, amizade, enfim foi a pessoa que me acompanhou de perto em todo este processo e quem sempre esteve ao meu lado com grande entrega nos bons e maus momentos sendo juntamente com os meus pais e irmão as pessoas mais significativas neste percurso e a qual deixo um agradecimento muito especial. Queria deixar duas dedicatórias especiais para o Sr. Norberto e para a Joana que muitos momentos de alegria me proporcionaram durante o percurso académico, mas infelizmente já não se encontram entre nós. Por último quero agradecer a todos os colegas que de alguma forma enriqueceram as minhas perspectivas académicas com pontos de vista muito particulares. Ao meu Orientador Professor Doutor Nuno Rebelo dos Santos, pela capacidade que tem em analisar os assuntos de forma minuciosa e detalhada permitindo-me perceber os assuntos de outra forma e por funcionar como a

“constante” que me mantém ligado ao espaço-tempo, tese de mestrado. Também a Professora Doutora Madalena Melo pela força inicial obrigado.

Disposições de Cooperação Desportiva e Auto-Conceito de Competência: Um estudo realizado com equipas de futebol profissionais e semi-profissionais

Resumo

A cooperação apresenta-se como a base de qualquer organização mas também das equipas desportivas. O comportamento cooperativo é influenciado pela estima e confiança que o indivíduo tem em si. A confiança entre os indivíduos resulta da mediação entre o comportamento de interesse próprio e o interesse pelo outro, promovendo desta forma a cooperação entre os membros. Vários autores referem as noções de competência relacionadas com comportamentos de confiança. Desta forma estudaram-se no presente estudo as correlações entre a cooperação desportiva e o auto-conceito de competência. A amostra foi constituída por 120 atletas do sexo masculino de equipas profissionais e semi-profissionais de futebol. Os instrumentos utilizados “Questionário de Cooperação Desportiva” e “Questionário de Auto-Conceito de Competência”, revelaram possuir qualidades psicométricas aceitáveis. A análise dos resultados revelou correlações estatisticamente significativas entre a dimensão de cooperação situacional e as dimensões, cognitiva, social e criativa do auto-conceito de competência, assim como a dimensão de cooperação incondicionada com as dimensões cognitiva e social do auto-conceito de competência.

Palavras-Chave: Cooperação, Cooperação Desportiva, Auto-Conceito, Auto-Conceito de Competência

Provisions for Cooperation and Sport Self-Concept of competence: A study of professional and semi-professional football teams

Abstract

The cooperation comes as the foundation of any organization but also of sports teams. The cooperative behavior is influenced by the esteem and confidence that the individual has in himself. Trust between individuals result of mediation between the behavior of self-interest and concern for others, thereby promoting cooperation among members. Several authors refer to the notions of competence-related behaviors of confidence. Thus it was studied in the present study the correlations between the sporting cooperation and self-concept of competence. The sample was composed of 120 male athletes of professional teams and semi-professional football. The instruments used "Cooperation Sports Questionnaire" and "Self-Concept Questionnaire for Competence," have revealed qualities psicométricas acceptable. The results showed statistically significant correlations between the dimension of cooperation and situational dimensions, cognitive, social and creative self-concept of ability, as well as the size of unconditional cooperation with the cognitive and social dimensions of self concept of competence.

Key-Words: Cooperation, Sport Cooperation, Self-Concept, Self-Concept of Competence

Índice

Agradecimentos	I
Resumo.....	II
Abstract.....	III
Índice.....	IV
Índice de tabelas.....	VII
Introdução.....	1
Parte I Enquadramento Teórico.....	7
Capítulo 1 – Cooperação	
1.1- Cooperação Teoria Sócio Biológica.....	8
1.2- Definição de Cooperação.....	13
1.3- Teoria de Morton Deutsch Cooperação/ Competição.....	16
1.4- Cooperação Confiança e Funcionamento em Equipa.....	19
1.5- Cooperação Desportiva.....	27
1.6- Teoria de Gardner Inteligências Múltiplas.....	31
1.7- Finalidades e Funções da Cooperação.....	34
1.8- Distinção entre Cooperação e Colaboração.....	39
1.9- Estudos Psicológicos sobre Competição e Cooperação.....	42
Capítulo 2 – O Auto-Conceito	
2.1- Auto-Conceito.....	45
2.2- Auto-Conceito de Competência.....	51
2.3- Competências Transversais.....	54
2.4-A Auto-Eficácia Conduzida pelo Treinador.....	56
Parte II 1- Estudo Empírico.....	57
1.1- Cuidados Éticos e Deontológico.....	58
1.2 -Contextualização do Estudo.....	59
1.3- Objectivos e Questões de Investigação.....	62

1.4- Método.....	65
1.4.1- Amostra.....	65
1.4.2-Instrumentos.....	69
1.4.3- Procedimentos	73
1.5- Apresentação dos Resultados.....	74
I. Discussão e Limitações do Estudo.....	103
II. Conclusão Gerais e Estudos Futuros.....	113
Referências Bibliográficas.....	115
Anexos.....	125

Índice de Tabelas

Pag.

- **Tabela 1** - Distribuição dos sujeitos da amostra por idades.....65
- **Tabela 2**- Distribuição dos sujeitos em função da posição.....66
- **Tabela 3**- Distribuição dos sujeitos em função do seu estatuto profissional.....67
- **Tabela 4**- Distribuição dos atletas em função da sua condição regular67
- **Tabela 5**- Análise à fidelidade do QCD74
- **Tabela 6**- Análise à frequência de respostas aos itens constituintes do QCD.....75
- **Tabela 7**- Análise à análise descritiva simples das Dimensões do QCD78
- **Tabela 8**- Análise à distribuição de frequências de resposta dos atletas aos itens constituintes da EACC, assim como as médias e desvio padrão80
- **Tabela 9**- Análise à frequência de respostas das subescalas do Auto - conceito de competência84
- **Tabela10** -Análise à frequência de respostas das dimensões gerais do Auto - conceito de competência86
- **Tabela 11** - Análise às correlações entre as dimensões do QCD e da escala EACC87
- **Tabela 12** -Análise às correlações entre as dimensões de cooperação desportiva e as subescalas do auto-conceito de competência88
- **Tabela 13** -Análise às dimensões do QCD-p em função do escalão dos atletas.....89

- **Tabela 14** -Análise às dimensões do QCD-p em função do escalão dos atletas.....90
- **Tabela 15** -Análise às dimensões do QCD-p em função da posição que ocupam dentro de campo91
- **Tabela 16** -Análise à relação entre a posição ocupada pelos atletas dentro de campo e as dimensões do auto-conceito de competência 92
- **Tabela 17** -Análise às relações entre as subescalas do auto-conceito de competência em função da posição no terreno.....94
- **Tabela 18** -Análise às dimensões do QCD-p em função do estatuto profissional dos atletas..... 96
- **Tabela 19** -Análise às dimensões do EACC em função do estatuto profissional dos atletas..... 97
- **Tabela 20** -Análise às dimensões do QCD em função da condição regular dos atletas..... 99
- **Tabela 21** -Análise às dimensões do EACC em função da condição regular dos atletas..... 100

I. Introdução

A Cooperação é um conceito que por si só já catapultou inúmeros estudos devido a sua imensa relevância e preponderância em muitas das nossas acções e comportamentos do dia-a-dia. Começando com a cooperação apresentada segundo a teoria Sócio Biológica, funciona numa evolução interactiva, onde resultam benefícios mútuos entre as espécies ou organismos envolvidos. Pode ser verificada entre as células somáticas e o próprio organismo. As células somáticas respondem a sinais específicos que as limitam na sua reprodução de forma a manter a estabilidade no organismo e assim permitam que um pequeno número de células produza prole.

Contudo esta cooperação apresenta contornos completamente distintos do tipo de cooperação existente nas organizações ou equipas desportivas, visto exigirem uma maior complexidade coordenativa entre a articulação das acções interdependentes determinadas pela actividade e pela complementaridade das tarefas. Assim começando pelos primórdios da civilização alguns estudos comprovam a existência de cooperação associada sempre a luta pela sobrevivência, as crises económicas, políticas e sociais, assim como às mudanças. Actividades como a caça, a pesca em grandes quantidades, a construção de habitações e a defesa da comunidade eram realizadas em conjunto pelos membros dos grupos, de forma a preencher as necessidades mínimas de alimentação e de segurança da população, contribuindo para o bem-estar da mesma. O tema cooperação está intimamente ligado à base das opiniões e suposições em relação a natureza humana e relevantes para o funcionamento da díade, grupos ou organizações, e até mesmo sociedades. Embora, muitas vezes, seja assumido que a humanidade é racionalmente auto centrada, as recentes investigações revelam que a natureza humana é muito mais rica de aquilo que o conceito de egoísmo é capaz de captar (Lange, 2007).

O conceito de *cooperação*, situa-se num ponto central da articulação do indivíduo com a sociedade, da individualidade com a comunidade (Santos, 2000). No sentido de procurar otimizar esta conduta cooperativa por parte dos indivíduos será importante verificar de que forma os indivíduos se percebem e se sentem capazes de agir sobre o meio através das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais como as suas competências elevadas e positivas e quais as suas disposições cooperativas associadas.

Segundo a definição sugerida por Santos, (2000), onde refere a “cooperação como um comportamento deliberado, efectuado por um grupo de pessoas de forma coordenada no sentido de alcançar uma finalidade comum as mesmas (ou porque as finalidades individuais estão positivamente correlacionadas, ou porque são finalidades comuns)”, podemos perceber que sendo um comportamento deliberado será sempre resultado da decisão voluntária de cooperar ou não com o outro. Assim como sugere Garcia-Mas e colaboradores (2006), “a conduta desportiva de um desportista pode ser observada através da sua decisão de cooperar ou não face aos objectivos colectivos”, sendo que essa decisão deliberada, será influenciada por factores disposicionais condicionados ou incondicionados segundo o autor. Porém acreditamos que os indivíduos com elevado auto-conceito de competência positivo, sendo mais confiantes, seguros e com maior estima em si, a sua decisão deverá ser mais eficaz de forma a rendibilizar melhor as suas capacidades como referem Shavelson & Bolus, (1982), que consideram que os indivíduos que reconhecem e valorizam a sua competência têm mais probabilidades de a rentabilizar. Assim, poderão apresentar maior predisposição para cooperar com os objectivos da equipa. Sabendo que a cooperação é um comportamento crucial para um bom funcionamento em equipa, para a obtenção dos objectivos organizacionais e colectivos, mas também individuais, será importante perceber de que forma pode o comportamento cooperativo ser potenciado tendo em vista a conjugação de benefícios. Gardner (1995), refere que as pessoas possuem capacidades, das quais se valem para criar algo, resolver problemas e produzir bens sociais e culturais, dentro de seu contexto. Segundo o autor, cada indivíduo possui alguns tipos diferentes de capacidade, que caracterizam a sua inteligência. É neste sentido que acreditamos que estejam na base das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais e que de alguma forma possam influenciar as suas disposições que no caso do presente estudo são cooperativas. Contudo, apesar de acreditamos que pode existir algum padrão comum tendencial entre o tipo de competências percebido e as predisposições cooperativas, pensamos que a maior diferenciação entre os grupos de indivíduos e as suas predisposições cooperativas será entre os que se percebem mais competentes e os que se percebem menos competentes devido aos graus de estima, confiança, segurança que os distingue. Neste sentido Morton Deutsch refere factores como a confiança em si e nos outros como um dos factores ligado a interdependência dos objectivos, que podem ser positivos ou negativos, influenciando o funcionamento em equipa. Da mesma forma Devillard considera fundamental que os indivíduos possuam uma boa confiança em si próprios

para um bom funcionamento em equipa. Assim, o comportamento cooperativo e a mobilização por parte dos elementos da equipa, será influenciada pelo sentimento de estima que cada um tem de si próprio, pela estima colectiva da equipa como equipa e pela estima pelo líder. Quanto mais positivo for o sentimento de estima nestas três vertentes mais eficaz será a mobilização e a cooperação dos elementos da equipa. A confiança é segundo Hosmer, (1995), uma sùmula do resultado de decisões e acções individuais. A confiança entre os indivíduos resulta da mediação entre o comportamento de interesse próprio e o interesse pelo outro, promovendo desta forma a cooperação entre os membros. Visto que os indivíduos que se percebem mais competentes apresentam maior estima, segurança e confiança em si próprios, espera-se que os indivíduos com um auto-conceito de competência mais elevado possam apresentar uma maior predisposição para cooperar em geral face aos objectivos do grupo que os indivíduos com um auto-conceito de competência baixo. Supõe-se que uma maior percepção de competência conduzirá os indivíduos a decisões mais eficazes devido a maior capacidade de mobilização das suas energias intrínsecas.

Assim, será importante compreender de que forma esta heterogeneidade das equipas, pode conter algum padrão tendencial mais homogéneo quer entre as dimensões de competência quer através do tipo de competência quer através do grau com que é percebida e as disposições cooperativas que facilite a gestão e a optimização dessas energias em prol do grupo. Assim sendo as competências sociais, criativas e cognitivas transversais nos indivíduos, isto é transferíveis de contexto para contexto, podem ajudar nesta gestão das energias. Deduz-se que a auto-percepção elevada destas competências estarão na base das estratégias individuais de maximização dos ganhos pessoais. Desta forma espera-se que de alguma forma possa existir uma tendência no comportamento dos que se percebem mais competentes a nível criativo, social ou cognitivo e no estímulo disposicional que os move na acção cooperativa.

No enquadramento teórico, apresentamos o capítulo 1 sobre cooperação, onde começamos com uma pequena abordagem sobre a cooperação numa perspectiva Sócio Biológica, de forma a perceber a cooperação na sua forma mais pura e automática, que se distingue da cooperação entre os seres as acções dos seres humanos devido a maior complexidade em articular as acções interdependentes entre os mesmos de forma coordenada.

Em seguida apresentamos algumas definições de cooperação, onde procuramos realçar o carácter deliberado da acção, sugerido por Santos, (2000), e

onde enquadrámos com a definição de cooperação desportiva sugerida por Garcia-Mas e utilizada no presente estudo.

Posteriormente apresentamos algumas teorias que realçam a confiança do indivíduo em si como um factor preponderante para o funcionamento em equipa, dentro das quais apresentamos a teoria de Morton Deutsch sobre competição/cooperação e as abordagens referentes ao papel da confiança na cooperação entre os membros.

Em seguida apresentamos a teoria sugerida por Garcia-Mas sobre a cooperação desportiva utilizada no presente estudo, onde se realçam as disposições cooperativas condicionadas, incondicionadas e situacionais sendo que as situacionais são condicionadas por factores do contexto neste caso a interacção com o treinador e com os companheiros de equipa dentro e fora de campo.

Apresentamos ainda a teoria de Gardner sobre as inteligências múltiplas de forma a justificar que as capacidades dos indivíduos podem estar na base das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais e assim influenciar as disposições cooperativas dos mesmos, distinguindo-se entre os sujeitos.

Em seguida apresentamos as finalidades e funções cooperativas de forma a compreender melhor que as necessidades ou a estima dos indivíduos podem de alguma forma conduzir os indivíduos a procurar na cooperação finalidades ou funções distintas.

Também apresentamos a distinção entre cooperação e colaboração devido a proximidade que estes conceitos apresentam mas que no fundo se distinguem na acção conduzida pelos indivíduos sobretudo pela reciprocidade da cooperação em relação a colaboração.

Ainda no capítulo 1 apresentamos alguns estudos sobre a competição e a cooperação onde se realçam os benefícios da conduta cooperativa entre os grupos em relação a competição, apesar de verificarmos que a competição pode também potenciar a cooperação entre os membros.

No capítulo 2 começamos com uma abordagem sobre o auto-conceito geral e onde se realçam as suas propriedades multidimensionais na medida em que é composto por duas componentes, uma cognitiva outra afectiva. Realça-se também o carácter organizado, estruturado e avaliativo do mesmo sendo um dos constructos mais estudados em psicologia.

Em Seguida referimos o auto-conceito de competência, definindo-o e enquadrando-o nos planos de acção dos indivíduos a forma como os mais

competentes as conseguem rendibilizar e orientar para a obtenção dos objectivos. Referimos também a motivação intrínseca ou extrínseca na relação com o auto-conceito de competência.

Em seguida apresentamos algumas abordagens sobre as competências transversais de modo a enquadrar as competências utilizadas no presente estudo, nesse grupo de competências, transferíveis de contexto para contexto.

Por último apresentamos a perspectiva da eficácia conduzida pelo treinador realçando a importância da conduta do líder nas acções dos seus liderados, condicionado positiva ou negativamente a eficácia dos mesmos.

Parte I
Enquadramento Teórico

Capítulo I

Cooperação

1.1- Cooperação Teoria Sócio Biológica

A perspectiva teórica Sócio Biológica refere que as interacções entre organismos tanto podem produzir cooperação como conflito. Essas interacções tanto podem ocorrer entre pares de espécies distintas como entre a mesma espécie. Relativamente a interacção de conflito existe o exemplo predador - presa, onde a necessidade de sobrevivência proporciona o desenvolvimento de séries de adaptações quer da presa para poder fugir, esconder ou defender-se do predador, quer do predador que procura reajustar-se a essas evoluções da presa de forma a mantê-la na sua cadeia alimentar. Desta forma a evolução de uma espécie provoca adaptações numa outra. Este ciclo de selecção e resposta, tem o nome de co-evolução.

Seguindo um pouco deste raciocínio onde a interacção de conflito entre organismos ou espécies distintas, promove a evolução devido a necessidade de sobrevivência, podemos fazer um paralelismo com o impacto provocado pela competição quer nas organizações e equipas entre os membros internos quer na competição com os supostos rivais ou oponentes externos. De certa forma podemos dizer que a competição promove a evolução dos membros, quer através da competição interna provocada pela necessidade de os indivíduos precisarem estar a altura dos desafios mostrando ser uma opção mais valida ou suficientemente válida para a função em causa, quer através da competição com os outros que no caso das equipas desportivas é despontada pela necessidade de ser melhor que o adversário superando-o de forma a atingir os objectivos individuais e colectivos propostos. Assim de uma forma mais saudável e menos extrema que o conflito entre espécies pela necessidade de sobrevivência, a competição pode promover de certa forma a evolução dos membros envolvidos. Para Deutsch, situações cooperativas ou competitivas encontram-se em consonância com objectivos expressos nas interacções em diferentes perspectivas e dimensões (*cit in* Palmieri, M. & Branco, A. 2004). Assim a exigência competitiva dos desportos colectivos vai “obrigar” os indivíduos envolvidos a uma evolução individual e a uma interacção de acções coordenadas que permita a

equipa lutar pelos objectivos propostos pela organização. Assim, a percepção que cada um tem das suas capacidades poderá influenciar as predisposições cooperativas dos mesmos provocados pelo seu grau de confiança, segurança, estima que cada um tem de si para fazer frente a essa oposição interna e externa e levar a cabo os objectivos individuais e colectivos. A competição “obriga” os indivíduos a evoluir, quanto maior for essa evolução, mais seguro e confiante estará o individuo para orientar as suas capacidades individuais em prol das necessidades da equipa na obtenção dos objectivos. Assim deduz-se que a predisposição cooperativa seja maior nos indivíduos que possuem uma percepção mais elevada e positiva sobre as suas capacidades uma vez que os indivíduos que percebem um elevado auto-conceito de competência conseguem rendibiliza-las melhor nos planos de acção.

A cooperação segundo a teoria Sócio Biológica, funciona numa evolução interactiva, onde resultam benefícios mútuos entre as espécies ou organismos envolvidos. Um bom exemplo desta interacção cooperativa, verifica-se na cooperação extrema entre plantas e micorrizas, que ao crescerem sobre as raízes das plantas, auxiliam na absorção de nutrientes do solo. Desta forma, as plantas podem absorver mais águas e nutrientes e adaptar-se a climas mais secos. Os fungos por sua vez recebem da planta os carbo – hidratos que necessitam para a sua sobrevivência e que não conseguem sintetizar pois não possuem clorofila. Deste modo, estabelece-se uma simbiose cooperativa perfeita entre fungos, benefícios e plantas. Porém a cooperação pode também ser observada entre organismos da mesma espécie, onde a eussocialidade pode ser verificada, entre os grupos de insectos considerados insectos sociais e de onde se retiram excelentes ilações cooperativas, tais como as abelhas ou as formigas, onde os insectos estéreis têm a função de alimentar e defender um pequeno número de organismos da colónia que são capazes de se reproduzir e assim dar continuidade a espécie.

Dawkins, (2003), apresenta na sua teoria, uma perspectiva egoísta interessante, onde sugere que mesmo estes insectos sociais apresentam um gene egoísta predominante mesmo nessas acções colectivas. Desta forma Dawkins, refere os benefícios individuais que se pode supostamente colher da vida em grupo, promovem esse comportamento colectivo, apontando esse comportamento em grupo como egoísta precisamente pelas vantagens e benefícios que dele são colhidas. Dentro dos vários exemplos apresentados refere o modelo da manada egoísta, onde as interacções de cooperação não têm lugar, não há altruísmo, apenas a exploração egoísta de cada indivíduo por outro indivíduo. Dawkins, refere a teoria de Zahavi, que

explica o comportamento das gazelas saltitantes de Thompson. Segundo Zahavi estas gazelas não utilizam o stotting (saltos característicos desta espécie), como movimento dirigido as outras gazelas do grupo em sinal de aviso, mas sim como movimento dirigido ao predador como forma de lhe mostrar a sua capacidade e destreza. Assim quanto mais alto salta, mais difícil será de ser apanhada, transmitindo ao predador que será um alvo difícil e que deverá virar a tenção para outra gazela do grupo mais vulnerável e acessível de apanhar. Desta forma explica que este comportamento será primeiramente vantajoso para si e apenas acidentalmente afectará o comportamento das restantes gazelas do grupo. De certa forma existe uma competição para ver quem salta mais alto, sendo o vencido, escolhido pelo predador.

Voltando a teoria Sócio Biológica, a interacção cooperativa, também pode ser verificada entre as células somáticas e o próprio organismo. As células somáticas respondem a sinais específicos que as limitam na sua reprodução de forma a manter a estabilidade no organismo e assim permitam que um pequeno número de células produza prole.

Contudo esta cooperação apresenta contornos completamente distintos do tipo de cooperação existente nas organizações ou equipas desportivas, visto exigirem uma maior complexidade coordenativa entre as acções interdependentes determinadas pela actividade e pela complementaridade das tarefas.

Começando pelos primórdios da civilização alguns estudos comprovam a existência de cooperação associada sempre a luta pela sobrevivência, as crises económicas, políticas e sociais, assim como às mudanças. Actividades como a caça, a pesca em grandes quantidades, a construção de habitações e a defesa da comunidade eram realizadas em conjunto pelos membros dos grupos, de forma a preencher as necessidades mínimas de alimentação e de segurança da população, contribuindo para o bem-estar da mesma. Assim já desde os primórdios da civilização os povos sentiam a cooperação, como sugere Santos, (2000), "indispensável para o exercício pleno da nossa condição de cidadãos participantes na vida colectiva da sociedade" (p.109). Em todos os povos, refere-se a existência de vestígios e instituições baseadas na cooperação resultando em benefícios comuns desse trabalho em grupo. Esses costumes tradicionais revelam que a cooperação responde a uma necessidade profunda da humanidade.

A cooperação exprime de certa forma solidariedade sobretudo por se apresentar como uma acção voluntária como refere Santos, (2000), quando diz que não se coopera com o outro por obrigação, pois resulta de uma escolha de cada um

em assumir ao fazê-lo. Assim a cooperação desportiva será resultado da decisão de cooperar ou não em prol dos objectivos do grupo como sugere Garcia-Mas e colaboradores, no seu modelo de cooperação desportiva quando refere que “a conduta desportiva observável de um jogador será em parte dependente da sua decisão de cooperar ou não face a um objectivo comum” (Garcia-Mas, 2006, p.427). Santos, (2000), refere que “a cooperação decorre de uma condição que expressa as limitações de cada um considerado individualmente, referente a sua incompletude”, sabendo que as equipas desportivas são heterogéneas por natureza e que os jogadores são em maior ou menor grau um especialista em função das suas competências e capacidades, interessa conhecer de que forma as percepções de competências que cada um tem de si e que os torna de certa forma num especialista com limitações individuais e de onde deverá decorrer uma predisposição cooperativa distinta referente a percepção da sua incompletude.

O tema da cooperação tem sido um alvo proeminente da teoria e da pesquisa dentro de uma vasta variedade de disciplinas, incluindo Filosofia, Ciências Políticas, Economia, Sociologia, Biologia e Psicologia. Este grande interesse na cooperação não é surpreendente. Este tema está intimamente ligado à base das opiniões e suposições em relação a natureza humana e relevantes para o funcionamento da díade, grupos ou organizações, e até mesmo sociedades. Embora, muitas vezes, seja assumido que a humanidade é racionalmente auto centrada, as recentes investigações revelam que a natureza humana é muito mais rica de aquilo que o conceito de egoísmo é capaz de captar (Lange, 2007). O sistema cooperativo permite que cada pessoa, possa afirmar-se como actor social, através da manifestação e do reconhecimento das suas competências postas ao serviço de todos os membros, o que contribui para aumentar o sentimento de dignidade e auto-estima. O conceito de *cooperação*, situa-se num ponto central da articulação do indivíduo com a sociedade, da individualidade com a comunidade (Santos, 2000). No sentido de procurar otimizar esta conduta cooperativa por parte dos indivíduos será importante verificar de que forma os indivíduos se percebem e se sentem capazes de agir sobre o meio através das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais como as suas competências elevadas e positivas e quais as suas disposições cooperativas associadas.

No contexto da Economia e da Sociologia a cooperação é baseada numa relação de colaboração entre indivíduos ou organizações, no sentido de alcançar objectivos comuns, utilizando métodos mais ou menos consensuais. A cooperação opõe-se de certa forma a competição. Porém a necessidade e o desejo de competir

com os elementos do mesmo grupo, no sentido de obter um estatuto mais elevado, é por vezes considerado catalisador da acção cooperativa. Da mesma forma os indivíduos podem organizar-se em grupos que cooperam internamente, e ao mesmo tempo, competem com outros grupos. Ambas as situações podem ser verificadas nas equipas desportivas. Ainda que a totalidade dos membros de um grupo beneficiem da cooperação de todos, o interesse próprio de cada indivíduo pode agir em sentido contrário.

1.2 Definição de Cooperação

A palavra cooperação provem do latim *cooperatione*, derivado do verbo *cooperati*, de *cum+operati* = operar, trabalhar em conjunto (Pinho, 1997). Cooperação é formalmente definida pela tendência para maximizar os resultados para si e os outros ("fazer bem em conjunto"). Muitas vezes contrastam com a competição, a tendência de maximizar uma vantagem relativa sobre os outros ("fazer melhor do que outros"), e ao individualismo, a tendência para maximizar os próprios resultados com nenhum ou muito pouca consideração para outros "resultados" ("fazer bem para si mesmo") (Lange, 2007). Deutch, (1949), refere que as situações cooperativas ou competitivas encontram-se em consonância com os objectivos expressos nas interacções em diferentes perspectivas e dimensões. Deutch, (1949), refere a cooperação segundo "o contexto interactivo em que as acções de um participante favorecem o alcance do objectivo de ambos", sendo que a competição é caracterizada como a busca de objectivos mutuamente exclusivos, isto é quanto mais um indivíduo se aproxima do seu objectivo, mais o outro se afasta da possibilidade de alcançar o seu. Visto que segundo Deutch, (1949), as situações cooperativas ou competitivas encontram-se em consonância com os objectivos expressos nas interacções, deduz-se que nos desportos colectivos a competição possa de alguma forma, ou em alguns momentos "forçar" uma conduta cooperativa menos racional. Porém acreditamos que essa conduta cooperativa será sempre deliberada visto os atletas em causa terem escolhido aquele tipo de desporto coordenado e interdependente sujeitando-se desde logo as suas condicionantes dentro das quais cooperar com os outros face aos objectivos colectivos. Assim, essa predisposição ser maior ou menor consoante a capacidade que cada um tem em dominar e rendibilizar as suas competências individuais, sendo que os que percebem um elevado auto-conceito de competência apresentam maior segurança, confiança e estima, o que poderá levar a decisões mais assertivas em prol dos objectivos da equipa.

Seguindo a definição sugerida por Santos, (2000), onde refere a "cooperação como um comportamento deliberado, efectuado por um grupo de pessoas de forma coordenada no sentido de alcançar uma finalidade comum as mesmas (ou porque as finalidades individuais estão positivamente correlacionadas, ou porque são finalidades comuns)", podemos perceber que sendo um comportamento deliberado será sempre resultado da decisão voluntária de cooperar ou não com o outro. Assim como sugere Garcia-Mas e colaboradores (2006), "a conduta desportiva de um desportista pode ser

observada através da sua decisão de cooperar ou não face aos objectivos colectivos”, sendo que essa decisão deliberada, será influenciada por factores disposicionais condicionados ou incondicionados segundo o autor. Garcia – Mas, Olmedilha, Morilla, Rivas, Garcia & Ortega, (2006), explicam a cooperação desportiva com base na interacção interpessoal e na busca de objectivos pessoais por parte dos jogadores, no que respeita aos objectivos da equipa, do líder ou treinador e dos seus companheiros. Garcia-Mas e colaboradores, (2006), propuseram um Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva. Este modelo assenta no pressuposto de que a conduta desportiva observável de um jogador será em parte dependente da sua decisão em cooperar ou não face a um objectivo comum. Esta decisão pode ser tomada em função de um factor disposicional mais estável, que reflecte uma tendência pessoal para cooperar ou competir, ou em função de factores de ordem situacional relativos a estímulos ambientais. É nesta perspectiva que procuramos analisar o presente estudo tendo em conta que essa predisposição cooperativa será influenciada pela forma como cada um se vê e pela forma como cada um percebe e controla as suas competências, sendo que os que se percebem mais competentes deverão apresentar maior segurança, estima e confiança mostrando maior predisposição cooperativa. Deduz-se que sejam sobretudo a nível da predisposição para cooperar de forma incondicionada (sem querer nada em troca) e situacional devido ao grau de confiança mais elevado em si facilitar a interacção com o treinador e companheiros. Porém existe a hipótese de os indivíduos com menor auto-conceito de competência, poderem apresentar elevada predisposição para cooperar de forma condicionada (querendo receber alguma coisa em troca), procurando na cooperação preencher as suas necessidades de estima e de integração social, como sugere Prato, (2003), quando refere que a função de cooperação psicossocial esta relacionada com as relações entre os membros, permitindo restabelecer e ou reforçar laços entre os parceiros e criar ou fortalecer uma identidade colectiva. Nas equipas profissionais ou semi-profissionais estas necessidades relacionais entre os membros são ainda maiores, pois estas relações são prolongadas no tempo e a interdependência das tarefas para a obtenção dos objectivos comuns é elevada. Esta função cooperativa poderá estar assim mais associada aos indivíduos com baixo auto conceito de competência geral, podendo ainda assim possuir elevada auto-percepção de competência social, visto que as competências sociais abrangem capacidades relacionais tais como a empatia, preocupação com o outro, assertividade e cooperação social. Desta forma procuram obter o reconhecimento social reforçado e

valorizado à imagem do grupo, portanto a cooperação pode ser explorada como forma de poder colectivo para os indivíduos com menor auto-conceito de competência e com menor auto-estima. Da mesma forma Prato, (2003), refere que a função psicoafectiva da cooperação, pode ser indeferida através da relação estabelecida entre o sujeito e o instrumento. No caso dos desportos colectivos, o instrumento, poderá ser a equipa enquanto entidade colectiva ou a organização enquanto entidade social. Assim o instrumento possui um prestígio social que é transferido para o utilizador possibilitando ao indivíduo uma valorização de si através do instrumento que os une. Como refere Couvaneiro, (2004), "é este apoio social que permite reajustar a auto-imagem, o auto-conceito e a auto-estima". Desta forma a função de cooperação psicossocial e psicoafectiva encontram-se ligadas, permitindo aos indivíduos o aumento da estima e do valor pessoal, assim espera-se que os indivíduos com menor auto-conceito de competência possam apresentar uma maior predisposição para cooperar de forma condicionada visto procurarem receber alguma coisa em troca.

1.3- Teoria de Morton Deutch: Cooperação /Competição

Neste subcapítulo apresentamos as ideologias de Morton Deutsch, visto que o autor debruça-se de forma detalhada sobre a temática cooperação/competição, uma temática relacional essencial para a compreensão dos desportos colectivos e para o funcionamento dos membros em equipa. Deutsch, (1949), refere na sua teoria sobre cooperação/competição que as relações cooperativas em comparação com as competitivas apresentam em grande parte vantagens na eficácia das acções individuais no funcionamento de grupo.

As constantes predições da teoria da cooperação sobre os diferentes aspectos dos processos interpessoais, intrapessoais, intragrupo e intergrupo tais como a substituíbílidade, atitudes e inducibilidade, evidenciam algumas das características que se julgam estar na base deste sucesso. Essas características referem-se:

- 1- A eficácia na comunicação entre os membros;
- 2- Espírito de ajuda, amizade, poucas obstruções entre os membros aumentando a satisfação com o grupo em geral e com os membros em particular;
- 3- Coordenação de esforços, divisão de tarefas, orientação para alcançar objectivos, ordem na discussão e alta produtividade;
- 4- Sentimento de acordo com as ideias dos outros e sentimento de similaridade nas crenças e valores pessoais, tais como confiança tanto do indivíduo em si como nos outros;
- 5- Definição de interesses de conflito como um problema mútuo a ser resolvido por esforços colaborativos, facilitando o reconhecimento da legitimidade dos interesses de cada um e a necessidade de procurar uma solução que responda às necessidades de todos.

Por outro lado os processos competitivos apresentam efeitos opostos tais como:

- 1- Comunicação prejudicada;
- 2- Obstruções e falta de espírito de ajuda;
- 3- Incapacidade na divisão eficaz de tarefas;
- 4- Desacordos e rejeição de críticas, pouca auto confiança e baixa confiança nos outros;

- 5- Procura de aumentar o seu poder e reduzir o poder do outro no seio do grupo;
- 6- Estimulação de ideias de conflito, levando a tácticas coercivas tais como ameaças físicas, psicológicas ou mesmo violência.

No presente estudo procuramos de alguma forma compreender a relação entre as percepções que os indivíduos têm de si e das suas competências e as suas disposições cooperativas, de forma a encontrarmos alguma tendência comportamental que ajude a prever e a potenciar a cooperação neste caso a desportiva. Assim o autor refere factores como a confiança em si e nos outros como um dos factores ligado a interdependência dos objectivos, que terá influência no funcionamento em equipa. Desta forma refere que interdependência dos objectivos tanto pode ser positiva ou negativa mas na maioria das situações são misturados. Assim o autor refere que a força relativa de cada um dos tipos de objectivos que determinará a natureza do processo de conflito. Os objectivos das pessoas podem encontra-se ligados por diversas razões, sendo que a interdependência positiva pode resultar do facto das pessoas gostarem umas das outras, de serem recompensadas de alguma forma, pela necessidade de partilhar um recurso de forma a ultrapassar um obstáculo, pela impossibilidade de alcançar um objectivo sem dividir o trabalho, por influências da personalidade ou orientação cultural, entre outras. Por outro lado a interdependência negativa, pode resultar do facto de as pessoas não gostarem umas das outras, pelo facto dos custos serem percebidos como superiores aos ganhos das recompensas etc. Desta forma, podemos deduzir que os indivíduos que apresentem um auto-conceito de competência mais elevado a nível social, cognitivo ou criativo, deverão apresentar maior força e facilidade em interagirem de forma positiva com os outros, visto estas competências agruparem-se num conjunto de competências transversais que são transferíveis de contexto para contexto e que estarão na base das estratégias de maximização de ganhos pessoais, portanto mais estáveis influenciando as disposições dos mesmos. Assim os indivíduos com maior auto-conceito de competência por serem mais confiantes em si, mais seguros e com maior controlo sobre as suas capacidades deverão apresentar maior disposição para gostarem mais uns dos outros, sobretudo através das competências sociais, pela maior facilidade em partilhar um recurso pessoal que domina tal como a criatividade ou a capacidade de resolução de problemas, entre outros.

Dentro da sua teoria Morton Deutsch, (1949), refere a substitutability, as atitudes e a inducibility como vitais para a percepção dos processos sociais e psicológicos envolvidos na criação dos principais efeitos da cooperação e competição.

A substitutability refere-se ao quanto as acções de uma pessoa podem satisfazer as intenções das outras pessoas, sendo central para o funcionamento das instituições sociais na divisão de trabalho e na especialização das tarefas.

As atitudes referem-se às predisposições dos indivíduos para responder a aspectos do ambiente que os rodeia ou a alguém, onde a orientação psicológica básica de cooperação implica as atitudes positivas entre os membros e a competição implica as atitudes negativas entre os membros.

A inducibility refere-se a predisposição em aceitar as influências dos outros e agir em consonância com o outro. Assim a inducibility negativa refere-se a predisposição do indivíduo para rejeitar influências do outro e não estar em consonância com este e com os seus objectivos.

1.4- Cooperação, Confiança e Funcionamento em Equipa

Devillard, (2001), refere que, para que possa haver um bom funcionamento colectivo deve existir uma boa aceitação da necessidade de interdependência relativamente ao outro, de forma a não se sentir abafado pelo funcionamento dos mesmos. Desta forma considera fundamental que os indivíduos possuam uma “boa confiança em si próprios...utilizando o colectivo como uma oportunidade de crescimento ou como uma alavanca para a sua acção”. Assim, o comportamento cooperativo e a mobilização por parte dos elementos da equipa, será influenciada pelo sentimento de estima que cada um tem de si próprio, pela estima colectiva da equipa como equipa e pela estima pelo líder. Quanto mais positivo for o sentimento de estima nestas três vertentes mais eficaz será a mobilização e a cooperação dos elementos da equipa. Destas três vertentes salienta-se o factor de estima por si próprio, já que encontra-se na base do posicionamento interno da pessoa sendo por isso determinante no processo. Quando este factor não é positivo, todos os outros valores ficam enfraquecidos. Assim, compreende-se a importância que o auto-conceito de competência pode ter não só na estima do indivíduo por si próprio, mas também no processo de mobilização e de cooperação do funcionamento das equipas. Desta forma deduz-se que, quanto maior for o auto - conceito de competência, maior será o sentimento de estima por si próprio e mais fácil será a mobilização e a cooperação do funcionamento da equipa.

Contudo, este sentimento de estima quando se encontra positivo isoladamente, isto é o sentimento de estima pela equipa e pelo líder é negativo e o de estima pessoal positivo, o individuo apresenta maior tendência para apresentar um funcionamento mais individualista e com pouco ou nenhum interesse pela coesão. Assim, apesar de ser um factor determinante não deve apresentar-se positivamente de forma isolada, pois prejudicará o funcionamento colectivo.

O trabalho em equipa apresenta um conjunto de características tais como estratégias, requisitos e benefícios que proporciona o trabalho colectivo. Este trabalho colectivo por sua vez potencia melhorias individuais e organizacionais otimizando quantitativa e qualitativamente essas tarefas individuais através de uma melhor gestão da informação e do conhecimento dos indivíduos intervenientes. Assim o trabalho colectivo requer uma maior interacção entre as pessoas do grupo que apenas se pode alcançar através de uma atitude cooperativa. A confiança é segundo Hosmer, (1995), uma súmula do resultado de decisões e acções individuais. A confiança entre os

indivíduos resulta da mediação entre o comportamento de interesse próprio e o interesse pelo outro, promovendo desta forma a cooperação entre os membros. Assim a confiança quer no outro quer em si próprio, aparecem relacionados com um bom funcionamento em equipa, sendo preponderantes nos comportamentos cooperativos. Good, (1988), demonstrou nos seus estudos a relação entre a confiança e o conhecimento das capacidades e ainda nas pretensões explícitas ou implícitas de quem é alvo de confiança. Por sua vez Butler (1991), refere as noções de competência entre outras variáveis como a integridade ou a lealdade como estando relacionadas com os comportamentos de confiança. Outros autores como Hart, Caffe, Cangemi e Caillouet, (1986), identificam que factores como a dependência ou a autonomia da pessoa que é alvo de confiança influenciam as percepções de confiança. Como sabemos o auto-conceito de competência abrange quer o conhecimento das capacidades que os indivíduos têm de si, quer os níveis de autonomia dos indivíduos, visto que quando percebem um elevado conceito de competência os indivíduos apresentam maior controlo, orientação, motivação e persistência nas acções relacionadas, tornando-os mais autónomos nessas condutas. Desta forma a confiança pode ser definida como uma atitude individual em relação a outro indivíduo ou grupo de trabalho, no caso dos desportos colectivos será referente ao treinador e aos companheiros de equipa, sendo a atitude designadas como um elemento de ligação entre estímulo e resposta (Lima, 1993), são consensualmente definidas como “uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objecto” (Lima, 1993). Tyler e Blader (2000), referem que as atitudes e valores têm uma especial importância na forma como moldam os comportamentos de cooperação. As atitudes definem o que é que as pessoas querem fazer. Estas atitudes levam as pessoas a querer participar em acções que promovam o bem-estar de seus grupos. Desta forma os mesmos autores sugerem, que pessoas que gostam dos seus papéis e actividades no grupo, e encontram-se intrinsecamente motivadas, são pessoas que se sentem comprometidas com o seu grupo e são mais propícias a participar em comportamentos se enquadrem com os objectivos do grupo. Assim percebemos que a confiança pode resultar de predisposições para confiar quer em si próprio e no outro, de condições situacionais e das características dos indivíduos com os quais é partilhada essa confiança. No modelo apresentado por Garcia-Mas e colaboradores (2006), utilizado no presente estudo, o autor sugere que a conduta desportiva do atleta poderá ser observada através da sua decisão em cooperar ou não face a um objectivo comum. Assim essa decisão cooperativa do atleta poderá ser influenciada por factores

disposicionais mais estáveis que apresenta como predisposições condicionadas (querendo receber algo em troca), incondicionadas (sem querer receber nada consciente em troca), ou situacional, (tendo em conta a interacção com o treinador e companheiros, dentro e fora de campo), sendo que a situacional também é afectada pela predisposição condicionada. Desta forma podemos entender que estas predisposições cooperativas, poderão ser influenciadas pelas percepções de competência que os indivíduos têm de si, sendo que poderão variar no nível (auto conceito de competência elevado ou baixo) ou na dimensão, sendo que a cognitiva, criativa e social, foram as utilizadas neste estudo por fazerem parte de um conjunto de competências transversais que são transferíveis de contexto para contexto e que acreditamos que possam estar na base das estratégias de maximização dos ganhos pessoais nas suas condutas comportamentais. Assim visto que a confiança quando analisada ao nível do indivíduo tem em conta entre outros aspectos, o conhecimento técnico e interpessoal, as qualificações para a tarefa, a consistência nos comportamentos, a previsibilidade das acções e a competência, como refere Mayer, Davis e Schoorman (1995), onde referem entre outras variáveis, a capacidade, como o conjunto de competências que caracterizam um determinado individuo. Assim, seguindo o raciocínio de Gambetta, (1988) que define a confiança como um cálculo probabilístico da cooperação ser bem sucedida será importante tentar perceber que ligação existe entre o auto-conceito de competência e a cooperação desportiva de forma a podermos encontrar algum padrão tendencial que permita prever os estímulos associados as predisposições cooperativas, procurando promover o comportamento cooperativo de forma a beneficiar os resultados para todos os indivíduos envolvidos. Desta forma a confiança que o indivíduo tem em si pode influenciar a predisposição cooperativa dos atletas e a consequente decisão em cooperar ou não face aos objectivos da equipa. A tomada de decisão é a selecção da forma correcta de agir, que o atleta encontra no momento que este é chamado para interferir no jogo. Com os jogos condicionados aumenta a frequência de interacção do atleta e as tomadas de decisão durante os jogos, acontecendo um progresso do mesmo dentro do jogo.

As movimentações executadas com e sem bola pelos jogadores e as capacidades coordenativas determinam o desempenho do atleta. Ao jogador não basta uma capacidade táctica individual, mas também uma capacidade colectiva. Os jogos condicionados segundo Leães (2003), contribuem no desenvolvimento táctico do jogador, pois o mesmo tem uma participação constante nas situações que ocorrem durante o jogo. Os jogos condicionados exercitam as situações que acontecem

durante as partidas, varias vezes. Contudo Garcia-Mas e colaboradores (2006), referem no seu modelo teórico sobre cooperação desportiva que essa decisão será influenciada por factores disposicionais mais estáveis, deixando a ideia que esta será menos influenciada pelas constantes situações emergentes no jogo, porém não podemos deixar de frisar que as situações emergentes terão sempre alguma influência nessa tomada de decisão. O processo de tomada de decisão é um processo subjectivo, pois depende do ponto de vista, da percepção e do julgamento do responsável pela decisão (Simon, 1977). Um aspecto importante relacionado com a tomada de decisão é o facto de que o tempo e a energia necessários para o decisor efectuar a sua escolha poderão ser limitados. Os constrangimentos do indivíduo representam características únicas e são vistas pelos mesmos como recursos que podem ser utilizados para a resolução de determinados problemas de tarefa, ou mesmo como limitações que podem levar a adaptações específicas.

Os desportistas que apresentam maior facilidade em adaptar os seus padrões de coordenação às múltiplas fontes de informação disponíveis, em contextos de mudança, encontram-se num nível mais avançado de aprendizagem. Assim, “os peritos no seu desporto podem explorar as forças disponíveis no seu ambiente, para produzir uma solução económica e eficiente que se ajuste às situações em mudança em contextos dinâmicos” (Araújo, 2005).

Assim realça-se a importância do auto-conceito de competência para a tomada de decisão, pois segundo Harter, (1981) cit. por Weiss & Chaumeton, (1992), os sujeitos participam em actividades nas quais se percebem como competentes, derivando desta percepção sentimentos de eficácia e afectos positivos que motivam os sujeitos a continuarem a investir numa determinada modalidade. Quanto mais alta for a percepção, maior será o esforço empregue na concretização das tarefas, persistência, sensação de controlo, sentimento de orgulho e motivação intrínseca. Gecas (1982), refere-se ao auto-conceito como fonte de motivação. O auto-conceito de competência, apresenta – se como a percepção que o sujeito possui da sua capacidade para lidar eficazmente com o ambiente e relacionar-se com comportamentos de acção, persistência e esforço (Faria e Lima Santos, 1996). A referência que direcciona o conceito de competência é a tarefa e o conjunto de tarefas pertinentes a uma função. Como verificamos anteriormente, a qualidade do domínio de competência, permite ao indivíduo um maior controlo, dos custos, do tempo, dos métodos, que leva a um contínuo reforço da unidade da acção e à eficácia (Devillard, 2001). A dinâmica da equipa possibilita uma grande interacção entre os membros

constituintes tais como os poderes, as interacções, os processos, os impulsos motivacionais, o clima, o moral, a focalização nos objectivos etc. Desta forma deduz-se que quanto maior for o auto-conceito de competência, maior será a qualidade do domínio de competência, isto é mais eficaz será a tomada de decisão do individuo, uma vez que o maior controlo permitirá um acesso mais fácil as suas características e um melhor manuseamento das mesmas, tornando-se mais rápido e mais preciso na acção desempenhada.

O trabalho colectivo pode ser potenciado pela cooperação dos seus membros ou dificultado pela não cooperação dos mesmos. Assim Devillard, 2001, refere que entre duas empresas com a mesma competência profissional, terá melhores desempenhos aquela que souber utilizar melhor o potencial dos seus colaboradores, resultantes de várias orientações. Como vimos anteriormente este poder pessoal é parte fundamental para um bom e eficaz funcionamento em equipa, “o estado de «sobremotivação» das equipas provém da conjugação de factores individuais internos e de factores de pressão externa” (Devillard, 2001). Desta forma sugere-se que quanto maior for o conhecimento interno de cada um dos membros constituintes da equipa mais fácil será para cada um deles gerir e mobilizar as suas competências e enquadrá-las nas suas necessidades de realização individuais, e nas necessidades apresentadas pela equipa trazendo-lhe o reconhecimento e a aceitação por parte dos restantes elementos da equipa na importância das suas acções. Apesar das competências serem sempre contextualizadas as funções específicas das tarefas, existem um conjunto de competências bases, que permanecem no individuo de forma transversal, isto é de contexto para contexto, funcionando como facilitadoras de outras competências mais específicas. Quando falamos de competências transversais falamos de competências sociais, competências cognitivas e competências criativas. Essas competências são consideradas transversais, pois influenciam a aquisição e a mobilização de todas as outras competências já que explicam as tendências comportamentais dos individuos nos processos de aprendizagem, resolução de problemas, capacidade relacional e pensamento divergente. Segundo Vealey, (1992), cit. por Cruz y Viana (1996), existe um conjunto de competências facilitadoras que devem estar devidamente optimizadas, antes de haver espaço para o treino de competências básicas e avançadas. Muitos dos problemas apresentados pelos atletas que afectam indirectamente o seu desempenho começam em aspectos relacionados com a gestão da vida pessoal e terminam em aspectos de relacionamento interpessoal. Muitos atletas exemplares no empenho do treino diário, cedem em

competição devido a problemas de ansiedade despontados por uma má definição dos objectivos, por défices de auto confiança, níveis de activação competitiva não ideais, que trazem consequências emocionais e cognitivas tais como a perturbação da concentração. Dentro das competências facilitadoras, a autora apresenta as competências interpessoais e as competências de gestão. Quando estas competências surgem devidamente optimizadas abre-se espaço para um conjunto de competências básicas, dentro das quais encontram-se competências de relaxamento, visualização mental, formulação de objectivos e controlo do pensamento. Estas por sua vez quando devidamente optimizadas, abrem lugar para um outro conjunto de competências avançadas, dentro das quais surgem competências de lidar com as adversidades, competências de concentração, competências de motivação, competências de activação, de stress e de ansiedade e competências de auto-confiança. Desta forma verifica-se que as competências são um factor fundamental e altamente influenciável em diversos aspectos do indivíduo/atleta abrangendo três grandes dimensões, sociais, cognitivos e criativos que explicam grande parte do funcionamento dos mesmos, assim interessa conhecer a percepção de competência dos atletas nestes domínios de forma a tentar compreender de que forma se poderá potenciar o comportamento cooperativo através da gestão das suas percepções de competência e de onde poderão surgir as maiores influencias na predisposição cooperativa e consequentemente na tomada de decisão cooperativa. Dentro destas orientações salienta-se o efeito dinâmico que permite um funcionamento de mobilização permanente, a estimulação das qualidades inter individuais associadas à cooperação a interdependência e a focalização dos indivíduos do grupo no objectivo colectivo, reforçando a coesão destes.

Como vimos anteriormente o funcionamento em equipa traz benefícios de dupla natureza, humana e operacional, da qualidade dessa relação resulta a sua capacidade mobilizadora, sendo estimulante do ponto de vista da eficácia e do envolvimento da equipa. Desta forma a equipa apresenta-se como um sistema subtil cujas leis dinâmicas é preciso conhecer de forma a ajustar a condução e a optimizar os resultados (Devillard, 2001).

Seguindo os três grandes princípios aos quais respondem as equipas, a unicidade significa que em todos os pontos a equipa é unidade, é um todo virado para um objectivo. Por outro lado, mas não menos importante o princípio da individualidade ou da diversidade refere o estreito paralelismo entre a aptidão para a acção colectiva e a consciência da sua própria individualidade, remetendo para a necessidade de auto

conhecimento do indivíduo permitindo-lhe um acesso e uma gestão interna mais facilitado, proporcionando-lhe um maior controlo das suas capacidades quer nas acções individuais, quer nas acções colectivas. O efeito de equipa é resultado do equilíbrio entre estes dois princípios. Este efeito de equipa será então «guiado» por um princípio de finalidade, isto é o objectivo único, limitado no tempo e concreto da equipa que foca as energias e obriga a uma organização do grupo.

Estes três princípios assentam na necessidade de resposta das equipas, precisando de estar em harmonia uns com os outros de forma a se poder retirar um melhor desempenho colectivo em prol dos objectivos propostos. Porém, e como vimos anteriormente o efeito de equipa resulta do equilíbrio entre o princípio da unicidade e o princípio da individualidade ou diversidade, sendo sobretudo nesta individualidade /diversidade o ponto de interesse da presente investigação, onde através das percepções de competência individual se procurará verificar alguma tendência mais comum entre os membros para o acto cooperativo, assim como a forma como essa auto-percepção de competência pode ou não influenciar (facilitar/dificultar) a tomada de decisão cooperativa. Sendo então a equipa, um sistema de decisores múltiplos, isto é um conjunto composto de elementos de interacção, onde a acção de um dos elementos actua sobre o conjunto, torna-se fundamental caracterizar os fluxos de interacção entre os diferentes elementos de forma a melhor compreender e gerir essas mesmas interacções de forma a otimizar a eficácia e o desempenho da equipa. Dentro desses fluxos de interacção salientam-se a coesão humana, a coesão técnica, as informações, as influências de poder, e as competências.

Neste sentido, os membros de uma equipa devem possuir algumas qualidades que lhes permita sentir-se útil e valorizado de forma individual, aceite e reconhecido pelos restantes elementos do grupo, mas sobretudo devem possuir o sentido do outro e o da eficácia colectiva. Devillard, 2001 refere "...seria inconcebível não se poder aceitar outras formas de fazer para além da sua ou não se ter suficiente espírito cooperativo...a qualidade de uma equipa depende das competências profissionais dos seus membros e da sua «competência social» ". Para fazer uma equipa é necessário promover a coesão entre os membros e para promover essa coesão é necessário que estes se sintam seguros de si próprios e que possuam uma atitude de confiança relativamente aos outros. Assim será importante verificar que competências podem estar mais associadas ao acto cooperativo e de que forma podem influenciar o tempo de resposta na tomada de decisão dos indivíduos em cooperar ou não, uma vez que as atitudes mais profundas dos mesmos influenciam a execução dos seus papéis.



Essas atitudes serão influenciadas pela percepção que os indivíduos têm de si e das suas competências e que por sua vez irão influenciar o comportamento cooperativo. Tyler e Blader (2000), referem que as atitudes e valores têm uma especial importância na forma como moldam os comportamentos de cooperação. As atitudes definem o que é que as pessoas querem fazer. Bessa e Fontaine, (2002) referem que tal como outros constructos do domínio da cognição social, as atitudes constituem um elemento que medeia a aquisição de conhecimentos e a orientação do comportamento dos sujeitos: uma atitude positiva acerca de um determinado domínio leva ao interesse e ao investimento do sujeito, enquanto uma atitude negativa conduz ao seu desinteresse e mesmo ao evitamento.

Assim uma equipa define-se como um grupo de indivíduos, organizados em conjunto, conduzidos por um líder e funcionando, no interior de um contexto, no sentido de um mesmo objectivo (Devillard, 2001). A equipa utiliza em absoluto e ao mesmo tempo o conjunto das energias, dentro das quais as necessidades de segurança de pertença ou de reconhecimento, assim como os desejos, a criatividade, a acção ou o exercício do poder pessoal. Deste modo, será importante compreender de que forma esta heterogeneidade das equipas, pode conter algum padrão tendencial que facilite a gestão e a optimização dessas energias em prol do grupo. Assim sendo as competências sociais, criativas e cognitivas transversais nos indivíduos, isto é transferíveis de contexto para contexto, podem ajudar nesta gestão das energias. Deduz-se que a auto-percepção elevada destas competências estarão na base das estratégias individuais de maximização dos ganhos pessoais. Desta forma espera-se que de alguma forma possa existir uma tendência no comportamento dos que se percepcionem mais competentes a nível criativo, social ou cognitivo e no estímulo que os move na acção, neste caso cooperativa.

Desta forma supõe-se que uma maior percepção de competência conduzirá os indivíduos a decisões mais eficazes devido a maior capacidade de mobilização das suas energias intrínsecas. “ Uma equipa é comparável a um organismo vivo que age e produz a partir de forças de interacção, ... é importante saber gerir, enquadrar e orientar forças tão poderosas como as que podem ser libertadas por grupos humanos muito mobilizados”,... não basta libertar as forças criadoras para que tudo corra melhor, mas sim mostrar que é possível desenvolve-las e orienta-las melhor (Devillard, 2001).

1.5- Cooperação Desportiva

As equipas desportivas são caracterizadas como grupos especiais, devido as características específicas da actividade desportiva, da sua dinâmica própria e do seu rendimento.

O futebol sendo um desporto colectivo recorre de forma persistente e contínua ao aperfeiçoamento da sua organização, de forma a ultrapassar as suas próprias limitações momentâneas procurando desta forma atingir os seus objectivos (Castelo, 2007). A cooperação apresenta-se desta forma como a base de uma equipa de futebol, visto que a cooperação entre os vários elementos é efectuada em condições de "luta" com o adversário, que por sua vez, coordenam as suas acções com o intuito de desorganizar essa cooperação. Esta relação de adversidade típica não hostil é denominada de rivalidade desportiva (Teodorescu, 1983). Desta forma os comportamentos são determinados pelas relações antagónicas de ataque/defesa protagonizada pelas equipas em confronto directo. Assim as acções são condicionadas pela própria competição que influenciará a organização cooperativa das equipas e será constringida pela tarefa, pelo ambiente e pelos indivíduos.

Estas entidades colectivas coordenam e planificam as suas acções de forma a agir uma contra a outra, utilizando a cooperação como mecanismo base na coordenação e planificação das suas acções, num sistema de relações e inter-relações coerentes e consequentes a qual se denomina de lógica interior de jogo (Queiros, 1986, cit. por Castelo, 2007). Contudo, da mesma forma o opositor procura o desequilíbrio do sistema cooperativo contrário, utilizando a própria organização de acções cooperativas dos seus jogadores nesse sentido. Portanto desta forma percebemos a importância que as acções cooperativas apresentam na planificação e coordenação das equipas com o intuito de estas alcançarem os objectivos estipulados. Apesar das equipas desportivas funcionarem como entidades sociais, com valores e filosofias próprias que unem os jogadores na conquista de objectivos colectivos, é importante analisar a cooperação desportiva segundo a perspectiva dos elementos que a compõem pois é através da cooperação que se reforça a acção individual, conduzindo a organização ao objectivo pretendido de um a forma eficaz e eficiente, produzindo um efeito sinérgico maior que a soma dos efeitos produzida pelos jogadores agindo de forma isolada (Castelo, 2007). Sendo as equipas de futebol são heterogenias por natureza, devido as diferentes necessidades exigidas pela especificidade das tarefas em função da posição ocupada no terreno e das suas

respectivas funções. Sabendo desta heterogeneidade em função dessas necessidades das equipas de futebol, e sabendo da importância da cooperação na organização das acções coordenadas tendo em vista a congregação de esforços individuais em prol dos objectivos colectivos, levantam-se as questões: Como pode ser potenciado o comportamento cooperativo? Lange, (2007), lança outra questão: Como promover o comportamento cooperativo de forma a beneficiar os resultados para todos os indivíduos envolvidos? A investigação sugere variáveis situacionais, diferentes personalidades, níveis de confiança em si no nos outros, como variáveis que podem de facto afectar ou influenciar o comportamento cooperativo.

Rabbie, (1995), refere algumas variáveis fundamentais para o conceito de cooperação, tais como os objectivos do jogador do treinador ou da equipa, objectivos comuns ou contrapostos, interacção e interdependência e tomadas de decisão. Garcia-Mas e colaboradores (2006), referem no seu modelo de Cooperação Desportiva que a decisão de cooperar ou não por parte dos jogadores, será influenciada pela por um factor disposicional mais estável que representa uma tendência pessoal para cooperar ou competir, ou será influenciada por factores situacionais referentes a estímulos ambientais, tais como a interacção com o treinador e ou companheiros. Segundo estes autores a conduta desportiva observável de um jogador dependerá da sua decisão de cooperar ou não face a um objectivo comum. Garcia-Mas e colaboradores (2006), concluíram nas suas investigações que as condutas de cooperação desportivas podem ser de origem dupla, determinando a tomada de decisão de cada jogador, em função da primazia da racionalidade e da motivação para alcançarem os seus próprios objectivos, ou por uma disposição pessoal para cooperar em ausência ou menor grau de motivação para alcançar esses mesmos objectivos pessoais. Por outro lado a tomada de decisão em cooperar ou não por parte do jogador, pode ser determinada pelos diferentes estímulos relevantes e presentes na situação desportiva neste caso o treinador e companheiros de equipa.

Uma vez que os factores disposicionais são consideradas características psicológicas individuais nas quais de incluem características da personalidade, as necessidades, as atitudes, as preferências e os motivos, será importante verificar de que forma o auto-conceito de competência poderá relacionar-se com estas disposições e influenciando-as, visto que o auto-conceito de competência tem um impacto importante na motivação do indivíduo para a acção (Markus & Wurf, 1987) sendo nuclear enquanto princípio orientador do indivíduo para a acção. Markus & Wurf, (1987), referem que os possíveis selves existentes, que constituem o significado

que os indivíduos atribuem à sua personalidade, (...) não são mais que componentes do auto-conceito. Visto que as características da personalidade são considerados por alguns autores como os mais estáveis de todos os elementos disposicionais, interessa conhecer de que forma essas auto percepções de competências sendo mais elevadas ou baixas, ou sendo mais criativas, cognitivas ou sociais podem se relacionar com as pré disposições cooperativas sugeridas por Garcia – Mas e colaboradores (2006), e desta forma procurar responder ou encontrar indícios que possam apontar uma resposta, sugerida por Lange, (2007): como poderemos promover o comportamento cooperativo beneficiando os resultados para todos os indivíduos envolvidos? E da mesma forma responder a nossa: como potenciar o comportamento cooperativo encontrando um padrão tendencioso dentro da heterogeneidade das equipas desportivas e neste caso de futebol? Visto que o auto-conceito representa características estáveis da personalidade dos indivíduos, sobretudo as auto-percepções de competências transversais, que sendo transferíveis de contexto para contexto, acredita-se que quando elevadas, estejam na base principais estratégias de maximização de ganhos pessoais utilizadas pelos mesmos. Além disso relaciona-se intimamente com a auto-eficácia como referem entre outros Craft e Hogan (1985), e segundo Bandura, (1997), as pessoas motivam e orientam as suas acções, em parte, segundo as suas crenças de eficácia pessoal. Este factor encontra-se directamente com a confiança que o individuo tem em si mesmo, e que segundo Devillard, (2001), “quando um individuo tem uma boa opinião de si próprio apresenta-se mais seguro, confiante e com uma melhor pré disposição para interagir com o outro e cooperar”. Vindo desta forma também ao encontro das sugestões indicadas por algumas investigações que referem que pessoas com confiança mais alta tendem a colaborar mais do que as que apresentam baixa confiança.

Dentro das propriedades, elementos ou relações que caracterizam uma equipa com diferentes níveis de significado, destacamos a semelhança entre os jogadores de uma equipa, mais observável, dentro das quais realçamos;

As atitudes os objectivos e a pertença, referentes as características psicológicas e aos seus comportamentos desportivos, que se explicam em parte pela indiferenciação, enquanto entidades individuais, ou perda de auto-consciencia em situações que favorecem o anonimato (Myers, 1995), vindo um pouco ao encontro da teoria da auto-categorização proposta por Turner onde defende a despersonalização da identidade individual e a sua incompatibilidade simultânea com a identidade social. Por outro lado pela influência que o auto-conceito de competência tem nas atitudes

construídas pelos mesmos e conseqüentemente nas suas pré disposições. Assim, será que encontramos um padrão de semelhanças entre o auto-conceito de competências, criativas, sociais e cognitivas e as pré disposições cooperativas?

A especialização, que contrariamente ao grau de semelhança, pode considerar-se como o equivalente numa equipa ao papel nos grupos, a especificidade das suas tarefas, sendo que cada jogador é considerado em maior ou menor grau, um especialista nas suas condutas desportivas tais como posições, competências, experiencia. As auto-percepções de competência criativa, social ou cognitiva, podem compreender de certa forma essas especialidades, mas ao mesmo tempo agrupa-las de uma forma mais simplificada e previsível, permitindo uma melhor intervenção que compreenda as especialidades percebidas com as pré disposições cooperativas e assim procurar potenciar a cooperação, neste caso a desportiva.

1.6- A Teoria de Gardner Inteligências Múltiplas

Neste subcapítulo, procuramos apresentar as ideias desenvolvidas por Gardner sobre as inteligências múltiplas, de forma a justificarmos a ideia que a percepção que cada um tem de si e das suas competências, poderá estar na base das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais e assim influenciar de alguma forma as suas disposições cooperativas. Desta forma acreditamos que os indivíduos que se percepcionem mais competentes de forma social, cognitiva ou criativa poderão apresentar alguma tendência comum em relação a disposição cooperativa que apresentam, apresentando algum padrão mais estável, previsível e controlável que possibilite uma melhor intervenção que potencie a conduta cooperativa dos indivíduos e o funcionamento em equipa. Assim, Gardner (1995), refere que as pessoas possuem capacidades, das quais se valem para criar algo, resolver problemas e produzir bens sociais e culturais, dentro de seu contexto. Segundo o autor, cada indivíduo possui alguns tipos diferentes de capacidade, que caracterizam a sua inteligência. É neste sentido que acreditamos que estejam na base das suas estratégias de maximização de ganhos pessoais e que de alguma forma possam influenciar as suas disposições que no caso do presente estudo são cooperativas.

De acordo com a Teoria das Inteligências Múltiplas, cada inteligência deve apresentar um grupo de componentes que formam a base dos mecanismos de processamento de informações necessários para lidar com um determinado tipo de situação. Gardner, (1995), propõe que talvez seja possível definir a inteligência humana como um mecanismo neural ou um sistema computacional, geneticamente programado para ser activado por certos tipos de informação (Gardner, 1995). Neste sentido o autor apresenta um sistema composto por sete componentes referentes a sete inteligências que podem ser consideradas como sete habilidades que estão na base das estratégias desenvolvidas pelos indivíduos ao longo dos tempos de forma evolutiva. Neste sentido essas sete componentes são divididas da seguinte forma:

- **Inteligência linguística:** manifestada na habilidade para lidar criativamente com as palavras, em diferentes níveis de linguagem (semântica, sintaxe), tanto na expressão oral quanto na escrita.
- **Inteligência lógico – matemática:** É a inteligência que determina a habilidade para o raciocínio lógico – dedutivo e para a compreensão de sequências de raciocínios, bem como a capacidade de solucionar problemas envolvendo números e elementos

matemáticos. Encontra-se ligado as competências cognitivas e a capacidade de planeamento estratégico desses indivíduos sendo mais calculistas.

- **Inteligência musical:** Envolve a capacidade de pensar em termos musicais, reconhecer temas melódicos, ver como eles são transformados, seguir esse tema no decorrer de um trabalho musical e, mais ainda, produzir música. É a inteligência que permite a alguém organizar sons de maneira criativa a partir da discriminação de elementos como tons, timbres e temas. Encontra-se ligado a capacidade criativa e ao pensamento divergente dos indivíduos.

- **Inteligência espacial:** Corresponde à habilidade de relacionar padrões, perceber similaridades nas formas espaciais e conceituar relações entre elas. Inclui também a capacidade de visualização no espaço tridimensional e a construção de modelos que auxiliam na orientação espacial ou na transformação de um espaço.

- **Inteligência corporal cinestésica:** Referente a inteligência cinestésica isto é a habilidade de usar o corpo todo, ou partes dele, para resolver problemas ou moldar produtos. Envolve tanto o alto controle corporal quanto à destreza para manipular objectos.

- **Inteligência interpessoal:** Inclui a habilidade de compreender as outras pessoas, sobressai nos indivíduos que têm facilidade de relacionamento com os outros. Esta associado as competências sociais e a habilidade interpessoal para compreender e se relacionar com o outro.

- **Inteligência intrapessoal:** É a competência de uma pessoa para reflectir sobre suas emoções e depois transmiti-las aos outros. É a habilidade de aceder aos próprios sentimentos, sonhos e ideias, e assim orientá-las para a resolução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias, a capacidade para formular uma imagem precisa de si mesmo e a habilidade de usar essa imagem para funcionar de forma efectiva.

O autor considera que todos nós temos uma fracção de cada uma delas, mas o que nos diferencia é a maneira como elas se configuram, apresentando-se no perfil de pontos fortes e fracos de cada um. Apesar do autor afirmar que as combinações das inteligências são únicas de individuo para individuo, e isso não é posto em causa por nós, acreditamos que poderão existir padrões mais estáveis entre os indivíduos que se desenvolveram mais criativos, cognitivos ou sociais e as suas disposições neste caso cooperativas. Cada tarefa ou cada função, envolve uma combinação de inteligência distinta. Neste sentido as equipas dos desportos colectivos apresentam-se como contextos ricos neste tipo de combinações entre funções, tarefas e capacidades

envolvendo combinações de inteligências distintas que se poderão reflectir de alguma forma na percepção que cada um tem de si e das suas competências e das suas disposições cooperativas. Assim, Gardner, (1995), refere que as inteligências podem ser estimuladas segundo o contexto social, pois a oportunidade de explorar e realizar actividades diferentes são factores que podem intervir no desenvolvimento das inteligências.

Contudo, apesar de acreditarmos que pode existir algum padrão comum tendencial entre o tipo de competências percebido e as predisposições cooperativas, pensamos que a maior diferenciação entre os grupos de indivíduos e as suas predisposições cooperativas será entre os que se percebem mais competentes e os que se percebem menos competentes devido aos graus de estima, confiança, segurança que os distingue, como referimos no capítulo referente a cooperação, confiança e funcionamento em equipa.

1.7- Finalidades e Funções da Cooperação

Neste capítulo apresentamos as finalidades da cooperação de forma a melhor compreender que estas finalidades podem ser exploradas de forma distinta de individuo para individuo consoante as necessidades dos mesmos. Assim podendo ser exploradas de forma distinta consoante os benefícios pretendidos pelos indivíduos, poderão variar consoante o grau de estima e confiança dos indivíduos, influenciando as predisposições cooperativas sugeridas por Garcia-Mas e colaboradores, (2006), utilizadas no presente estudo. Assim no presente estudo espera-se que os atletas que apresentem um auto-conceito de competência mais elevado tenham maior predisposição para cooperar de forma incondicionada e situacionalmente devido aos graus de confiança em si e de motivação intrínseca serem mais elevados, aumentando também a segurança e estima em si facilitando a interacção com o outro. Por outro lado os atletas que se percepcionem com um auto-conceito de competência mais baixo deverão apresentar menos confiança em si e menos motivação intrínseca, podendo apresentar maior predisposição para cooperar de forma condicionada, isto é querendo receber alguma coisa em troca. Desta forma as finalidades cooperativas serão distintas entre os indivíduos. Assim para uma melhor compreensão do conceito cooperação é fundamental conhecer as suas finalidades. Os desportos colectivos apresentam em si uma diversidade de finalidades cooperativas, visto que tanto podem ter um cariz instrumental onde a finalidade da cooperação é obter resultados exteriores a relação por exemplo económico, um cariz social, onde a finalidade da cooperação é aprofundar a relação entre os indivíduos cooperantes, ou um cariz lúdico onde a finalidade é usufruir do prazer de execução de uma actividade conjunta de forma coordenada. Assim os desportos colectivos podem apresentar uma finalidade cooperativa autotélica, instrumental ou social.

Prato (1993), por sua vez refere-se a funções da cooperação, que subdivide em económica; pedagógica; psicossocial; psicoafectiva; e ideológica. A cooperação enquanto função instrumental, permite o desenvolvimento de um determinado projecto de interesse comum, possibilitando as associações contribuírem para a melhoria das condições de vida das pessoas, assim como o seu bem-estar. Portanto remete para uma cooperação mais abrangente tendo em vista o aspecto funcional da vida em sociedade que organiza e coordena um conjunto de acções globais. Simultaneamente a função instrumental da cooperação, exerce funções de aprendizagem, através duma participação colectiva de múltiplos saberes onde se adquirem novas competências.

Desta forma compreende-se a ligação entre a cooperação, enquanto função que orienta os indivíduos a aquisição de novas aprendizagens. A função de cooperação psicossocial, encontra-se ligada as necessidades dos desportos colectivos pois refere-se as relações entre os membros, portanto permite restabelecer e ou reforçar laços entre os parceiros e criar ou fortalecer uma identidade colectiva. Nas equipas profissionais ou semi-profissionais estas necessidades relacionais entre os membros são ainda maiores, pois estas relações são prolongadas no tempo e a interdependência das tarefas para a obtenção dos objectivos comuns é elevada. Esta função cooperativa permite ao indivíduo obter o reconhecimento social reforçado e valorizado à imagem do grupo, portanto a cooperação pode ser explorada como forma de poder colectivo. Por seu lado, a função psicoafectiva da cooperação, pode ser indeferida através da relação estabelecida entre o sujeito e o instrumento. No caso dos desportos colectivos, o instrumento, poderá ser a equipa enquanto entidade colectiva ou a organização enquanto entidade social. Assim o instrumento possui um prestígio social que é transferido para o utilizador possibilitando ao indivíduo uma valorização de si através do instrumento que os une. Por último a função Ideológica, apresenta-se assim como uma função cooperativa de ligação entre as diferentes funções e necessidades dos membros, pois assenta num conjunto de representações organizadas em sistemas e que participam na organização das práticas. Estas convicções ideológicas são sempre orientadas pela crença em valores comuns manifestada numa forma de organização humana, no caso das equipas desportivas profissionais ou semi profissionais, serão as filosofias e valores do Clube ou Organização em causa que irão reger essas ideologias.

O futebol sendo um desporto colectivo enquadra-se nestas premissas apresentadas. Teodorescu, (1983), refere que a natureza do jogo de futebol fundamenta-se no seu carácter "lúdico, agonístico e processual, em que os 11 jogadores que constituem as duas equipas, encontram-se numa relação de adversidade típica não hostil, denominada de rivalidade desportiva". Desta forma retomamos as finalidades cooperativas que apresentam algumas semelhanças com as funções sugeridas por Prato, (1993), porém apresentam algumas particularidades distintas na forma de abordar alguns conteúdos semelhantes, como poderemos analisar em seguida através das finalidades instrumentais, sociais e autotélicas.

A cooperação autotélica sugerida por Argyle (1991), cit. por Santos (2000), alarga o conceito de cooperação a actividades de lazer, onde as operações coordenadas com o outro são um fim em si mesmas, visto que o prazer esta na

própria execução, por exemplo nos jogos de desportos colectivos entre amigos de forma recreativa isso pode ser verificado.

Por outro lado Rabbie, (1991) cit. por Santos, (2000), apresenta duas modalidades de cooperação, a cooperação instrumental e a cooperação social, que distingue através da relação existente entre as actividades e as finalidades executadas na cooperação. Rabbie, (1991) cit. por Santos, (2000), refere-se a cooperação instrumental como um instrumento ao serviço das finalidades mas que são exteriores a relação, nos desportos colectivos podemos verificar este aspecto por exemplo nas equipas profissionais ou mesmo semi-profissionais onde a cooperação entre os membros pode ter como finalidade obter resultados económicos mais elevados tais como o prémio de jogo extra em caso de vitória ou da obtenção do objectivo. A cooperação instrumental encontra-se assim mais ligada aos resultados e a interdependência entre os membros envolvidos e os resultados pretendidos pelos mesmos. Por sua vez a cooperação social é designada por Rabbie, (1991) cit. por Santos, (2000), como uma operação coordenada com o outro com a finalidade de aprofundamento da própria relação, isto é no desenvolvimento de relações construtivas entre os membros. Esta finalidade cooperativa é também facilmente identificada nos desportos colectivos, nas equipas profissionais e ou semi profissionais onde devido a interdependência dos membros constituintes na complementaridade de funções e tarefas, são conduzidos a efectuar as operações coordenadas com os outros de forma prolongadas no tempo, promovendo a necessidade de construir relações entre si que facilitem a coabitação entre os mesmos.

Da mesma forma Rabbie, (1991) cit. por Santos, (2000), utiliza a distinção entre as modalidades cooperativas para a competição, assim a competição instrumental tem a finalidade de obter resultados económicos ou de outro género desde que as vantagens sejam exteriores à relação. Ao passo que na competição social a finalidade será obter diferenciação, prestígio e reconhecimento no âmbito da relação com os competidores. Estas finalidades cooperativas e competitivas enquadram-se perfeitamente no âmbito dos desportos colectivos e no caso do presente estudo no futebol, visto que, segundo Castelo, (2004), a base de uma equipa de futebol é a cooperação e que a cooperação entre os vários elementos é efectuada em condições de luta com o adversário, que por sua vez coordenam as suas acções com vista à desorganização dessa cooperação.

No presente estudo não poderemos verificar directamente as finalidades que conduzem a acção cooperante dos indivíduos, podemos de certa forma com as

sugestões cooperativas apresentadas por Garcia – Mas, (2006) e aferidas por Almeida et al., (2008) para a população portuguesa, deduzir que as predisposições cooperativas dos indivíduos poderão condicionar a forma como cada um explora a cooperação de forma a obter uma finalidade distinta, vindo ao encontro das necessidades individuais de cada um. Pode também variar em função da percepção que cada um tem das suas competências, visto que a percepção que cada um tem das suas capacidades orienta a conduta comportamental do indivíduo. Assim os que percebem sobretudo, maior capacidade e controlo sobre as capacidades criativas, cognitivas ou sociais, pode sentir-se mais confortável em “explorar” o mecanismo cooperativo através de uma finalidade mais segura e confortável para si e para a obtenção dos seus objectivos. Mesmo que de um modo geral a cooperação seja um todo com diferentes finalidades, poderá existir alguma tendência para os indivíduos olharem para a cooperação de forma distinta, procurando uma finalidade que venha ao encontro das suas capacidades, necessidades e predisposições, e onde possam conciliar com as necessidades e objectivos da equipa. Assim os atletas com maior auto-conceito de competência poderão apresentar maior predisposição para cooperar de forma incondicionada (sem querer receber nada em troca), devido a maior confiança em si e controlo em mobilizar e rendibilizar as suas competências no plano de acção. Da mesma forma os atletas que apresentem maior auto-conceito de competência devem apresentar maior predisposição para cooperar de forma situacional através da interacção com o treinador e com os companheiros de equipa devido a maior confiança em si trazer maior segurança e estabilidade para se poder relacionar e confiar com o outro e pela própria capacidade em rendibilizar as suas capacidades dentro das quais as sociais. Por outro lado os atletas com menor auto-conceito de competência poderão apresentar maior predisposição para cooperar de forma condicionada, pois poderão ver a cooperação como uma forma de aumentar a sua estima sentimento de valor pessoal. Assim será interessante perceber se estas hipóteses se confirmam de modo a podermos posteriormente criar intervenção que permita otimizar a conduta cooperativa através da gestão das necessidades individuais e das suas predisposições cooperativas.

Sabendo que as equipas de futebol são heterogenias por natureza devido as necessidades apresentadas em função das tarefas desempenhadas pela posição no terreno, espera-se que os atletas apresentem percepções diferentes sobre si e sobre as suas competências visto serem necessárias competências criativas, cognitivas e sociais na complementaridade das tarefas em função das necessidades posicionais.

Desta forma será importante analisar de que forma essas auto percepções de competência se relacionam ou não com as predisposições cooperativas que no fundo podem conduzir os indivíduos a finalidades cooperativas distintas de forma a encontrar um padrão mais estável que permita prever de alguma forma alguma tendência comportamental. Lange, (2007), refere que, as pessoas são muito mais propensas a colaborar, se a recompensa da cooperação for maior que o custo de uma não cooperação. Até que ponto as percepções de competência sendo elevadas ou baixas, influenciam as predisposições cooperativas e até que ponto os mais competentes percebem a recompensa a retirar da cooperação de uma forma mais controlável e assim aumentar a sua predisposição cooperativa, ou de que forma os menos competentes precisam dessa predisposição cooperativa para aumentar a sua estima. No capítulo seguinte apresentamos a relação entre a confiança e a cooperação e de que forma se articulam para um bom funcionamento em equipa.

1.8- Distinção entre Cooperação e Colaboração

Neste sub – capítulo apresenta-se a distinção entre alguns aspectos dos conceitos de cooperação e de colaboração, visto serem muitas vezes confundidos no dia-a-dia devido a proximidade indissociável que apresentam pela necessidade de interdependência entre os membros na obtenção dos objectivos, porém é na reciprocidade entre os membros que a cooperação se distingue, dentro de outros factores que serão abaixo apresentados.

Existe um conjunto de aspectos que distingue os conceitos de cooperação e colaboração. Dentro das várias diferenças, Henri e Lundgren – Cayol, (2001) consideram fundamentais, o controlo e a autonomia, o objectivo a atingir, a tarefa e a interdependência. Considerando estes aspectos como básicos para essa distinção conceptual convém sempre frisar que existe uma grande interligação entre esses aspectos diferenciadores. Santos, (2000), refere no seu estudo que a cooperação ao contrário dos outros comportamentos de ajuda implica a reciprocidade de benefícios, sendo uma entreajuda com obtenção de benefícios para todos os intervenientes. Outros comportamentos de ajuda como altruísmo, colaboração ou a ajuda distinguem - se da cooperação pelo facto de existir sempre uma ligação de benefício para o ajudado e de onde podem resultar benefícios secundários para o que ajuda, tais como satisfação, reconhecimento social, integração, boa disposição entre outros (Midlarsky, 1991, cit. por Santos, 2000). O modelo teórico sobre cooperação desportiva apresentado por Garcia-Mas, apresenta itens que remetem para comportamentos de ajuda, colaboração e cooperação, justificados pela dinâmica das equipas desportivas e condicionados pela decisão dos atletas cooperarem ou não com os objectivos colectivos em função das suas predisposições cooperativas que podem ser condicionadas ou incondicionadas. Assim o modelo teórico sobre a cooperação desportiva sugerido por Garcia-Mas e utilizado no presente estudo não pode ser analisado como um acto exclusivamente cooperativo. Assim o autor considera que a decisão de cooperar ou não com os objectivos da equipa será influenciada por factores disposicionais, que podem ser condicionados (com o objectivo de receber algo em troca, ou situacional influenciado pela interacção com o treinador e com os companheiros de equipa) ou incondicionadas (sem querer receber nada em troca).

De acordo com a opinião dos referidos autores, a actividade colaborativa é antes de mais voluntária, assenta em factores de motivação intrínseca, apela à

autonomia e combina processos de trabalho individual e colectivo. A colaboração possui duas forças de impulsão inter-relacionadas: o grupo, como agente de apoio individual, e o formador, cujo envolvimento para colaborar repousa no seu interesse em partilhar com o grupo a realização das tarefas.

Podemos dizer que na cooperação existe um maior controlo por parte do formador e uma menor autonomia por parte do formando. Sendo assim, nas tarefas colaborativas, é necessária mais autonomia e, conseqüentemente, maior maturidade cognitiva do que na cooperação. Assim, as actividades em que os formandos possuem menor maturidade cognitiva, devem ser mais estruturadas e contextualizadas, reservando ao formador um maior controlo da aprendizagem. O controlo da aprendizagem deve ser tanto maior quanto menos desenvolvidas estiverem as estratégias de aprendizagem, por parte do aprendiz. Este controlo deve, porém, fazer-se de forma esclarecida, a fim de desenvolver gradualmente, nos formados, a autonomia e as capacidades de colaboração. Uma outra característica que distingue os dois conceitos é o objectivo a atingir. A cooperação baseia-se na distribuição de tarefas e responsabilidades pelos elementos do grupo, para atingir determinado objectivo. Na colaboração negocea-se e orienta-se a interacção visando um objectivo comum, através do consenso. Pressupõe uma definição colectiva de objectivos e pretende que cada membro, individualmente, seja responsável por atingir o objectivo do grupo e não o objectivo individual. A partilha, no processo colaborativo, significa “participar” para atingir o objectivo comum, mas sem divisão de tarefas e responsabilidades no seio do grupo. Em relação à realização da tarefa, a cooperação, contrariamente à colaboração, pressupõe uma tarefa distribuída entre os vários elementos do grupo de trabalho. Na cooperação a ênfase recai na realização da tarefa pelo grupo, baseada em subtarefas de cada formando. O trabalho colaborativo não é a soma ou justaposição dos trabalhos individuais, são necessária uma maior implicação do grupo, estabelecimento de objectivos comuns e coordenação da actividade. A interdependência é um atributo dos dois conceitos. Na cooperação, a interdependência tem de existir, uma vez que a contribuição de uns só está completa com a contribuição dos outros. Existe assim, uma interdependência recíproca necessária à complementaridade da tarefa. Na colaboração, a interdependência requer outro envolvimento relacional, necessário a um apoio mútuo e à criação de uma identidade comum.

Alguns autores consideram que em vez de desunir ou separar os conceitos de colaboração e cooperação, devem antes considerar-se na extremidade de um

contínuo representando a cooperação um processo de aprendizagem altamente estruturado e o extremo da colaboração um processo de aprendizagem cuja responsabilidade é mais autónoma do indivíduo. Entre um extremo e outro podem surgir várias situações intermédias de trabalho colectivo, conforme a autonomia do indivíduo e o grau de intervenção do líder, dependendo das competências já desenvolvidas pelos indivíduos em causa. Uma vez que no modelo proposto por Garcia-Mas e colaboradores, (2006), o autor inclui comportamentos colaborativos e de ajuda nas predisposições cooperativas dos atletas, podemos deduzir que os indivíduos que apresentem uma maior auto-conceito de competência por possuírem maior controlo sobre as suas capacidades serão mais autónomos sendo então elementos mais colaborativos e que essa conduta se expresse através da predisposição para cooperar de forma incondicionada. Da mesma forma os atletas com um auto-conceito mais elevado por apresentarem maior confiança em si deverão estar mais predispostos a cooperar influenciados situacionalmente através da interacção com o treinador e com os companheiros de equipa. Por sua vez os elementos com menor percepção de competência deverão ser menos autónomos, contribuindo de uma forma mais cooperativa no funcionamento em equipa, podendo se reflectir na predisposição para cooperar de forma condicionada, isto é querendo receber alguma coisa em troca, procurando assim a cooperação e a integração na equipa para aumentar a sua estima e sentimento de valor pessoal.

O termo colectivo é usado no sentido de abarcar os processos de interacção que englobem cooperação, colaboração, ou ambas em vários momentos da actividade. Assim, devemos entendê-las como parte de um contínuo que pode ajudar a compreender melhor a interacção dentro das equipas desportivas. Assim será mais fácil criar intervenções que possam potenciar a cooperação desportiva no seio das equipas. Neste sentido procuramos perceber de que forma o auto-conceito de competência influencia as predisposições sugeridas por Garcia – Mas.

1.9- Estudos Psicológicos sobre Competição e Cooperação

Apesar de as pessoas já competirem há centenas de anos, apenas mais recentemente os psicólogos do desporto começaram a estudar de modo sistemático os comportamentos competitivos e cooperativos no desporto.

Algumas das primeiras investigações sobre os efeitos da competição sobre o desempenho foi documentada em 1898 por Norman Triplett, onde observou que os corredores apresentavam desempenhos variados e que estes eram mais rápidos quando corriam contra outro ciclista do que quando corriam sozinhos contra o relógio.

Pela primeira vez verificava-se que a competição cara a cara contra outros competidores aumentava potencialmente o desempenho.

Outros estudos tais como o dilema do prisioneiro revelam conclusões interessantes, porém este dilema apresenta algumas limitações em relação a complexidade desta relação cooperação/competição em situações reais como os desportos colectivos de competição exigem. O dilema do prisioneiro é um jogo experimental utilizado nos estudos sobre a competição e a cooperação, onde o mais vantajoso para ambos os prisioneiros (jogadores), será sustentar a sua inocência. Entretanto cada prisioneiro tem que imaginar o comportamento do outro para decidir se coopera com a polícia ou se coopera com o outro. Se os dois prisioneiros escolheram não confessar, passarão apenas um curto período na prisão por delitos menores. Se um prisioneiro escolher confessar e acusar (trair) o parceiro, sairá impune, enquanto o parceiro receberá a pena de prisão.

Kelley e Stahelski, (1970), usaram o dilema do prisioneiro para investigar o quanto as respostas competitivas eram efectivas comparadas com respostas cooperativas. Nesse estudo, os jogadores competitivos foram comparados com jogadores cooperativos. Após uma serie de jogos, verificou-se que os jogadores competitivos foram capazes de induzir os seus parceiros cooperativos à competição. Parece que os indivíduos orientados à competição podem controlar a natureza de uma competição e induzir à competição participantes orientados a cooperação. Estes investigadores concluíram que a experiência do competidor foi influenciada ou limitada pelas suas tendências em ser agressivo, egoísta, explorador e competitivo nos seus relacionamentos interpessoais.

Contudo, o desporto competitivo pode também ajudar os atletas a aprender a trabalhar juntos e em conjunto na busca por objectivos comuns, assim como a reduzir a excessiva ênfase e pressão na vitória, criando um ambiente social positivo, mas

também para melhorar o desempenho. (Sherif e Sherif, 1969). A forma como os competidores encaram a competição determina se o impacto é positivo ou negativo.

Por sua vez, Johnson e Johnson, (1985) realizaram estudos acerca de atitudes competitivas e cooperativas sobre o desempenho. Em 65 estudos demonstram que a cooperação parece produzir maiores níveis de realização e desempenho do que a competição, apenas 8 estudos demonstram o contrário. Além disso em 108 estudos a cooperação promoveu maiores níveis de realização do que o trabalho independente ou individualismo, ao passo que o oposto ocorreu em apenas seis estudos. A superioridade da cooperação foi mantida mediante uma variedade de tarefas envolvendo memória e qualidade, precisão e velocidade do desempenho. Johnson e Johnson concluíram que não há nenhum tipo de tarefa para qual os esforços cooperativos sejam menos efectivos do que os esforços competitivos ou individualizados, pelo contrário, na maioria das tarefas os esforços cooperativos são mais efectivos para aumentar o desempenho. A aprendizagem cooperativa adquiriu, hoje em dia, um estatuto importante no domínio da psicologia social e da psicologia educacional, quer pelo sólido edifício teórico construído, quer pela quantidade de investigadores que aderiram ao seu estudo, quer ainda pelo número de docentes que utiliza com regularidade alguma forma de trabalho cooperativo na sua sala de aula. O corpo teórico no qual a aprendizagem cooperativa se suporta inclui, actualmente, domínios tão diversificados como, a elaboração de modelos globalizantes para a compreensão da complexidade dos factores presentes na sala de aula e a sua relação com o comportamento dos alunos (Hertz – Lazarowitz, 1992, cit. por Bessa e Fontaine, 2002). As primeiras teorias acerca das diferentes estruturas de ensino aprendizagem, dominadas pela perspectiva motivacional da aprendizagem cooperativa, centram-se em torno da forma como os objectivos e recompensas dos indivíduos podem ser organizados.

As recompensas são um meio privilegiado para se poder estimular as motivações dos indivíduos. As recompensas devem satisfazer as necessidades daqueles que as recebem. As recompensas podem ser extrínsecas porque provêm de fontes externas (fora do individuo), tal como o treinador, o chefe, ou ate mesmo os companheiros. (verificar se acontece no presente estudo maior tendência para este tipo de recompensas cooperação situacional, ou intrínseca). Outras recompensas podem ser intrínsecas porque se encontram dentro dos indivíduos, tais como ter orgulho pelas próprias realizações e sentir-se competente. Embora treinadores, chefes de equipas ou companheiros e colegas, não possam oferecer directamente

recompensas intrínsecas, eles podem estruturar o ambiente a fim de promover motivação intrínseca.

Alguns estudos indicam que as culturas diferem na forma de incentivar atitudes competitivas ou cooperativas. Outros estudos revelam que a forma como os pais recompensam ou punem sucessos ou fracassos afecta o desenvolvimento de orientações competitivas e cooperativas. Portanto não é suficiente dizer que somos competitivos por natureza, antes os tipos de reforços que recebemos e o nosso ambiente podem aparentemente ser determinantes decisivos das nossas atitudes.

A beleza dos jogos cooperativos esta, em parte, na sua versatilidade e adaptabilidade. Através de jogos cooperativos as crianças apreendem a compartilhar, a ter empatia e a trabalhar para um fim comum. Os indivíduos devem ajudar uns aos outros trabalhando juntos como uma unidade, não deixando ninguém fora da acção.

A cooperação aumenta o prazer da actividade, a comunicação e a troca de informações. Frequentemente produz desempenhos superiores aos que a competição produz. Consequentemente, focalizar-se na cooperação e encorajar a competição saudável no desporto e na actividade física parecem gerar muitos resultados positivos possíveis.

Algumas pesquisas demonstram que atletas que jogam com técnicos de orientação positiva gostam mais dos seus colegas, apreciam mais as suas experiencia desportivas, gostam mais dos seus técnicos e têm maior coesão de equipa (Smith e Smoll, 1997).

Assim encontrar a mistura adequada entre as orientações cooperativas e competitivas é o verdadeiro desafio, não só no mundo do desporto e do exercício físico, como também no mundo empresarial e ate no nosso dia-a-dia.

Capítulo II

2- Auto-Conceito

2.1- Auto – Conceito

A prática do exercício físico proporciona benefícios aos seus praticantes nos domínios físicos, psicológicos, sociais e cognitivos. No domínio social proporciona o desenvolvimento de sentimentos de pertença a um grupo, troca de experiências, vivências de amizades e de contactos interpessoais. (Sequeira & Cruz, 2000). Dentro dos benefícios psicológicos, realçam-se a percepção de auto-eficácia, controlo pessoal, reforço social, melhorias no estado de humor, auto-estima, auto-conceito entre outros (Calmeiro & Matos, 2004). No domínio cognitivo as investigações revelam repercussões positivas na aprendizagem. O exercício físico e o auto-conceito encontram-se estreitamente ligados numa relação de benefícios para os indivíduos envolvidos, pois está comprovado que o desporto contribui para a formação de um auto-conceito elevado independentemente da modalidade e que por sua vez o auto-conceito influencia o nível de rendimento desportivo apresentado. Calmeiro & Matos, (2004), referem que quanto mais prolongada for a prática do exercício físico, mais facilmente se verificam melhorias fisiológicas, que ao serem percebidas pelos sujeitos promovem a percepção da auto-imagem. A estabilidade do auto-conceito, remete para um bem-estar psíquico e mental, assim é possível ocorrer alterações numa faceta particular, sem que ocorram ao nível da estabilidade do auto-conceito geral. Porém a natureza do auto-conceito é multidimensional, na medida em que é composto por duas componentes, uma cognitiva e uma afectiva. O auto-conceito e a auto-eficácia são vistos por muitos investigadores como dois constructos separados com semelhanças e diferenças (Choi, 2005).

O factor de estima por si próprio, encontra-se na base do posicionamento interno da pessoa sendo por isso determinante no processo de mobilização. Quando um indivíduo tem uma boa opinião de si próprio apresenta-se mais seguro, confiante e com uma melhor predisposição para se relacionar com o outro e para cooperar, da mesma forma, um indivíduo com uma má opinião sobre si próprio, apresenta-se mais reservado, mais hostil resultante do sentimento de baixa estima, e de desvalorização com menor predisposição para interagir com o outro e para cooperar (Devillard, 2001). Estas condicionantes serão fundamentais para que os indivíduos se possam sentir

bem integrados na equipa, sendo que a vertente positiva levará a aceitação e reconhecimento por parte dos restantes elementos da equipa promovendo a cooperação entre os mesmos, ao passo que uma atitude negativa levará ao distanciamento entre os respectivos elementos. Quando este factor não é positivo, todos os outros valores ficam enfraquecidos. Assim, compreende-se a importância que o auto-conceito de competência pode ter não só na estima do indivíduo por si próprio, mas também no processo de mobilização e de cooperação do funcionamento das equipas. Desta forma as acções de coordenação de esforços entre os indivíduos poderá ser afectada por estas pré disposições e a eficácia das acções individuais poderá determinar a eficácia das acções colectivas na obtenção dos objectivos colectivos. A eficácia destas acções coordenadas dependem em parte das predisposições dos indivíduos envolvidos determinando assim as relações de interdependência entre os mesmos visto que a acção de um apenas ficará completa com a acção de outro na busca desse objectivo conjunto. Chelladurai, (1984), refere que a acção de um jogador ou da equipa depende do comportamento desportivo de outro jogador, possuindo consequências emocionais e motivacionais. Esta conjugação de tarefas coordenadas é normalmente distribuída em função da especificidade das tarefas e em função das capacidades e competências dos membros, tal como referem Tannenbaum, Beard & Salas, (1992), quando realçam que cada jogador é em maior ou menor grau um especialista nas suas condutas desportivas como as posições, experiências e competências. Assim normalmente as equipas são heterogenias devido as diferentes necessidades da mesma. Desta forma os objectivos pessoais sendo específicos de sujeito para sujeito, poderão de certa forma ser influenciados pela percepção de competência que cada um tem de si assim como a estratégia adoptada por cada um para os atingir sendo conduzidas por essas mesmas percepções quando elevadas e positivas. Assim fundem-se com os objectivos colectivos, de forma prolongada no tempo, aumentando a intensidade das interacções e da procura de um equilíbrio harmónico entre as necessidades e objectivos individuais, e as necessidades e objectivos colectivos. A cooperação é o mecanismo que possibilita a compatibilização entre a busca de objectivos pessoais que vão ao encontro das necessidades de cada um, e a busca de objectivos colectivos que vão ao encontro das necessidades da equipa ou organização. Desta forma será importante conhecer de que forma essas necessidades diferem nas percepções de competências individuais (neste caso transversais, isto é transferíveis de contexto para contexto tais como

competências sociais as cognitivas e as criativas) e se expressam na cooperação colectiva (neste caso nas predisposições de cooperação desportiva.

O auto-conceito pode ser definido segundo Faria e Fontaine, (1992), como sendo “ a percepção que o indivíduo tem de si próprio, das suas capacidades e competências em vários domínios da existência como por exemplo, o social, o físico, o cognitivo e o emocional”. Shavelson e Bolus, (1987), por sua vez referem que o auto-conceito possui múltiplas facetas, sendo estável, avaliativo, diferencial, e com capacidade para se desenvolver e organizar hierarquicamente. Este cariz hierárquico é constituído através das percepções e comportamentos observados, permitindo a ascensão a patamares superiores. A estabilidade do auto-conceito, remete para um bem-estar psíquico e mental, assim é possível ocorrer alterações numa faceta particular, sem que ocorram ao nível da estabilidade do auto-conceito geral. O aspecto desenvolvimental refere-se a uma tendência evolutiva, onde a medida que individuo avança para a idade adulta tende a tornar-se mais complexo e multifacetado (Marsh, 1989, 1994, cit. por Ferreira, 2004). Sendo também avaliativo e descritivo permite aos indivíduos descreverem-se a si mesmos, podendo avaliar e julgar os seus padrões comportamentais. A diferenciação do auto-conceito permite distinguir as diversas dimensões existentes que se associam a variáveis específicas.

Segundo Serra, (1986) cit. Wells e Marvell (1976), refere que “a maneira como uma pessoa se percebe e se avalia pode ditar a forma como se relaciona com os outros, as tarefas que tenta, as tensões emocionais que experimenta e o modo como subsequentemente se percebe”. O mesmo autor sugere que uma análise do auto-conceito mais global e dos factores que o compõem tais como aceitação/rejeição social, auto eficácia, maturidade psicológica e impulsividade-actividade possibilitam uma maior compreensão do mesmo assim como a interacção de outras dimensões da personalidade. O autor refere ainda que factores como julgamentos feitos pelos outros a acção do sujeito, comentários depreciativos feitos a identidade do sujeito, assim como as avaliações que o sujeito faz do seu próprio desempenho em situações específicas e as comparações entre o seu comportamento e o dos outros terão interferência na construção do elevado ou baixo auto-conceito. Nesta perspectiva e fazendo um paralelismo com as equipas de desportos colectivos será fundamental consciencializar os líderes (treinadores), sobretudo nos escalões de formação onde o auto-conceito é ainda muito instável nas crianças e jovens sobre a importância do seu feedback na construção desse auto-conceito, incentivando e promovendo o reforço positivo e o encorajamento ao erro como forma de potenciar uma construção mais

saudável e segura do auto-conceito. O desenvolvimento do auto-conceito parece conduzir a uma melhor aceitação de si próprio e a realizações melhoradas, permitindo também um maior aproveitamento da competência pessoal (Shavelson & Bolus, 1982).

Harter, (1996), realça o enriquecimento progressivo das dimensões incorporadas no auto-conceito, partindo de dimensões exclusivamente físicas e comportamentais, para a inclusão de dimensões psicológicas cada vez mais diferenciadas, assim como a alteração dos níveis médios de auto-conceito relacionados com a idade. Assim espera-se que as predisposições de cooperação desportivas dos atletas em estudo possam variar em função da idade.

Só recentemente, por volta dos anos quarenta, é que o auto – conceito começou a ser estudado pela Psicologia e pela Sociologia. Entre o período 1900 a 1940 assiste-se a um desinteresse pelo domínio havendo depois, por volta dos anos 70, um ressurgimento desse interesse que se pautou por uma proliferação de trabalhos de investigação nesta área (Simões, 1997). William James, (1890), foi considerado como o primeiro autor a referir-se ao auto-conceito numa perspectiva psicológica (Marsh & Hattie, 1996; Simões, 1997).

O Eu é referido como sendo constituído por dois aspectos fundamentais: o / e o *Me*, sendo o primeiro o Eu enquanto conhecedor, enquanto sujeito, que organiza e interpreta de forma subjectiva a experiência do indivíduo e o segundo referindo-se ao Eu enquanto conhecido, enquanto objecto cuja as constituições seriam: o Eu material (o Eu físico, corporal, que contém as possessões de cada indivíduo e a família), o Eu social (relações, papéis, personalidade, que abarca as características que são reconhecidas pelos outros) e o Eu espiritual (pensamentos, disposições, julgamentos morais, englobando os aspectos mais profundos e estáveis do Eu) (Harter, 1996). Os indivíduos necessitam de considerar não apenas o *feedback* dos outros significativos específicos, mas também o processo através do qual as atitudes mais generalizadas em relação ao Eu, são adoptadas (Harter, 1996). Mais recentemente assiste-se a uma aceitação crescente dos *modelos multidimensionais* do auto-conceito que descrevem mais adequadamente a fenomenologia das auto-avaliações. Não se pode concluir, no entanto, pela inexistência ou inutilidade da auto-estima global a favor da auto-estima enquanto domínio específico (Harter, 1996), uma vez que estes modelos aceitam o construto global mas também a multidimensionalidade do auto-conceito.

Segundo Harter, (1996), no meio da infância, os indivíduos fazem julgamentos globais da sua estima enquanto pessoas, assim como efectuam auto-avaliações

específicas em variados domínios. As crianças mais novas não possuem consciência da sua auto-estima, em termos de conceito verbalizado, e os domínios não estão claramente diferenciados, sendo que o número de domínios que podem ser diferenciados aumenta com o desenvolvimento ao longo da infância, adolescência e adultez. Os modelos desenvolvimentistas referem que a percepção da realidade pela criança, mais do que a própria realidade, constitui o maior indicador de como ela aborda e reage às exigências do sucesso e do fracasso. Considera-se assim que a percepção que a criança tem das suas capacidades (competência percebida) influencia a sua motivação e o grau de sucesso na escola, pois elevadas capacidades objectivas não garantem, por si só, que as crianças se vejam as si mesmas como altamente competentes e mostrem padrões efectivos de realização.

A estabilidade do auto-conceito ao longo do ciclo de vida pode ser afectada por factores de ordem contextual, por mudanças de expectativas de realização face ao sucesso escolar ou por comparação com grupos sociais (Harter, 1983; Marsh, 1985).

A auto-estima representa um conjunto de "pretensões de sucesso" em que se a percepção individual de sucesso for igual ou superior às expectativas de sucesso, a auto-estima é alta; se, pelo contrário, as percepções excedem o sucesso, ou seja, se a pessoa tem insucesso em domínios que considera importantes, experimentará uma baixa auto-estima (Harter, 1996). O controlo primário é activado pela auto-estima, após o sucesso inicial, que age como indicador do talento ou da habilidade potencial, para os indivíduos com elevada auto-estima, enquanto para os indivíduos com baixa auto-estima isto confirma um défice que tem de ser colmatado.

Por sua vez, (Samulski, 1992) refere que o auto-conceito positivo orienta motivacionalmente o sujeito para a procura do sucesso, caracterizando-se o seu comportamento pelo estabelecimento de metas realistas, análise adequada dos resultados obtidos, auto-reforço positivo, auto determinação, auto-controlo, segurança no comportamento, orientações a normas individuais e motivação intrínseca, atribuindo o seu sucesso a factores internos e estáveis (capacidade/talento) e internos e instáveis (esforço). Por outro lado, um auto-conceito negativo orienta motivacionalmente os sujeitos a evitar o fracasso, sendo o comportamento caracterizado pelo estabelecimento de metas irrealistas, análise desadequada dos resultados, auto-esforço negativo, falta de auto determinação, insegurança no comportamento, orientação a normas sociais e motivação extrínseca. Desta forma os sujeitos atribuem o seu comportamento a factores externos e estáveis (dificuldade da tarefa) e externos e instáveis (causalidade/sorte) (Samulski, 1992).

No presente estudo apesar de trabalharmos com uma amostra com idades compreendidas entre os 16 e os 33, e apesar de não estarmos a avaliar o tipo de liderança e de feedback dos treinadores, poderemos verificar se a cooperação situacional sugerida por Garcia-Mas e colaboradores, (2006), relacionada com a predisposição para os jogadores cooperarem influenciados pela interacção com o treinador e companheiros estará mais relacionada com o elevado auto-conceito de competência e com que dimensões de competência percebidas. Desta forma procuramos perceber que relação existe entre o auto conceito de competência dos indivíduos e as suas predisposições cooperativas, acreditando que essas predisposições serão diferentes consoante a percepção de competência do indivíduo. Assim consoante o nível (alto ou baixo) e a dimensão, neste caso (criativa, social ou cognitiva) de competência percebida pelos indivíduos, as suas predisposições cooperativas serão distintas, podendo ser disposicional condicionada (querendo receber algo em troca), incondicionada (sem querer receber nada consciente em troca) ou situacional, (referente a estímulos ambientais, neste caso com o treinador e com os companheiros de equipa dentro e fora de campo). Contudo consideramos que sendo elevadas independentemente da dimensão, será maior a predisposição para cooperar de forma incondicionada e situacional, devido a maior confiança em si, estima e controlo sobre as capacidades. Por outro lado acreditamos que os indivíduos menos competentes podem estar mais relacionados com a predisposição para cooperar de forma incondicionada, visto quererem receber algo em troca de forma a aumentar a estima através da cooperação e da integração na equipa. As disposições constituem a percepção que os indivíduos têm sobre as tendências em responder às determinadas situações/estímulos, podendo ser referente a atitudes, traços, capacidades dentro das quais os sentimentos de competência nos diversos domínios de realização (Rosenberg, 1986). Desta forma, a tendência disposicional de resposta, a situação de cooperação desportiva, poderá ser influenciada pelo nível e tipo de competência percebida pelos indivíduos.

2.2- Auto – Conceito de Competência

No contexto desportivo, o papel do treinador revela-se como fundamental no fomento do sentimento de competência do atleta. A utilização desadequada do fornecimento de reforço por parte do treinador, poderá transmitir ao atleta que existem expectativas baixas relativamente ao seu desempenho. Para além disso o treinador não deverá expor os praticantes a situações repetidas de fracasso, dado que, necessariamente, estes atribuirão o insucesso á sua falta de habilidade (Alves, Brito & Serpa, 1996). Desta forma, é importante que os bons resultados sejam atribuídos á capacidade e não ao acaso, ou á sorte (Buceta, 2001), no sentido de fomentar uma percepção positiva de competência ao atleta.

Assim o auto – conceito de competência é a percepção pessoal dos indivíduos acerca da sua capacidade para lidar de forma eficaz com o ambiente, relacionando-se com comportamentos de acção, persistência e esforço, sendo uma variável preditiva dos comportamentos dos sujeitos em domínios de realização, particularmente nos cognitivos, sociais e de criatividade (Faria e Santos, 2004). Desta forma os sujeitos com elevado auto-conceito de competência parecem avaliar de forma mais eficaz as suas capacidades, sendo por isso mais capazes de as reconhecer e mobilizar obtendo melhores resultados e comportamentos mais adaptados aos contextos em que se movem e agem (Man & Hrabal, 1989).

Segundo Harter, (1981 cit. por Weiss & Chaumeton, 1992), os sujeitos participam em actividades nas quais se percebem como competentes, derivando desta percepção sentimentos de eficácia e afectos positivos que motivam os sujeitos a continuarem a investir numa determinada modalidade. Quanto mais alta for a percepção, maior será o esforço empregue na concretização das tarefas, persistência, sensação de controlo, sentimento de orgulho e motivação intrínseca. Por outro lado, se a percepção em causa for negativa, é provável que os sujeitos abandonem a prática desportiva (Roberts, Kleiber & Duda, 1981; Weiss & Horn, 1990 citados por Shapiro, Moffelt, Lieberman & Dummer, 2005). Por sua vez, Reuchlin, (1991) refere que a desvalorização de si próprio conduz a um subaproveitamento das potencialidades individuais e frequentemente, a menores expectativas por parte dos outros em relação ao indivíduo, conduzindo à atribuição de objectivos menos desafiantes.

A teoria da motivação para a competência refere que as percepções de controlo dos atletas, relacionam-se com avaliações de auto-valor e de competência influenciando a motivação, apesar de não ser de forma directa, visto que o que são afectados são os estados emocionais como a satisfação, ansiedade, orgulho, vergonha, que por sua vez influenciam a motivação. Assim a auto-estima, o sentimento de competência e percepção de controlo sobre a aprendizagem e o desempenho de habilidades, quando elevadas, permitem ao individuo maior controlo na intensidade dos esforços colocados na tarefa em busca dos seus objectivos pessoais e colectivos, procurando aumentar a sua satisfação o seu sentimento de orgulho e a sua felicidade e bem-estar. O termo motivação deriva do verbo latino *movere* (mover) e é frequentemente utilizada como sinónimo de necessidade, tendência, motivo, objectivo, incentivo etc. Desta forma a motivação é vista como uma força ou uma energia que nos faz seguir, nos faz mexer e nos ajuda a completar tarefas (Pintrich & Schunk, 1996). Reconhece-se que a demonstração e as percepções de competência pessoal constituem papel central da motivação na compreensão e explicação em contextos de realização. Assim, alguns investigadores salientam cada vez mais a importância dos objectivos, adoptados e partilhados pelos indivíduos. Segundo Cruz, (1996), nos últimos anos, alguns autores têm sugerido a integração da investigação no âmbito da motivação, num contexto mais amplo de modelos teóricos mais compreensivos e explicativos da motivação para a realização e para a prática e competições desportivas.

Assim, as pesquisas efectuadas por vários autores assentam num pressuposto comum, segundo o qual, ao colocar-se o ênfase no conseguir de resultados está-se a demonstrar competência através de elevados níveis de capacidade e evitando por outro lado a demonstração da baixa capacidade e por conseguinte a saliência de percepções de habilidade é uma característica central na luta pelos resultados. Segundo esta perspectiva as concepções de competência pessoal baseiam-se em dois tipos de orientação nos seus objectivos. Assim, de acordo com Cruz, (1996), enquanto alguns atletas baseiam a sua competência, capacidade e sucesso recorrendo a critérios normativos e a processos de comparação social, outros consideram a capacidade e competência em consequência de objectivos auto – referentes e pessoais.

Os indivíduos que reconhecem e valorizam a sua competência têm mais probabilidades de a rentabilizar (Shavelson & Bolus, 1982). Assim percebemos que não serve de muito pensar na competência como algo que se tem, mas sim como algo

que se pode usar (Sternberg, 1993). Desta forma as auto – avaliações de competência dos indivíduos parecem estar mais relacionadas com a forma como interpretam a realização, do que com a realização objectiva em si mesma (Lima Santos & Faria, 1999). Quanto mais profundo for o conhecimento do sujeito acerca da sua competência, mais fácil se torna a auto – avaliação das suas potencialidades e limites, logo, mais fácil se torna a mudança e o reconhecimento do valor pessoal, influenciando a persistência e a concretização de objectivos pelos sujeitos. Gambetta, (1988) refere que a confiança pode ser vista como um calculo probabilístico da cooperação ser bem sucedida. Assim, será importante tentar perceber que ligação existe entre o auto-conceito de competência e a cooperação desportiva de forma a podermos encontrar algum padrão tendencial que permita prever os estímulos associados as predisposições cooperativas, procurando promover o comportamento cooperativo de forma a beneficiar os resultados para todos os indivíduos envolvidos. Desta forma a confiança que o indivíduo tem em si pode influenciar a predisposição cooperativa dos atletas e a consequente decisão em cooperar ou não face aos objectivos da equipa.

2.3- Competências Transversais

Como poderemos verificar, as competências utilizadas no presente estudo, encontram-se inseridas nos parâmetros das competências transversais sugeridos pelos diversos autores.

As competências transversais apresentam varias definições, que apesar de algumas apresentarem diferentes orientações, muitas acabam por ter pontos em comum. Dentro das definições optamos por apresentar aquelas que mais se enquadram com as nossas crenças em relação as necessidades do presente estudo. Assim, as competências transversais são definidas, como “capacidades genéricas que permitem aos indivíduos terem sucesso numa ampla variedade de tarefas e ocupações” (Assiter, 1995). São ainda definidas como “competências centrais para o desempenho em todos os sectores e a todos os níveis” (Chadha, 2006), ou ainda como “competências transferíveis que suportam o desempenho competente em todos os campos “(Gibbons–Wood & Lange, 2000). Contudo é a definição de Tien et al, 2003, que nos apresenta um conjunto de características mais compostas e explicativas. Assim o autor considera que as competências transversais apresentam características de:

- Multifuncionalidade (necessárias em diferentes facetas da vida tais como famílias, vida social, profissional e quotidiano);

- Transferibilidade (usadas na vida pessoal, tais como o desenvolvimento de carreira, aprendizagem ao longo da vida, mas também usadas na escola, trabalho ou na sociedade)

- Baseadas na Cognição (a sua construção envolve reflexões individuais activas e processos mentais que incluem pensamento crítico, resolução de problemas, aprendizagem auto-dirigida, criatividade e inovação;

- Multidimensionalidade (compostas por diferentes clusters de competências tais como cognitivo, interpessoal, preparação para o trabalho);

- Aprendizagem (aprendidas em diferentes contextos);

- Abrangência (as competências transversais são mais abrangentes do que o conhecimento sendo explanações e explicações desse mesmo conhecimento).

McLean et al (1998), propõem quatro tipologias de competências transversais, as competências cognitivas (resolução de problemas, utilização de informação, avaliação e pensamento crítico); competências sociais (trabalhar com os outros,

comunicação); competências de auto gestão (flexibilidade, independência, iniciativa); competências de aprender a aprender (conhecer como se aprende em diferentes contextos, identificar e aplicar estilos apropriados de aprendizagens). Dentro desta sugestão proposta por McLean, (1998), apenas não são referidas directamente as competências de criatividade, dentro das utilizadas no presente estudo. Contudo, basta chegarmos as propostas sugeridas por Kearns, (2001), onde o autor propõe um conjunto de competências transversais agrupadas em quatro tipos; as competências preparação para o trabalho e hábitos de trabalho; empresa, inovação e criatividade (aqui como podemos verificar as competências de criatividade encontram-se associadas as competências transversais); competências interpessoais; e por fim competências de aprendizagem, pensamento e adaptabilidade. Ser se competente socialmente inclui ser prossocial, empático, capaz de se envolver em diferentes actividades e capaz de resolver problemas sociais, no que se refere a dimensão relacional, ao desenvolvimento de estruturas de compreensão e de acção interpessoal (Howes, 1983; Vaughn & Hogan, 1994).

2.4- A Auto - Eficácia Conduzida pelo Treinador

Vários estudos investigaram o papel dos treinadores na construção das crenças de eficácia nos seus atletas e equipas. Essas investigações, verificaram que as expectativas de eficácia do treinador no atleta ou na equipa, pode ter um papel determinante na crença da eficácia dos seus atletas. (Feltz & Lirgg, 2001). Treinadores que apresentam elevada crença na eficácia da equipa, percebem-se a si próprios como possuidores de um elevado controlo sobre os resultados apresentados pela equipa. Porém, quanto maior é a percepção de qualidade do oponente, menor é a crença na eficácia da sua equipa (Feltz & Lirgg, 2001).

Outros factores que contribuem para uma baixa expectativa dos treinadores na sua equipa, inclui a percepção que os próprios jogadores possuem baixa eficácia e uma inconsistência em performances anteriores na equipa. Os estudos confirmam que se os jogadores estiverem consciente das expectativas de eficácia que o treinador tem na equipa, uma situação similar a do efeito Pigmalião pode ocorrer. De acordo com este efeito, o treinador forma expectativas em relação à sua equipa. Ele ou ela age de forma consistente com essas expectativas. Os atletas, por sua vez, percebem e interpretam essa acção e respondem de forma que reforça essas expectativas iniciais. Se isso acontece, os treinadores com baixas expectativas em relação à eficácia da sua equipa pode inadvertidamente contribuir para uma baixa eficácia dos seus jogadores, enquanto outros treinadores que acreditam nas capacidades suas equipas, são capazes de contribuir para uma eficácia elevada. (Feltz & Lirgg, 2001).

Outra linha de investigação, incide sobre a avaliação da eficácia das crenças do treinador no que diz respeito a sua própria capacidade de treinador. Como sugere Bandura, (2002), o desenvolvimento de resiliência de auto-eficácia nos atletas é bastante influenciado pela eficácia da gestão dos treinadores. A eficácia dos treinadores tem sido definido como a medida em que os treinadores acreditam que têm a capacidade de afectar a aprendizagem e o desempenho dos seus atletas (Feltz & Lirgg, 2001). Seguindo a linha que Bandura concebeu sobre a auto-eficácia, Feltz e tal. (1999), propuseram quatro dimensões da influência da eficácia do treinador através de desempenhos e de experiências anteriores, na forma como percebem a habilidade dos atletas, e como percebem o seu suporte social.

Parte II
Estudo Empírico

1.1. Cuidados Éticos e Deontológicos

É importante realçarmos no decorrer deste estudo, a importância dos cuidados éticos e deontológicos os quais não podem ser menosprezados. Neste sentido, irão ser tomados os seguintes cuidados de natureza ética e deontológica:

1. Pedido de autorização à Instituição Juventude Sport Clube onde se pretende efectuar o estudo;
2. Pedido de autorização aos encarregados de educação dos jovens atletas que irão participar no estudo;
3. Garantia de anonimato dos participantes e da confidencialidade dos resultados obtidos;
4. Realçar o carácter voluntário da participação no estudo, garantindo o consentimento informado dos participantes no estudo;
5. Dar conhecimento dos resultados da investigação aos participantes no estudo e à instituição Juventude Sport Clube;
6. Transmitir os resultados da investigação de forma adequada aos participantes.

1.2 Contextualização do Estudo

Santos, (2000, p.114), refere a cooperação como “a realização deliberada de acções, por parte de vários indivíduos, de forma coordenada, para o prosseguimento de finalidades que compatibilizam interesses de todos”. Desta forma podemos perceber, que sendo um comportamento deliberado será sempre resultado da decisão voluntária de cooperar ou não com o outro. Assim, como sugere Garcia-Mas e colaboradores (2006, p. 429), “ a conduta desportiva de um desportista pode ser observada através da sua decisão de cooperar ou não face aos objectivos colectivos”, sendo que essa decisão deliberada, será influenciada por factores disposicionais condicionados ou incondicionados segundo o autor. Porém acreditamos que os indivíduos com elevado auto-conceito de competência positivo, sendo mais confiantes, seguros e com maior estima em si, a sua decisão deverá ser mais eficaz de forma a rentabilizar melhor as suas capacidades como referem Shavelson & Bolus, (1982), que consideram que os indivíduos que reconhecem e valorizam a sua competência têm mais probabilidades de a rentabilizar. Assim, poderão apresentar maior predisposição para cooperar com os objectivos da equipa. Sabendo que a cooperação é um comportamento crucial para um bom funcionamento em equipa, para a obtenção dos objectivos organizacionais e colectivos, mas também individuais, será importante perceber de que forma pode o comportamento cooperativo ser potenciado tendo em vista a conjugação de benefícios. A cooperação apresenta - se sempre como uma acção interactiva de benefícios mútuos para os intervenientes. No contexto analisado no presente estudo interessa perceber o comportamento cooperativo como a base de uma equipa de futebol, tendo em vista a congregação de esforços dos seus diferentes intervenientes, no sentido do cumprimento dos objectivos organizacionais. mas que é afectado por forças motivacionais intrínsecas, como as atitudes e valores dessas mesmas pessoas. Essas forças motivacionais intrínsecas resultam em parte das percepções de eficácia e de competência que os indivíduos têm de si próprios afectando directamente a sua estima e a sua forma de se relacionarem com os outros. Desta forma entende-se que quanto maior for a percepção de competência que o individuo tem de si, mais segura e confiante será a tomada de decisão do individuo, maior será o controlo interno do individuo sobre as suas capacidades, facilitando a direcção a intensidade e o esforço mobilizado pelo mesmo na prossecução e obtenção dos objectivos individuais e colectivos. Assim espera-se maior força motivacional intrínseca dos indivíduos e conseqüentemente maior predisposição para cooperar ou

colaborar, na actividade ou tarefa, quando estes percebem níveis mais elevados de competência. Porém existem algumas ressalvas em relação a elevada percepção de competência quando percebida como maioritariamente criativa, visto que os indivíduos que se percebem sobretudo criativos podem apresentar maior tendência individualista podendo apresentar menos predisposição para cooperar com os objectivos colectivos, ou então poderão contribuir para o funcionamento em equipa de forma mais colaborativa, isto é expressando a sua criatividade de forma colaborativa. Assim, visto que no presente estudo a cooperação desportiva será analisada segundo o modelo teórico apresentado por Garcia-Mas e colaboradores (2006), onde o autor refere que a conduta desportiva de um atleta pode ser observada pela sua decisão de cooperar ou não com os objectivos colectivos e que essa decisão pode ser influenciada por factores disposicionais condicionados ou incondicionados. Visto que o autor não distingue as condutas cooperativas das colaborativas, podemos deduzir que os indivíduos mais criativos possam de alguma forma estar mais relacionados com a predisposição para cooperar de forma incondicionada, isto é sem querer receber nada em troca. Da mesma forma podemos deduzir que os indivíduos com maior auto-conceito de competência cognitiva possam estar mais relacionados com a predisposição para cooperar de forma condicionada, isto é com o intuito de receber alguma coisa em troca, visto que os indivíduos mais cognitivos poderão apresentar um funcionamento mais racional e estratégico e desta forma explorarem as finalidades ou funções cooperativas de forma a retirarem alguma coisa em troca. Em relação aos indivíduos com maior auto-conceito de competência social podemos deduzir que estes se identifiquem mais com a predisposição para cooperar de forma (condicionada) por factores situacionais, isto é pela interacção com o treinador e companheiros, visto apresentarem maiores capacidades relacionais.

Tal como confirmam Harter (1981), cit. por Weiss & Chaumeton, (1992), os sujeitos participam em actividades nas quais se percebem como competentes, derivando desta percepção sentimentos de eficácia e afectos positivos que motivam os sujeitos. Bandura, refere que as crenças das pessoas na sua eficácia colectiva influenciam a orientação dos mesmos na obtenção dos objectivos que tentam alcançar por meio da acção colectiva, a maneira como usam os seus recursos, quanto esforço dedicam nas suas actividades grupais, a sua resistência quando os esforços colectivos não produzem resultados rápidos, ou encontram forte oposição, e a sua vulnerabilidade ao desânimo que pode perseguir as pessoas que lidam com dificuldades sociais (Bandura, 2008).

Uma vez que os indivíduos constroem o seu auto-conceito através do valor e significado que atribuem as experiências positivas e negativas que vivenciam, mas também devido aos feedbacks resultantes da percepção dos indivíduos significativos. Sabendo da influência da percepção de competência no controlo da direcção e intensidade do esforço dispendido numa tarefa, será importante potenciar o desenvolvimento de um auto conceito positivo, que possa conduzir o indivíduo a experienciar maior sentimento de competência e de satisfação nas tarefas de forma a melhor controlar e intensificar a direcção do seu esforço na realização da sua função na tarefa. Apesar de se tratar de um contexto desportivo, procura se verificar o auto – conceito de competência em três grandes dimensões situadas dentro das competências transversais, isto é transferíveis de contexto para contexto tais como as cognitivas, sociais e criativas, que possam influenciar a decisão dos atletas em cooperar ou não face aos objectivos colectivos. Assim conhecer as percepções de competência a nível cognitivo, criativo e social, poderá trazer novas perspectivas para o conhecimento científico, de forma a que se possam criar formas de intervenção que prevejam alguma tendência comportamental que potencialize a cooperação e o trabalho em equipa. Desta forma se se verificar a correlação do auto-conceito de competência com os diversos tipos de cooperação desportiva, podemos inferir que potenciar o auto conceito positivo e a percepção de competência nos indivíduos (neste caso atletas), poderá potenciar a pré disposição cooperativa dos mesmos assim como a decisão destes em cooperar com os restantes companheiros da equipa, dentro ou fora de campo e com o seu treinador. Assim será importante perceber qual é o estilo de cooperação com o qual os atletas mais se identificam de forma a melhor identificar o “estímulo cooperativo” mais significativo para estes e assim observar e adaptar melhor esses estímulos as necessidades dos indivíduos, que os conduzirá mais facilmente a atingir os objectivos pessoais, grupais e organizacionais.

1.3 Objectivo do Estudo e Questões de Investigação

Visto que os indivíduos com um elevado auto-conceito de competência apresentam maior confiança, segurança e estima em si, e que essas características influenciam a forma de se relacionar com os outros afectando o funcionamento em equipa, acreditamos que a decisão dos indivíduos em cooperar com os objectivos colectivos será superior nos indivíduos com elevado auto-conceito de competência. O principal objectivo do presente estudo será tentar verificar que relação existe entre o elevado auto-conceito de competência e os níveis de cooperação, onde acreditamos que independentemente do tipo de competência mais elevado ser cognitivo, social ou criativo a conduta cooperativa será sempre superior aos indivíduos que apresentam um auto-conceito de competência mais baixo. Da mesma forma procura-se encontrar qual a relação existente entre as dimensões criativas, cognitivas e sociais do auto-conceito e os tendências disposicionais dos atletas em cooperar ou não face aos objectivos colectivos. Assim, pretendemos verificar qual será a principal ou as principais percepções individuais dos atletas em relação aos domínios de competências que orientam e mobilizam os indivíduos na realização das tarefas e na obtenção dos seus objectivos, e de que forma estas estratégias podem influenciar as decisões cooperativas dos mesmos. Desta forma procura-se identificar algumas tendências comportamentais dos atletas actuando em dois pólos fundamentais, na análise dos indivíduos sobre suas crenças de eficácia e de domínio em contextos de realização, e nas suas tendências disposicionais em cooperar ou não, sendo que esta tendência cooperativa será analisada em três vertentes, pré disposição para cooperar de forma incondicionada (isto é com uma motivação mais intrínseca), condicionada, (isto é despontada por algum factor intrínseco) ou situacional, (isto é despontada por algum factor situacional, neste caso mais precisamente o treinador ou companheiros).

A presente investigação tem como objectivo, verificar se os níveis de cooperação são afectados pela percepção de competência que os atletas percebem ter de si. Além disso tem a pertinência de ocorrer num contexto desportivo e colectivo, que como se verificou eleva o conceito de grupo à equipa, onde se espera que ocorram maiores níveis de cooperação devido a maior dinâmica e coesão que estas apresentam em relação a um outro grupo.

Desta forma procuramos verificar a relação entre o auto-conceito de competência dos atletas e os seus níveis e estilos de cooperação nas equipas. Desta

forma acreditamos que a tomada de decisão em cooperar com os objectivos colectivos, será maior nos indivíduos com o auto-conceito de competência mais elevado. Assim será importante verificar se os atletas que se percebem com elevado conceito de competência geral tendem a cooperar mais que os atletas com baixo auto-conceito de competência, assim como compreender se existe alguma tendência identificativa entre as dimensões do auto-conceito de competência percebido pelos atletas e a sua predisposição cooperativa. Será importante poder identificar alguma tendência comportamental dos atletas, em cooperar ou não, tendo como base a percepção individual dos mesmos sobre o controlo interno das suas capacidades, e que capacidades podem estar mais associadas as pré disposições cooperativas remetendo para as estratégias de suporte base no sentido dos atletas maximizarem os seus ganhos pessoais em acções colectivas. Uma vez que as competências apresentam tantas formas quantas as necessidades de resposta as exigências das tarefas onde os indivíduos se movem, sentimos a necessidade de recorrer a um questionário que avaliasse as competências mais estruturais do individuo uma vez que estas apresentam um cariz mais transversal que acompanham o individuo de contexto para contexto. De forma a otimizarmos a nossa análise decidimos acrescentar um conjunto de variáveis qualitativas que nos permitam demarcar algumas diferenças entre as necessidades reveladas pelos indivíduos em função do escalão etário, posições no terreno, estatuto profissional, estatuto regular e região do país, pois como sabemos estas variáveis apresentam especificidades que condicionam os resultados.

Face a estes objectivos, colocam-se as seguintes questões de investigação:

- Qual a relação entre o auto-conceito de competência e as disposições de cooperação desportiva?
- Qual a relação entre os estilos de cooperação nas diferentes idades?
- Qual a relação entre o estatuto profissional e as disposições de cooperação desportiva?
- Qual a relação entre o estatuto profissional e o auto-conceito de competência?

-Qual a relação entre a posição que os atletas ocupam em campo e as disposições de cooperação desportiva?

-Qual a relação entre a posição que os atletas ocupam em campo e o auto-conceito de competência?

-Em medida existe alguma saliência comum entre as percepções de competência dos atletas que possa indiciar uma possível homogeneidade disposicional cooperativa?

1.4 Método

1.4.1. Amostra

O estudo empírico foi realizado na época desportiva de 2008/2009 com uma amostra constituída por cerca de 120 atletas (adolescentes e adultos) todos eles do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos, (do escalão de juniores e seniores) de várias equipas de Futebol Profissionais e Semi-Profissionais de Portugal Continental e Ilhas, mais propriamente da Zona do Alentejo e da Ilha da Madeira. A tabela (1) apresenta a distribuição completa dos indivíduos pelas respectivas idades. A escolha desta amostra foi sobretudo de conveniência, pela maior facilidade em estabelecer os contactos e proceder a recolha. Uma das zonas de recolha foi a zona centro do Alentejo, por ser o local de permanência para o estudo, e a outra foi a ilha da Madeira por ser o local de residência fixa. Espera-se que a amostra em estudo possibilite compreender melhor algumas das questões de investigação sugeridas por alguns autores, uma vez que algumas teorias da cooperação sugerem que os grupos cooperativos apresentam uma maior homogeneidade entre os elementos constituintes a perspectiva oposta sugere uma maior diversidade entre estes. Sabendo da grande variabilidade de características, físicas, psicológicas e técnicas existente dentro das equipas desportivas, resultante da especificidade das funções e papéis de cada um dos atletas. Assim a amostra pode possibilitar a verificação de alguma saliência mais comum entre os diversos elementos que possam indiciar uma possível homogeneidade disposicional.

As equipas desportivas por serem considerados grupos especiais com características específicas derivadas da sua dinâmica interna, podem facilitar a leitura empírica sobre os comportamentos cooperativos já que as equipas desportivas funcionam normalmente como uma identidade social de ligação entre os respectivos membros constituintes da equipa, proporcionando relações de interdependência resultantes da coesão interna.

Sendo que uma equipa é mais do que um grupo simples de pessoas que interagem de forma coordenada com o objectivo de alcançar uma finalidade comum, prevê-se que possam ocorrer maiores níveis de cooperação. Outra das pertinências da escolha da amostra remete para o facto de existirem estudos que comprovam o contributo da prática desportiva na promoção do auto-conceito.

Em seguida serão apresentadas as tabelas referentes a distribuição dos sujeitos, por idades (tabela 1), pela posição ocupada dentro de campo (tabela 2), pelo seu estatuto profissional (tabela 3), pelo seu grau de identificação com o Clube que representam (tabela 4), pela condição regular (titular ou suplente, tabela 5), e pela percepção relacional com o treinador (tabela 6). Estas variáveis representam condicionantes individuais e contextuais que podem influenciar os atletas nas suas motivações e alterar a decisão destes em cooperar ou não e conseqüentemente alterar os níveis ou a percepção do estilo cooperativo.

Em seguida apresentamos a tabela 1 referente a distribuição dos sujeitos constituintes da amostra em função das idades, sendo meramente informativa, uma vez que a análise das idades será efectuada em função do escalão etário representativo.

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos por idades

Idade	N	%
16	1	,8
17	10	8,3
18	15	12,5
19	11	9,2
20	8	6,7
21	4	3,3
22	5	4,2
23	11	9,2
24	13	10,8
25	6	5,0
26	9	7,5
27	9	7,5
28	4	3,3
29	2	1,7
30	3	2,5
31	1	,8
32	6	5,0
33	1	,8
34	1	,8
Total	120	100%
Média	23,01	
Desvio Padrão	4,496	

Como podemos verificar na tabela 1, os atletas que fizeram parte desta investigação tinham idades compreendidas entre os 16 anos e os 34 anos (sendo que apenas um participante tinha 16 anos, 1 com 31 anos, 1 com 33 anos e 1 com 34 anos, 2 com 29 anos, 3 com 30 e os restantes distribuíram-se pelas restantes faixas etárias representativas da amostra. A média é de 23,01 e o desvio padrão é de 4,496.

Em seguida apresenta-se os resultados da distribuição dos sujeitos em função da posição que ocupam dentro de campo.

Tabela 2: Análise a distribuição dos sujeitos em função da posição

Posição	N	%
Guarda - Redes	14	11,7
Defesas	36	30,0
Médios	53	44,2
Avançados	17	14,2
Total	120	100%

Assim podemos verificar que dos 120 atletas constituintes da amostra 14 (11,7%) são guarda – redes, 36 (30%) são defesas, 53 (44,2%) são médios e 17 (14,2%) são avançados, abrangendo na totalidade as diferentes posições representativas que constituem as equipas de futebol, respeitando as especificidades e características funcionais dos individuais mediante o seu papel contextual. Dentro da amostra a posição mais representada é a de médios (44%) da amostra, seguido dos defesas (30%), avançados (17%) e guarda – redes (11,7%).

Seguidamente apresenta-se a tabela 3 referente a distribuição dos sujeitos em função do seu estatuto profissional.

Tabela 3: Análise à distribuição dos sujeitos em função do seu estatuto profissional

Estatuto Profissional	N	%
Profissionais	67	55,8
Semi - Profissionais	53	44,2
Total	120	100%

A Tabela 3 mostra a distribuição dos atletas em função do seu estatuto profissional. Assim podemos verificar que 67 (55,8%) dos atletas são profissionais e 53 (44,2%) são semi – profissionais.

Em seguida apresentamos a análise dos resultados da distribuição dos sujeitos em função da condição regular.

Tabela 4: Análise à distribuição dos atletas em função da sua condição regular

Condição Regular	N	%
Titular	66	55,0
Suplente	53	44,2
Total	120	100%

Podemos verificar na tabela 4 que 66 atletas (55%), assumem-se como sendo regularmente titulares representando a maioria da amostra. O que sugere que a maioria dos atletas assumem um papel importante nas funções que exercem dentro da equipa para a obtenção dos objectivos colectivos. 53 Atletas (44,2%), assumem-se como regularmente suplentes.

1.4.2- Instrumentos

De forma a atingir os objectivos propostos neste estudo, foram utilizados dois instrumentos de recolha de dados: Questionário de Avaliação do Auto-Conceito de Competência Rätty e Snellman (1992), na sua adaptação portuguesa de Faria e Santos (1996) que avalia a percepção de competência nas dimensões sociais, cognitivas e criativas, e Questionário de Cooperação Desportiva de Garcia – Mas e colaboradores 2006, na sua versão adaptada a população portuguesa de Almeida, e colaboradores 2008) que avalia a cooperação em 2 factores disposicionais (Cooperação condicionada e Cooperação incondicionada) e um factor situacional com o treinador (Cooperação com o treinador).

a) Questionário de Avaliação do Auto-Conceito de Competência (EACC)

Para a avaliação do auto-conceito de competência dos sujeitos será utilizado a adaptação do Questionário da Avaliação do Auto-conceito de competência, de Faria e Santos (1996).

O instrumento tem 31 itens - respondidos através de uma escala de likert de 5 pontos – que se agrupam em 6 dimensões ou subescalas, designadas (i) resolução de problemas (RP) – 7 itens sobre a percepção de competência no domínio das aprendizagens cognitivas, da resolução de problemas e da aplicação de conhecimentos à prática; (ii) sofisticação ou motivação para a aprender (SA) – 5 itens sobre a percepção de competência no domínio do investimento e da motivação na aprendizagem; (iii) prudência na aprendizagem (PA) – 4 itens sobre a percepção de competência no domínio da precisão e da profundidade na aprendizagem; (iv) cooperação social (CS) – 6 itens sobre a percepção de competência no domínio da cooperação com os outros; (v) assertividade social (AS) – 5 itens sobre a percepção de competência no domínio social (capacidade para expressar opiniões, travar conhecimentos e iniciar acções); e (vi) pensamento divergente (PD) – 4 itens sobre a percepção de competências manuais, físicas e musicais (ligadas a criatividade). Os itens são distribuídos de forma não consecutiva.

A escala foi construída destinando-se a adolescentes (a partir dos 15/16 anos) e a adultos.

A escala original foi da autoria de Rätty e Snellman (1992), passando numa primeira fase pela utilização de questões abertas. Foram utilizados 62 sujeitos finlandeses com idades compreendidas entre os 16 e os 60 anos, de ambos os sexos e

de níveis sócio - económicos diversificados. Assim foi pedido que indicassem as características típicas de um adulto inteligente. Foram obtidas um total de 260 descrições sendo objecto de análise de conteúdo, de onde foram encontradas 80 características. O mesmo estudo foi repetido, usando outras duas amostras, uma de 30 pais finlandeses (mães maioritariamente) e outra de 26 professores finlandeses (na sua maioria do sexo feminino), onde foi pedido aos sujeitos para descreverem as características de um aluno inteligente. Foram obtidas 367 descrições obtidas que deram origem a um conjunto final de 72 características.

Numa segunda fase, foi pedido a amostra seleccionada entre os habitantes de uma pequena cidade do leste da Finlândia, num total de 152 sujeitos (58% do sexo feminino), para pensarem num adulto ou num aluno inteligente que conhecessem pessoalmente e para avaliarem o grau em que cada uma das características obtidas anteriormente, numa escala de 5 pontos, se adequava à descrição do adulto ou do aluno em que tinham pensado. O mesmo estudo foi também realizado com uma amostra de 93 professores (63% do sexo feminino) e com uma amostra de 69 pais (68% eram mães), a quem se pediu para avaliarem o grau de adequação de cada uma das características para descrever um aluno inteligente, numa escala de cinco pontos. Os resultados obtidos foram integrados, tendo sido analisados separadamente para as características do adulto e do aluno inteligente: após as respectivas análises factoriais, foi possível seleccionar 31 itens, representando seis sub escalas do auto – conceito de competência (Faria & Lima Santos, 1996).

Essas seis sub escalas, perfazem três domínios, cognitivo, social e criativo. O domínio ou Dimensão Cognitiva é composta pela sub escala de “Resolução de problemas” itens (2, 8, 14, 20, 26, 30 e 31), referente a percepção de competência no domínio das aprendizagens cognitivas, da resolução de problemas e da aplicação de conhecimentos á prática. Pela sub escala de, “Sofisticação ou motivação para aprender” itens (5, 11, 17, 23 e 28), referente a percepção de competência no domínio do investimento e da motivação na aprendizagem. Pela sub escala de, “Prudência na aprendizagem” itens (4, 10, 16, 22), referente a percepção de competência no domínio da precisão e da profundidade na aprendizagem. A Dimensão Social por sua vez é constituída pela sub escala de, “Cooperação social” itens (1, 7, 13, 19, 25, e 2), referente a percepção de competência no domínio da cooperação com os outros. Pela sub escala de “Assertividade social” itens (3, 9, 15, 21 e 27), referente a percepção de competência na capacidade de travar conhecimentos, expressar opiniões e iniciar acções. A Dimensão Criativa é constituída apenas pela sub escala de, “Pensamento

divergente” itens (6, 12, 18, 24), referente a percepção de competências físicas, manuais, e musicais (Faria & Lima Santos, 1996).

A versão portuguesa da escala foi administrada colectivamente, a uma amostra de 413 (147 rapazes e 266 raparigas), com idades compreendidas entre os 17 e os 35 anos, de escolas e universidades do Grande Porto, sendo 308 do ensino secundário (124 rapazes e 184 raparigas) e 105 do ensino superior (23 rapazes e 82 raparigas). O instrumento seguiu as normas de tradução exigidas, de finlandês para português e novamente de português para finlandês, onde se verificaram as semelhanças entre a versão original e a tradução portuguesa. Em geral as qualidades psicométricas do questionário apresentaram resultados satisfatórios que apoiam a aplicação do instrumento ao contexto português. No índice de discriminação dos itens a sub escala de “Resolução de problemas” foram os mais discriminativos, enquanto os referentes a sub escala de “pensamento divergente” foram os menos discriminativos. Quanto ao poder discriminativo dos itens, apresentaram-se de um modo geral satisfatórios, exceptuando os itens constituintes da sub escala “Cooperação social” da versão original (Faria & Lima Santos, 2001). No que se refere a fidelidade do teste - reteste, os resultados das sub escalas indicam uma estabilidade temporal satisfatória, exceptuando a sub escala “Assertividade social”, (Faria & Lima Santos, 2001).

A administração pode ser individual ou colectiva, não tendo tempo limite. Cada item é cotado de 1 a 5, indicando 1 “baixo auto – conceito de competência” e 5 “elevado auto – conceito de competência”. Os valores são somados para cada subescala, obtendo – se assim valores diferentes para cada uma das 6 dimensões do auto – conceito.

b) Questionário de Cooperação Desportiva (QCD)

Para a avaliação dos Níveis de Cooperação nas Equipas será utilizado o Questionário de avaliação da Cooperação Desportiva de Alexandre Garcia-Mas, Aurelio Olmedilla, Miguel Morilla, Claudia Rivas, Eva Garcia Quinteiro e Enrique Ortega Toro, adaptado a população Portuguesa por Almeida, P. (2008).

O QCD (Garcia – Mas e tal., 2006) é um instrumento desenvolvido a partir dos temas relacionados com o constructo da cooperação/competição interpessoal.

O Questionário é formado por 15 itens divididos por cinco sub escalas que pretendem avaliar outras tantas dimensões da cooperação desportiva. Duas destas dimensões são disposicionais (Cooperação condicionada e Cooperação

incondicionada) e três situacionais (Cooperação com o treinador, Cooperação com os companheiros de equipa e Cooperação fora de campo). É respondido numa escala de tipo likert (1=nada; 2=pouco; 3=algo; 4= bastante;5= muito). Contudo a versão utilizada para o estudo foi baseada na versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Almeida, et. al, 2008).

As análises efectuadas por Almeida, (2008), para a adaptação a língua portuguesa, sobretudo as propriedades psicométricas, concretamente a análise factorial confirmatória indicaram a validade do constructo, ou seja correcta percepção do significado do conceito de cooperação no contexto desportivo, porém não foram confirmados os cinco factores propostos pelo autor original Garcia – Mas e colaboradores (2006). Desta forma, na versão traduzida e adaptada para a população portuguesa apenas foram identificados três factores. Assim o modelo mantém os 15 itens sugeridos pelo autor original (Garcia – Mas e colaboradores, 2006), porém agrupados em apenas três dimensões, concretamente o factor Disposicional, de Cooperação incondicionada; o factor Disposicional de Cooperação condicionada, e por ultimo o factor Situacional de Cooperação.

A semelhança do que referem Garcia – Mas e colaboradores (2006), a conduta de cooperação desportiva deriva da tomada de decisão por parte de cada atleta em função da primazia da racionalidade e da motivação pela busca dos seus interesses e objectivos.

1.4.3. Procedimentos

Inicialmente, foram estabelecidos contactos com as respectivas direcções de todos os Clubes envolvidos nesta investigação, com o objectivo de explicar as intenções do estudo e obter a autorização respectiva no sentido de poder recolher a amostra necessária as necessidades empíricas. Posteriormente foram contactados os treinadores das respectivas equipas de forma a orientar o melhor dia e horário para se proceder ao preenchimento dos respectivos questionários, passando apenas para os atletas a ideia de chegarem um pouco mais cedo ao treino no dia estipulado. Aos atletas foi solicitado o pedido voluntário de participação no estudo de mestrado, sendo que foi pedido aos mesmos a leitura das instruções iniciais dos respectivos questionários, e o máximo de sinceridade nas respostas evitando ao máximo as ideias socialmente mais adequadas, cingindo-se a colocarem aquilo que realmente sentia.

Os questionários foram agrafados um ao outro, sendo que a Escala de Auto-conceito de Competência surgia em primeiro plano de modo a evitar algum tipo de contágio entre o questionário de cooperação desportiva e a tendência para adequar as competências mais relacionadas a conduta de cooperação desportiva pelo questionário de cooperação desportiva. Assim os atletas auto-caracterizavam as suas competências e só posteriormente contextualizavam o seu comportamento cooperativo. Foi também comunicado o anonimato das respostas recolhidas aos participantes e a divulgação dos resultados apenas em forma de grupo de atletas salvaguardando a imagem dos mesmos, assim como as dos respectivos Clubes.

A aplicação dos questionários aconteceu em dois momentos distintos, sendo que o primeiro aconteceu entre Maio e Junho (final da época desportiva) com as equipas do Alentejo, e Agosto e Setembro (início da época desportiva) com as equipas da Ilha da Madeira.

Por fim, a análise estatística dos resultados foi realizada através da utilização do programa SPSS (versão 16.0.1 para Windows). Essas análises procuram respeitar a natureza mais quantitativa ou qualitativa das variáveis em estudo.

1.5 Apresentação dos Resultados

Análise factorial do Questionário de Cooperação Desportiva (QCD-p)

Com o objectivo de verificar a estrutura do questionário e o grau de semelhança com a versão adaptada do Questionário de Cooperação Desportiva para a população portuguesa proposta por Almeida et al. (2008), ou mesmo identificar alguma semelhança com o questionário original de Garcia – Mas et al. (2006), assim como verificar as respectivas dimensões constituintes, procedeu-se a análise factorial dos resultados em componentes principais, com rotação Varimax. Primeiramente testou-se a adequabilidade da aplicação da técnica de análise factorial de componentes principais aos resultados obtidos, utilizando o teste de esfericidade de Bartlett e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Os resultados preliminares da Análise Factorial Exploratória sem imposição de limite ao número de factores a extrair recorrendo a regra de Kaiser, indicaram que neste caso a concepção da cooperação desportiva é compreendida desde quatro dimensões, uma vez que os itens agrupam-se em quatro factores. Apesar de apresentar os mesmos quatro factores resultantes da análise preliminar proposto por Almeida et al. (2008) na validação e adaptação para a população portuguesa, os itens não se agrupavam da mesma forma. Os resultados obtidos não foram ao encontro do modelo teórico que deu origem a adaptação do instrumento para a população portuguesa, nem ao encontro ao modelo teórico que deu origem ao instrumento original. Desta forma, num primeiro momento foi analisado o modelo original distribuído por cinco factores propostos e o modelo adaptado para a versão portuguesa distribuído por três factores e mediante o agrupamento apresentado e a análise simbólica dos respectivos itens obteve-se um modelo constituído pelos mesmos 15 itens, agrupados em 3 factores, porém distintos dos três factores propostos por Almeida et al. (2008), na adaptação do Questionário de Cooperação Desportiva para a população portuguesa. Desta forma apresenta-se o factor 1 (Cooperação Situacional, SC) composto pelos itens 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 14; pelo factor 2 (Disposicional, de Cooperação incondicionada, DCI) composto pelos itens 3, 10, 13, 15; e por último no factor 3 (Disposicional, de Cooperação condicionada, DCC) constituído pelos itens 8,12.

Análise da Fidelidade do Questionário de Cooperação Desportiva

De forma a determinar a fidelidade do Questionário de Cooperação Desportiva, procedeu-se ao cálculo do Alfa de Cronbach, (Nunnally, 1978) uma prova de homogeneidade que permite verificar a consistência interna de um grupo de variáveis (Maroco, 2003), isto é se os vários itens constituintes medem uma entidade comum.

Tabela 5: Análise à fidelidade do QCD

	Alfa de Cronbach	N de Itens
Disposicional Incondicionada	,620	4
Disposicional Condicionada	,512	2
Situacional	,819	9
TOTAL	,814	15

Foi obtido um α global de 0.814. Este valor, sendo elevado, significa que a escala tem uma boa consistência interna. Este valor é ligeiramente superior ao valor apresentado pelo autor da adaptação e validação do questionário para a população Portuguesa, que foi de 0.813.

Em seguida procedeu-se à análise da consistência interna de cada uma das três subescalas que representam da mesma forma as três dimensões (dimensão de cooperação disposicional incondicionada, dimensão de cooperação disposicional condicionada e dimensão de cooperação situacional) do QCD.

Para a dimensão de cooperação disposicional incondicionada constituída por 4 itens, obteve-se um alfa de Cronbach de ,620. As correlações item – total variam entre .357 e .443. Para a dimensão de cooperação disposicional condicionada constituída por 2 itens, obteve-se um alfa de Cronbach de ,512. As correlações item – total variam entre .344 e .344. Por fim, para a dimensão de cooperação situacional constituída por 9 itens, obteve-se um alfa de Cronbach de .819. As correlações item – total variam entre .342 e .652.

Estes dados mostram que apesar das subescalas não apresentarem todas uma elevada consistência interna individual a excepção da dimensão de cooperação situacional, apresentam uma elevada consistência total, logo uma boa fidelidade interna. As restantes duas dimensões, apresentam baixa consistência entre os itens avaliados, logo fraca fidelidade interna.

Análise descritiva do Questionário de Cooperação Desportiva

Em seguida procedeu-se a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas a cada um dos itens das três subescalas do questionário. Apresenta-se as distribuições de frequência das respostas dadas às diferentes disposições cooperativas. A tabela mostra as frequências para cada uma das respostas aos 15 itens do Questionário de Cooperação Desportiva, distribuídos pelas suas respectivas dimensões.

Tabela 6: Análise à Frequência de respostas aos itens constituintes do QCD

Questionário Cooperação Desportiva	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão
Cooperação Condicionada							
8. Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.	6 (5,0%)	16 (13,3%)	37 (30,8%)	36 (30%)	25 (20,8%)	<u>3,48</u>	1,115
12. A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.	16 (13,3%)	16 (13,3%)	37 (30,8%)	38 (31,7%)	13 (10,8%)	3,13	1,188
Cooperação Incondicionada							
15. Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,8%)	23 (19,2%)	96 (80,0%)	<u>4,79</u>	0,428
13. Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.	0 (0%)	1 (0,8%)	3 (2,5%)	52 (43,3%)	64 (53,3%)	4,49	0,594
10. Para concretizar os objectivos da equipa, temos de	0	3	14	56	47	4,22	0,750

nos ajudar uns aos outros fora do campo, em questões pessoais, ou no balneário.	(0%)	(2,5%)	(11,7%)	(46,7%)	(39,2%)		
3.É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.	2	0	11	49	56	4,33	0,785
	1,7%	(0%)	(9,2%)	(40,8)	(46,7%)		

Cooperação Situacional

1. Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos.	0	0	2	24	94	<u>4,77</u>	0,463
	(0%)	(0%)	(1,7%)	(20%)	(78,3%)		
2. Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo	0	0	7	57	56	4,41	0,601
	(0%)	(0%)	(5,8%)	(47,5%)	(46,7%)		
11. Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.	0	1	6	56	57	4,41	0,628
	(0%)	(0,8%)	(5,0%)	(46,7%)	(47,5%)		
14. Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.	0	1	13	50	56	4,34	0,704
	(0%)	(0,8%)	(10,8%)	(41,7%)	(46,7%)		
5. Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.	1	1	9	63	46	4,27	0,707
	(0,8%)	(0,8%)	(7,5%)	(52,5%)	(38,3%)		
7. Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.	1	1	19	46	53	4,24	0,810
	(0,8%)	(0,8%)	(15,8%)	(38,3%)	(44,2%)		
4. Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial	0	5	11	55	49	4,23	0,786
	(0%)	(4,2%)	(9,2%)	(45,8%)	(40,8%)		
6. Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente	0	4	15	51	50	4,22	0,793
	(0%)	(3,3%)	(12,5%)	(42,5%)	(41,7%)		
9. Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a	0	4	18	59	39	4,11	0,776
	(0%)	(3,3%)	(15%)	(49,2%)	(32,5%)		

sacrificar as minhas ideias
acerca do jogo.

TOTAL DO QUESTIONÁRIO

4,22 11,11

Como podemos verificar na tabela, verifica-se que os itens que apresentam maior frequência de resposta entre os atletas são sobretudo o item 15 “se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor”, escolhido por 96 atletas (80%) da amostra, inserido na dimensão de cooperação disposicional incondicionada, sendo aquele que apresenta a maior frequência de resposta dentro de todos os itens constituintes do Questionário de Cooperação Desportiva. Em seguida surge o item 1 “ se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos”, escolhida por 94 atletas (78,3%) da amostra, inserido na dimensão de cooperação situacional e o item 13 “ eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades que eu”, escolhido por 64 atletas (53,3 %) da amostra, inserido na dimensão de cooperação disposicional incondicionada. Porém verifica-se que estes itens por apresentarem uma percentagem de respostas superiores a 50% não apresentam um elevado índice de fiabilidade no que se refere a especificidade das dimensões analisadas. Contudo e mesmo tomando em consideração essa situação, podemos definir que a maioria dos atletas constituintes da amostra em estudo identifica a necessidade de união do grupo como uma forma de melhorar o desempenho e de alcançar os objectivos da equipa, colaborando com os companheiros mesmo que estes tenham mais capacidade que o próprio. Verifica-se aqui uma prevalência da necessidade de união de grupo e uma cedência de protagonismo e de poder individual em prol dos objectivos colectivos

Por outro lado os itens que apresentam maior dispersão entre as escolhas dos atletas são o item 8 “ quando com o meu jogo, ou com o meu esforço, ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma”, e o item 12 “a minha cooperação com os meus companheiros e com o meu treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que me dão a mim” sendo aquele que apresenta maior frequência de respostas dentro do valor “nada” 16 atletas (13,3%) da amostra, o que significa que é o item com o qual um maior número de atletas não se

identifica no que diz respeito ao estilo de cooperação. Tanto o item 12 como o item 8 inserem-se na dimensão de cooperação disposicional condicionada.

Procedeu-se, em seguida, a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas atribuídas pelos atletas com o objectivo de identificar as dimensões que compõem o Questionário de Cooperação Desportiva e a tendência geral destes em situar o seu comportamento mais próximo de um determinado estilo de cooperação.

Em seguida apresentamos a tabela referente a análise descritiva simples das Dimensões do Questionário de Cooperação Desportiva.

Tabela 7: Análise descritiva simples das Dimensões do QCD

Dimensões Cooperação Desportiva	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Cooperação Incondicionada Disposicional	118	3	5	4,46	0,44
Cooperação Situacional	120	3	5	4,33	0,44
Cooperação Condicionada Disposicional	120	1	5	3,31	0,94

Mediante os valores obtidos, podemos verificar que a dimensão de disposição cooperativa que apresenta índices mais elevados é a Cooperação Disposicional Incondicionada (4,46) valor próximo ao máximo designado (muito, 5 valores) no questionário, que sugere que os atletas identificam-se muito com uma pré-disposição para cooperar de forma incondicionada, isto é sem necessitar de receber nada em troca ou de receber algum tipo de influências externas. Pode indiciar um comportamento cooperativo mais autónomo e com uma orientação motivacional mais intrínseca no que requer á direcção e intensidade do esforço empregue na tarefa.

Em seguida surge a Cooperação Situacional (4,33) valor situado próximo do (bastante, 4 valores), que sugere que os atletas se identificam bastante com o tipo de cooperação influenciada situacionalmente pelo treinador ou companheiros, dependendo provavelmente do tipo de relação existente no interior do grupo entre os mesmos, remetendo para uma orientação motivacional mais extrínseca, no que requer

á direcção e intensidade do esforço cooperativo dos atletas empregue na tarefa e na obtenção dos objectivos colectivos.

Por último surge a dimensão de Cooperação Disposicional Condicionada com ($x=3,31$), apesar de inferior a todos os outros analisados anteriormente na escala de Cooperação Desportiva, encontra-se mais perto do valor (algo, 3), o que sugere que ainda assim os atletas identificam-se moderadamente com a pré-disposição para cooperar de forma condicionada, isto é influenciada por alguma necessidade de receber alguma coisa em troca (tal como o reconhecimento), o que remete para uma orientação motivacional tendenciosamente extrínseca para a acção cooperativa, pois estes atletas estarão mais receptivos aos estímulos provenientes do comportamento dos outros (companheiros ou treinador), adequando assim a sua conduta cooperativa.

De igual modo, podemos constatar que os factores de Cooperação Incondicionada Disposicional (0,44) e de Cooperação Situacional (0,44) apresentam valores baixos de desvio-padrão, o que comprova a homogeneidade da amostra para estes factores. O factor de Cooperação Condicionada Disposicional (0,94) contrariamente aos outros factores, apresenta uma maior dispersão de dados, o que pressupõe uma maior heterogeneidade da amostra relativamente a este factor.

Em seguida, procedeu-se, a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas atribuídas pelos atletas com o objectivo de identificar as dimensões que compõem o Escala de Auto-conceito de Competência e a percepção geral destes em relação a imagem que têm de si e das suas capacidades.

Análise dos resultados da Escala Auto-Conceito de Competência

Análise descritiva do EACC

Procedeu-se a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas a cada um dos itens das seis subescalas do questionário.

Escala de Auto – Conceito de Competência

Em seguida apresentam-se a distribuição de frequências das respostas dadas pelos atletas à Escala de Auto-conceito de Competência, a tabela mostra as frequências para cada uma das respostas aos 31 itens da escala EACC devidamente distribuídos pelas respectivas subescalas, assim como as médias e desvio padrão.

Tabela 8: Análise à distribuição de frequências de resposta dos atletas aos itens constituintes da EACC, assim como as médias e desvio padrão

Dimensão	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
Assertividade Social								
3.Arrisco-me a fazer valer a minha opinião	2 (1,7%)	13 (10,8%)	52 (43,3%)	39 (32,5%)	14 (11,7%)	3,42	0,894	120 (100%)
9.Tenho iniciativa própria	0 (0%)	5 (4,2%)	40 (33,3%)	50 (41,7%)	25 (20,8%)	3,79	0,819	120 (100%)
15.Travo novos conhecimentos facilmente	2 (1,7%)	5 (4,2%)	40 (33,3%)	58 (48,3%)	14 (11,7%)	3,65	0,809	120 (100%)
21.Sou uma pessoa com vivacidade	0 (0%)	3 (2,5%)	18 (15%)	69 (57,5%)	30 (25%)	4,05	0,708	120 (100%)
27.Tenho sentido de humor	0 (0%)	3 (2,5%)	28 (23,3%)	44 (36,7%)	45 (37,5%)	4,09	0,840	120 (100%)

Dimensão de Resolução de Problemas	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
2.Encontro facilmente o essencial dos assuntos	1 (0,8%)	12 (10%)	49 (40,8%)	49 (40,8%)	9 (7,5%)	3,44	0,807	120 (100%)
8.Compreendo as coisas rapidamente	0 (0%)	3 (2,5%)	25 (20,8%)	64 (53,3%)	28 (23,3%)	3,98	0,739	120 (100%)
14.Aprendo coisas novas com facilidade	0 (0%)	7 (5,8%)	20 (16,7%)	63 (52,5%)	30 (25%)	3,97	0,809	120 (100%)
20.Consigo aplicar os conhecimentos na prática	0 (0%)	0 (0%)	36 (30%)	71 (59,2%)	13 (10,8%)	3,81	0,612	120 (100%)
26.Resolvo problemas rapidamente	1 (0,8%)	7 (5,8%)	56 (46,7%)	47 (39,2%)	9 (7,5%)	3,47	0,755	120 (100%)
30.Consigo analisar os assuntos de vários pontos de vista	0 (0%)	6 (5%)	42 (35%)	58 (48,3%)	14 (11,7%)	3,67	0,748	120 (100%)
31.Sou capaz de integrar coisas distintas	1 (0,8%)	4 (3,3%)	47 (39,2%)	60 (50%)	7 (5,8%)	3,57	0,696	119 (99,2%)

Dimensão Prudência Aprendizagem	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
4.Sou preciso (a) nas minhas actividades	0 (0%)	5 (4,2%)	29 (24,2%)	61 (50,8%)	24 (20%)	3,87	0,776	119 (99,2%)
10.Faço planos detalhados antes de agir	0 (0%)	16 (13,3%)	49 (40,8%)	48 (40%)	7 (5,8%)	3,38	0,791	120 (100%)

Dimensão Cooperação Social	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
1.Tenho em consideração os outros	0 (0%)	5 (4,2%)	17 (14,2%)	66 (55%)	32 (26,7%)	4,04	0,760	120 (100%)
7.Sou capaz de escutar os outros	0 (0,%)	1 (0,8%)	22 (18,3%)	45 (37,5%)	51 (42,5%)	4,23	0,775	119 (99,2%)
13.Sinto-me preparado (a) para ajudar os outros	0 (0%)	2 (1,7%)	23 (19,2%)	55 (48,8%)	40 (33,3%)	4,11	0,765	120 (100%)
19.Sou uma pessoa amigável	0 (0%)	3 (2,5%)	12 (10%)	46 (38,3%)	49 (49,2%)	4,34	0,761	120 (100%)
25.Sou empático (a) (consigo por - me no lugar dos outros)	3 (2,5%)	4 (3,3%)	41 (34,2%)	59 (49,2%)	13 (10,8%)	3,62	0,821	120 (100%)
29.Não desvalorizo os outros	3 (2,5%)	6 (5%)	23 (19,2%)	46 (38,3%)	42 (35%)	3,98	0,987	120 (100%)

16. Analiso os problemas com profundidade	2 (1,7%)	12 (10%)	47 (39,2%)	45 (37,5%)	14 (11,7%)	3,48	0,888	120 (100%)
22. Tenho um conhecimento detalhado das coisas	0 (0%)	7 (5,8%)	54 (45%)	54 (45%)	5 (4,2%)	3,48	0,673	120 (100%)

Dimensão Sofisticação Aprendizagem	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
5. Interesse-me por assuntos que exigem reflexão	1 (0,8%)	6 (5%)	40 (33,3%)	51 (42,5%)	22 (18,3%)	3,72	0,850	120 (100%)
11. Tenho bons conhecimentos gerais	1 (0,8%)	12 (10%)	43 (35,8%)	53 (44,2%)	11 (9,2%)	3,51	0,830	120 (100%)
17. Leio muito	26 (21,7%)	32 (35%)	42 (26,7%)	15 (12,5%)	5 (4,2%)	2,42	1,090	120 (100%)
23. Mantenho-me actualizado (a) quanto aos acontecimentos correntes	1 (0,8%)	5 (4,2%)	39 (32,5%)	62 (51,7%)	13 (10,8%)	3,68	0,758	120 (100%)
28. Sou ávido (a) (desejoso (a) por aprender)	0 (0%)	4 (3,3%)	20 (16,7%)	67 (55,8%)	29 (24,2%)	4,01	0,739	120 (100%)

Dimensão Pensamento Divergente	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Média	Desvio Padrão	Total
6. Sou habilidoso (s) no que faço (por exemplo manualmente, etc.).	2 (1,7%)	9 (7,5%)	33 (27,5%)	60 (50%)	16 (13,3%)	3,66	0,865	120 (100%)
12. Tenho imaginação criativa	0 (0%)	11 (9,2%)	44 (36,7%)	41 (34,2%)	24 (20%)	3,65	0,904	120 (100%)
18. Sou uma pessoa com aptidões musicais (por exemplo, bom ouvido para música, jeito para	33 (27,5%)	34 (28,3%)	27 (22,5%)	14 (11,7%)	12 (10%)	2,48	1,283	120 (100%)

tocar, etc.)								
24.Sou bom (boa) em desportos	0	0	13	51	56	4,36	0,671	120
	(0%)	(0%)	(10,8%)	(42,5%)	(46,7%)			(100%)

Como podemos verificar na tabela, os itens mais frequentes diz respeito as capacidades de resolução de problemas através do item 20 escolhido por 71 atletas (59,2%) da amostra percebida como bastante identificativa “ consigo aplicar os conhecimentos a prática” identificativos das capacidades de realização percebidas pelos atletas, seguido do item 21 respondido por 69 atletas (57,5%) da amostra “ sou uma pessoa com vivacidade” inserido na subescala de assertividade social, e do item 28 respondido por 67 atletas (55,8%) da amostra “sou ávido e desejoso(a) por aprender”, inserido na subescala de sofisticação na aprendizagem. Desta forma podemos definir que os indivíduos representativos da amostra deste estudo, percebem-se como atletas com boa capacidade de aplicar os conhecimentos á prática, com bastante vivacidade e ávidos e desejosos por aprender. As competências sociais referentes as capacidades facilitadoras do relacionamento com o outro, e que merecem elevada relevância e importância em diversos estudos sobre o trabalho cooperativo, apresentam bons índices de representatividade, tais como o item 1 respondido por 66 atletas (55%) da amostra, “tenho em consideração os outros”, inserido na subescala de cooperação social, o item 25 respondido por 59 atletas (49,2%) da amostra “ sou empático” inserido na subescala de cooperação social. Porém estes valores são inferiores aos de a maioria dos itens referentes a capacidade de resolução de problemas, como os itens 8 e 14, respondidos por 64 (53,3%) e 63 (52,5%). Contudo, verifica-se que estes itens por apresentarem uma percentagem de respostas superiores a 50% não apresentam um elevado índice de fiabilidade no que se refere a especificidade das dimensões analisadas

Seguidamente apresentam-se as distribuições de frequência relativas as subescalas representativas da escala do auto – conceito de competência, assim como as respectivas médias e desvio padrão.

Tabela 9: Análise à frequência de respostas das subescalas do auto-conceito de competência

Sub – Escalas Auto – Conceito Competência	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Assertividade Social	119	2	5	3,80	,513
Cooperação Social	119	3	5	4,05	,508
Resolução Problemas	119	2	5	3,70	,453
Sofisticação Aprendizagem	120	2	5	3,47	,555
Prudência Aprendizagem	119	2	5	3,55	,530
Pensamento Divergente	120	2	5	3,54	,662

Mediante os valores obtidos verificamos que a sub - escala do auto-conceito de competência que apresenta índices mais elevados é a de Cooperação Social ($x=4,05$), próximo do valor (bastante), sugere que os atletas percebem-se como bastante competentes no comportamento de cooperação social, isto é apresentam elevada percepção de competência no domínio da cooperação com os outros, o que indicia que percebem bastante controlo interno sobre esta capacidade e consequentemente bastante orientação e intensidade motivacional aplicada no esforço para a resolução das tarefas e obtenção dos objectivos.

E

m seguida surge a sub – escala de Assertividade Social ($x=3,80$), próximo do valor (bastante), sugere que os atletas identificam-se bastante competentes no comportamento de assertividade social, isto é elevada capacidade para expressar opiniões, travar conhecimentos, iniciar acções, Del Prette e Del Prette (2003), associam a assertividade e a prática de comportamentos assertivos aos processos de grupo, nomeadamente de afiliação e identidade social, o que indicia que estes percebem bastante controlo interno sobre esta capacidade e bastante orientação e intensidade motivacional aplicada no esforço e persistência na obtenção dos objectivos.

A sub – escala de Resolução de Problemas apresenta um resultado médio de ($x=3,70$), mais próximo do valor (bastante), apesar de apresentar um índice inferior aos valores acima analisados, sugere que os atletas percebem-se bastante competentes no comportamento resolução de problemas, que remete para a

capacidade de domínio nas aprendizagens cognitivas, na aplicação dos conhecimentos à prática, o que indicia que estes percebem bastante controlo interno sobre esta capacidade no que se refere a sua orientação e intensidade motivacional isto é, no esforço para a obtenção dos objectivos.

As três sub – escalas que apresentam menores índices são Prudência na Aprendizagem ($x=3,55$), isto é, moderada percepção de competência no domínio da precisão e da profundidade na aprendizagem, em relação as competências anteriormente analisadas. Pensamento Divergente ($x=3,54$) moderada percepção de competência no domínio da criatividade. Sofisticação na Aprendizagem ($x=3,47$), moderada percepção de competência no domínio do investimento e da motivação na aprendizagem

Estes valores encontram-se intermédios entre (moderado 3) e (bastante 4), o que sugere que os atletas percebem menor controlo interno sobre estas capacidades relativamente as anteriores competências analisadas na Escala de Auto-conceito de Competência, sendo que os atletas indiciam um controlo moderado destas capacidades no que se refere a sua direcção e intensidade motivacional para a tarefa e para a obtenção dos objectivos.

Análise descritiva das Dimensões do Questionário do Auto - Conceito de Competência

Seguidamente apresentamos as frequências de respostas agrupadas por cada uma das Dimensões gerais avaliadas no Questionário de Auto – Conceito de Competência, assim como as respectivas médias e desvio padrão.

Tabela 10: Análise à frequência de respostas das dimensões gerais do auto-conceito de competência.

Dimensões Auto – Conceito de Competência	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Dimensão Social	118	3	5	3,92	,440
Dimensão Cognitiva	118	2	5	3,57	,432
Dimensão Criatividade	120	2	5	3,54	,662

A Dimensão Social constituída pelas sub – escalas de Cooperação Social, e de Assertividade Social, apresenta a média mais elevada (3,92) e um desvio padrão de 0,440 seguida da Dimensão Cognitiva constituída pelas sub – escalas Prudência na Aprendizagem, Resolução de Problemas e Sofisticação na Aprendizagem, com uma média (3,57) e um desvio padrão de 0,432. Por último surge a Dimensão de Criatividade constituída pela subescala Pensamento Divergente, com uma média de (3,54) e um desvio padrão de 0,662.

Em seguida apresentamos a tabela referente as correlações efectuadas entre as dimensões disposicionais de cooperação desportiva e as dimensões gerais do auto-conceito de competência, de forma a verificar que tipo de associações existem entre estas.

Correlação de Pearson entre as dimensões do Questionário de Cooperação Desportiva e da Escala de Auto – Conceito de Competência.

Tabela 11: Análise às correlações entre as dimensões do QCD e da escala EACC

	Dim. Social		Dim. Cognitiva		Dim. Criatividade	
		p		p		p
Coop. Disp. Cond.	,52	,577	,052	,579	,094	,308
Coop. Disp. Inc.	,305**	,001	,298**	,001	,099	,285
Coop. Sit.	,432**	,000	,441**	,000	,203*	,026

Correlação é significativa a um nível de 0,01**

Correlação é significativa a um nível de 0,05*

Como podemos verificar na tabela, existem correlações positivas e estatisticamente significativas entre quase todas as dimensões de cooperação desportiva e as dimensões gerais do auto-conceito de competência. Particularmente podemos verificar que a cooperação situacional, correlaciona-se positiva e significativamente com todas as dimensões apresentadas do auto-conceito de competência, sendo que as dimensões cognitivas e a dimensão social, correlaciona-se a um nível de significância de 0,01 e a dimensão de criatividade relaciona-se a um nível de significância de 0,05. Verificamos ainda que a cooperação disposicional incondicionada correlaciona-se significativamente com a dimensão social e com a dimensão cognitiva, a um nível de significância de 0,01. Contrariamente a estas, a cooperação disposicional condicionada, não apresenta correlações estatisticamente significativas com as dimensões sociais, cognitiva e criativas do auto – conceito.

Correlação de Pearson entre as Subescalas do Questionário de Cooperação Desportiva e do Questionário do Auto - Conceito de Competência

Em seguida apresentamos as correlações verificadas entre as dimensões de cooperação desportiva e as subescalas do auto-conceito de competência, de forma a podermos discutir posteriormente esta associação entre as variáveis.

Tabela 12: Análise às correlações entre as dimensões de cooperação desportiva e as subescalas do auto-conceito de competência.

		Assertividade Social	Cooperação Social	Resolução Problemas	Sofisticação Aprendizagem	Prudência Aprendizagem	Pensamento Divergente
Cooperação Situacional	Correlação de Pearson	,268**	,466**	,422**	,333**	,358**	,203*
	Sig.	,003	,000	,000	,000	,000	,026
Cooperação Incondicionada Disposicional	Correlação de Pearson	,135	,391**	,222*	,286**	,199*	,099
	Sig.	,146	,000	,016	,002	,032	,285
Cooperação Condicionada Disposicional	Correlação de Pearson	,043	,046	,033	,125	-,002	,094
	Sig.	,641	,620	,724	,175	,987	,308

** . Correlação é significativa a um nível 0.01

* . Correlação é significativa a um nível 0.05

Como podemos verificar, a cooperação situacional correlaciona-se positiva e significativamente com todas as sub-escalas do auto-conceito de competência. Mais especificamente podemos verificar que a cooperação situacional é altamente correlacionada com as sub-escalas de assertividade social, cooperação social, resolução de problemas, sofisticação para a aprendizagem e prudência na aprendizagem a um nível de significância de 0,01, sendo que apenas a sub-escala de pensamento divergente correlaciona-se a um nível de significância de 0,05.

Da mesma forma podemos verificar que a cooperação disposicional incondicionada correlaciona-se positiva e significativamente com as sub-escalas de cooperação social e de sofisticação para a aprendizagem a um nível de significância de 0,01 e com a

sub-escala de resolução de problemas e de prudência na aprendizagem a um nível de significância de 0,05.

Por outro verificamos que a cooperação disposicional condicionada, não apresenta nenhuma correlação estatisticamente significativa com as sub-escalas do auto-conceito de competência. Podemos ainda verificar que a cooperação disposicional condicionada relaciona-se negativamente com a sub-escala de prudência na aprendizagem.

Em seguida será apresentada a tabela referente a análise das diferenças estatisticamente significativas nas dimensões do Questionário de Cooperação Desportiva em função do escalão dos respectivos atletas. Para efectuar esta análise foi utilizado o teste T de student para amostras independentes.

Tabela 13: Análise às dimensões do QCD-p em função do escalão etário

	Escalão	N	Media	Desvio Padrão	t	P
Cooperação Situacional	Juniores	24	4,30	0,52	0,397	,69
	Seniores	96	4,34	0,42		
Coop. Inc. Disp.	Juniores	23	4,48	0,44	0,275	,78
	Seniores	95	4,45	0,44		
Coop. Cond. Disp.	Juniores	24	3,67	1,01	2,109	,37
	Seniores	96	3,22	0,90		

Como podemos verificar na tabela X não existem diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões de cooperação e o escalão dos atletas. Contudo podemos verificar que os juniores identificam-se mais com o estilo de cooperação disposicional condicionado (3,67) que os atletas do escalão sénior (3,22). Nas restantes dimensões de cooperação do QCD-p, podemos verificar que, existem diferenças entre as médias que podem indiciar alguma tendência comportamental a analisar posteriormente em estudos futuros com amostras mais significativas. Assim verificamos que os seniores apresentam uma média ligeiramente superior aos juniores, no que se refere ao estilo de cooperação influenciado situacionalmente pelo treinador ou companheiros. Da mesma forma verificamos que os juniores apresentam uma média ligeiramente superior aos seniores no que se refere a pré disposição para cooperar de forma incondicionada.

Em seguida será apresentada a tabela referente a análise das diferenças estatisticamente significativas nas dimensões da Escala do Auto-Conceito de competência em função do escalão dos respectivos atletas. Para efectuar esta análise foi utilizado o teste T de student para amostras independentes.

Tabela 14: Análise às dimensões do EACC em função do escalão etário

	Escalão	N	Media	Desvio Padrão	t	P
Dimensão Social	Juniores	24	3,99	,451	,839	,403
	Seniores	96	3,91	,439		
Dimensão Cognitiva	Juniores	23	3,63	,478	,730	,467
	Seniores	95	3,56	,421		
Dimensão Criativa	Juniores	24	3,72	,689	1,507	,135
	Seniores	96	3,49	,651		

Como podemos verificar, não existem diferença estatisticamente significativas entre as dimensões principais do auto-conceito de competência, e o escalão júnior e sénior representativo da faixa etária dos atletas, sendo que o escalão de juniores é constituído pelos atletas com as idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos referentes a amostra utilizada, os seniores vão desde os 19 ate aos 34 referente a amostra utilizada. Assim apesar de não verificarmos diferenças estatisticamente significativas, podemos verificar algumas diferenças entre as médias que podem indicar alguma tendência identificativa. Desta forma, podemos verificar que os juniores apresentam as médias mais elevadas nas três principais dimensões do auto-conceito de competência analisadas, sobretudo na dimensão criativa, onde os juniores apresentam uma media (3,72) e os seniores apresentam uma média (3,49). Nesta perspectiva podemos deduzir que a percepção de competência dos atletas mais jovens pode não ser suficientemente realista enviesando assim de certa forma os resultados.

Em seguida apresentamos a tabela referente a análise das diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do QCD-p e as posições ocupadas pelos atletas dentro de campo. Para efectuar esta análise foi utilizado uma Anova one way.

Tabela 15: Análise às dimensões do QCD-p em função da posição no terreno

		N	Média	Desvio Padrão	F	p
Coop. Situacional	Guarda - Redes	14	4,40	0,39	0,423	0,737
	Defesas	36	4,38	0,41		
	Médios	53	4,30	0,47		
	Avançados	17	4,27	0,48		
	Total	120	4,33	0,44		
Coop. Inc. Disp.	Guarda - Redes	14	4,50	0,32	0,813	0,489
	Defesas	35	4,43	0,40		
	Médios	52	4,50	0,44		
	Avançados	17	4,32	0,55		
	Total	118	4,46	0,44		
Coop. Cond. Disp.	Guarda - Redes	14	3,14	0,98	1,202	0,312
	Defesas	36	3,47	0,74		
	Médios	53	3,17	0,96		
	Avançados	17	3,53	1,19		
	Total	120	3,31	0,94		

Como podemos verificar na tabela 15 não existe nenhuma diferença estatisticamente significativa entre as dimensões do QCD-p e a posição ocupada pelos atletas dentro de campo. Porém podemos verificar que existem diferenças entre as médias dos respectivos atletas consoante a posição e as diferentes dimensões de cooperação. Desta forma podemos verificar que na dimensão de cooperação influenciada situacionalmente, são os guarda-redes (4,40) e os defesas (4,38) que apresentam as médias mais elevadas indiciando uma maior disposição para cooperar quando influenciados pela interação com os companheiros ou treinador. Os avançados são aqueles que apresentam a média mais baixa (4,27) nesta dimensão de cooperação, indiciando menor disposição para cooperar quando influenciados situacionalmente do que os atletas das posições mais recuadas.

Quanto a dimensão de cooperação disposicional incondicionada, podemos verificar que os guarda-redes e os médios apresentam a média mais elevadas (4,50), sendo

aqueles que se identificam mais com a pré disposição para cooperar de forma incondicionada, seguido dos defesas (4,43) e por ultimo dos avançados (4,32).

Finalmente na dimensão de cooperação disposicional condicionada, podemos verificar que ao contrário das outras duas dimensões são os avançados que apresentam a média mais elevada (3,53), indiciando que dentro deste estilo de cooperação são aqueles que apresentam maior susceptibilidade perante este estímulo no sentido de influenciar a tomada de decisão em cooperar. Os guarda-redes e os defesas são aqueles que apresentam as médias mais baixas neste estilo de cooperação (3,14), (3,17) respectivamente, sendo aqueles que menos se identificam com a pré disposição para cooperar de forma condicionada.

Em seguida apresentamos as tabelas referentes a influência da variável posição ocupada dentro de campo em função das dimensões gerais do auto-conceito de competência.

Tabela 16: Análise às dimensões do EACC em função da posição no terreno

		N	Média	Desvio Padrão	F	p
Dimensão Social	Guarda - Redes	14	3,96	,407	1,362	,258
	Defesas	36	3,88	,426		
	Médios	51	4,00	,441		
	Avançados	17	3,76	,480		
	Total	118	3,92	,440		
Dimensão Cognitiva	Guarda - Redes	14	3,81	,314	1,972	,122
	Defesas	36	3,56	,440		
	Médios	52	3,57	,429		
	Avançados	16	3,44	,471		
	Total	118	3,57	,432		
Dimensão Criatividade	Guarda - Redes	14	3,55	,502	1,623	,188
	Defesas	36	3,34	,705		
	Médios	53	3,65	,678		
	Avançados	17	3,60	,587		
	Total	120	3,54	,662		

Como podemos verificar na tabela acima apresentada, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as posições ocupadas dentro de campo pelos atletas e o auto – conceito de competência percebido pelos mesmos. Contudo, verificamos que existem algumas diferenças entre as médias apresentadas que podem indicar alguma tendência entre as necessidades exigidas pela função, resultante da especificidade da posição em campo e as capacidades percebidas pelos atletas em função dessas necessidades posicionais.

Assim verificamos que, na Dimensão Social os atletas que apresentam uma média mais elevada são os médios (4,00), seguidos pelos guarda-redes (3,96), os avançados são aqueles que apresentam a média mais baixa nesta dimensão com (3,76).

Em relação a Dimensão Cognitiva, verificamos que os guarda – redes são aqueles que apresentam a média mais elevada (3,81), seguidos pelos médios por uma diferença que apesar de não ser estatisticamente significativa é ainda assim considerável (3,57), os avançados são novamente aqueles que apresentam a média mais baixa nesta dimensão cognitiva com (3,44).

Por último verificamos que na Dimensão Criatividade, os atletas que apresentam uma média mais elevada são os médios com (3,65), seguidos pelos avançados (3,60), nesta dimensão de criatividade são os defesas que apresentam a média mais baixa com (3,34).

Em seguida apresentamos a tabela referente as relações entre as subescalas do auto conceito de competência, em relação com a posição ocupada em campo pelos atletas.

Tabela 17: Análise às subescalas do EACC em função da posição do terreno

		N	Média	Desvio Padrão	F	p
Cooperação Social	Guarda - Redes	14	4,12	,372	,970	,410
	Defesas	36	4,02	,467		
	Médios	52	4,11	,518		
	Avançados	17	3,88	,642		
	Total	119	4,05	,508		
Assertividade Social	Guarda - Redes	14	3,80	,538	1,194	,315
	Defesas	36	3,74	,521		
	Médios	52	3,89	,491		
	Avançados	17	3,65	,536		
	Total	119	3,80	,513		
Prudência Aprendizagem	Guarda - Redes	14	3,73	,332	1,634	,185
	Defesas	36	3,56	,568		
	Médios	52	3,57	,520		
	Avançados	17	3,32	,578		
	Total	119	3,55	,530		

Devido ao tamanho da tabela ultrapassar o limite inferior da tabela decidimos dividir a tabela em dois. A continuação da tabela encontra-se na pagina seguinte, assim como a respectiva análise.

Sofisticação Aprendizagem	Guarda - Redes	14	3,77	,501		
	Defesas	36	3,43	,536		
	Médios	53	3,43	,564	1,005	,192
	Avançados	17	3,41	,581		
	Total	120	3,47	,555		
Resolução Problemas	Guarda - Redes	14	3,92	,325		
	Defesas	36	3,68	,454		
	Médios	53	3,71	,450	1,946	,126
	Avançados	16	3,53	,508		
	Total	119	3,70	,453		
Pensamento Divergente	Guarda - Redes	14	3,55	,502		
	Defesas	36	3,34	,705		
	Médios	53	3,65	,678	1,623	,188
	Avançados	17	3,60	,587		
	Total	120	3,54	,662		

Relativamente a análise da tabela referente as subescalas do auto-conceito de competência em função da posição ocupada no terreno, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas. Porém em relação as diferenças apresentadas nas médias, podemos verificar que, na dimensão de cooperação social os guarda-redes são aqueles que apresentam a média mais elevada (4,12), seguidos pelos médios (4,11), defesas (4,02) e pelos avançados (3,88), sendo os que apresentam a média mais baixa nesta dimensão de competência.

Na dimensão de assertividade social, verificamos que os médios são aqueles que apresentam a média mais elevada (3,89), seguidos pelos guarda-redes (3,80), defesas (3,74) e avançados (3,65), sendo novamente os avançados que apresentam a média mais baixa nesta dimensão do auto-conceito de competência. Na dimensão de prudência na aprendizagem podemos verificar que os guarda-redes apresentam a média mais elevada (3,73), sendo seguidos pelos médios (3,57), defesas (3,56) e avançados (3,32), ficando novamente com a média mais baixa em relação a esta dimensão de competência. Na dimensão de sofisticação para a aprendizagem verificamos que os guarda-redes apresentam a média mais elevada (3,77), seguidos por médios e defesas (3,43) e com a média mais baixa surgem os avançados (3,41). Na dimensão de resolução de problemas os guarda-redes apresentam a média mais elevada (3,92), seguidos pelos médios (3,71), defesas (3,68) e com a média mais baixa, os avançados (3,53). Finalmente na dimensão pensamento divergente podemos

verificar que os médios são os que apresentam a média mais elevada (3,65), seguidos pelos avançados (3,60), guarda-redes (3,55) e defesas (3,34) sendo os que apresentam a média mais baixa nesta dimensão de competência.

Em seguida apresentamos a análise das diferenças estatisticamente representativas entre as dimensões do QCD-p em função do estatuto profissional. Para efectuar esta análise foi utilizado o teste T de student para amostras independentes.

Tabela 18: Análise às dimensões do QCD-p em função do estatuto profissional dos atletas

		N	Média	Desvio Padrão	t	p
Coop. Situacional	Profissionais	67	4,37	0,43		
	Semi - Profissionais	53	4,29	0,45	1,055	0,29
	Total	120	4,33	0,44		
Coop. Inc. Disp.	Profissionais	67	4,46	0,44		
	Semi - Profissionais	51	4,45	0,44	0,097	0,92
	Total	118	4,46	0,44		
Coop. Cond. Disp.	Profissionais	67	3,33	0,91		
	Semi - Profissionais	53	3,28	0,98	0,260	0,79
	Total	120	3,31	0,94		

Como podemos verificar na tabela 18, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do QCD em função do estatuto profissional dos atletas. Contudo podemos verificar diferenças entre as médias dos estilos cooperativos em função do estatuto profissional, que podem indiciar alguma tendência comportamental dos atletas. Assim, verificamos que em relação a dimensão de cooperação influenciada situacionalmente, são os profissionais que apresentam uma média mais elevada (4,37) em relação aos atletas semi-profissionais, podendo indiciar maior receptividade por parte dos atletas profissionais em cooperar, quando influenciados situacionalmente quer pelos companheiros, quer pelo treinador.

Em relação a dimensão de cooperação disposicional incondicionada, podemos verificar que as médias são praticamente idênticas, sugerindo que os atletas identificam-se bastante com uma pré disposição para cooperar, independentemente do seu estatuto profissional.

Finalmente na dimensão de cooperação disposicional condicionada, podemos verificar que são novamente os profissionais que apresentam a média mais elevada. Desta forma podemos verificar que parece existir uma maior tendência cooperativa entre os atletas profissionais em relação com os atletas semi-profissionais, independentemente do estilo cooperativo em causa.

Em seguida apresentamos a análise das diferenças estatisticamente representativas entre as dimensões do EACC em função do estatuto profissional. Para efectuar esta análise foi utilizado o teste T de student para amostras independentes.

Tabela 19: Análise às dimensões do EACC em função do estatuto profissional dos atletas

		N	Média	Desvio Padrão	t	p
Dimensão Social	Profissionais	67	3,90	,396	-465	,643
	Semi - Profissionais	53	3,94	,470		
	Total	120				
Dimensão Cognitiva	Profissionais	67	3,55	,355	,063	,657
	Semi - Profissionais	51	3,59	,480		
	Total	118				
Dimensão Criativa	Profissionais	67	3,45	,610	1,219	,225
	Semi - Profissionais	53	3,60	,694		
	Total	120				

Em relação a análise das dimensões do EACC em função da variável estatuto profissional entre semi-profissionais e profissionais, podemos verificar que contrariamente ao que seria expectável, os semi-profissionais apresentam um auto-conceito de competência superior aos atletas profissionais nas três dimensões principais do auto-conceito de competência. Apesar de não se verificarem diferenças

estatisticamente significativas entre os grupos e as dimensões do auto-conceito de competência, existem algumas diferenças entre as médias que podem indiciar algumas tendências, sobretudo na dimensão criativa onde a diferença é relativamente grande. Podemos deduzir que o auto-conceito de competência, sendo resultado da percepção que cada um tem de si, pode ser menos realistas nos atletas semi-profissionais como forma de manter uma auto-estima elevada e uma motivação que lhes permitam manter-se ligados ao desporto em causa (neste caso futebol) de forma parcial, visto que os lucros económicos e o reconhecimento social, é bem inferior ao dos atletas profissionais. Desta forma poderão ter uma maior necessidade em distorcer a percepção de si e das suas competências para manter uma elevada estima e motivação para se manter ligado a actividade. A percepção de elevada criatividade parece funcionar como o melhor aliado para essa percepção distorcida, podendo funcionar como uma característica que compensa a ausência de outras capacidades para a resolução dos problemas, ao mesmo tempo que acrescenta aos indivíduos reconhecimento social. Relacionando com as disposições cooperativas analisadas anteriormente, podemos encontrar algumas tendências apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas. Assim como verificamos anteriormente os profissionais apresentavam maior predisposição para cooperar em todas as dimensões do QCD, o que indicia que os atletas com um auto-conceito de competência mais elevado não apresentam maior predisposição para cooperar que os que se percebem menos competentes, porém este resultado deverá ser consequência de uma percepção de competência distorcida positivamente por parte dos indivíduos que na realidade possam ser menos competentes.

Em seguida apresentamos a tabela referente a análise das diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões de cooperação do QCD em função da condição regular dos atletas.

Tabela 20: Análise às dimensões do QCD em função da condição regular dos atletas

	Condição Regular	N	Média	Desvio Padrão	t	P
Coop. Situacional	Titular	66	4,36	,432	0,565	0,57
	Suplente	53	4,31	,467		
Coop. Inc. Disp.	Titular	64	4,55	,409	2,523	0,01
	Suplente	53	4,35	,456		
Coop. Cond. Disp.	Titular	66	3,45	1,007	1,980	0,05
	Suplente	53	3,11	,836		

Como podemos verificar na tabela 20, existem diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões de cooperação do QCD em função da condição regular dos atletas. Desta forma verificamos que na dimensão de cooperação disposicional incondicionada os atletas que se consideram titulares, apresentam uma média mais elevada (4,55) que os atletas que se consideram suplentes (4,35), existindo uma diferença estatisticamente significativa entre ambos (0,01). Assim podemos referir que existe uma maior predisposição em cooperar de forma incondicionada por parte dos atletas considerados titulares em relação aos considerados suplentes. Da mesma forma podemos verificar que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os atletas considerados titulares e os considerados suplentes no que se refere a predisposição para cooperar de forma condicionada, o que nos leva a concluir que os atletas titulares apresentam maior pré disposição em cooperar que os atletas suplentes.

Em relação a dimensão de cooperação influenciada situacionalmente, verificamos que não existe nenhuma diferença estatisticamente significativa entre os atletas considerados titulares e os considerados suplentes. Contudo podemos verificar que os atletas considerados titulares são novamente aqueles que apresentam a média mais alta em relação aos atletas considerados suplentes. Assim podemos concluir que os atletas considerados titulares cooperam mais que os atletas considerados suplentes independentemente do estilo de cooperação em causa.

Em seguida apresentamos a tabela referente a análise das diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do EACC em função da condição regular dos atletas.

Tabela 21: Análise às dimensões do EACC em função da condição regular dos atletas

	Condição Regular	N	Média	Desvio Padrão	t	P
Dimensão Social	Titular	66	3,96	,413	,982	,328
	Suplente	53	3,88	,476		
Dimensão Cognitiva	Titular	64	3,62	,413	1,299	,196
	Suplente	53	3,52	,457		
Dimensão Criativa	Titular	66	3,64	,608	2,000	,048
	Suplente	53	3,40	,701		

Como podemos verificar na tabela existe uma diferença estatisticamente significativa na dimensão criativa (0,48) entre os atletas titulares e os suplentes, onde os titulares (3,64) apresentam um auto-conceito de competência mais elevado que os suplentes (3,40). Nas restantes dimensões do auto-conceito de competência apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas podemos verificar os titulares que regularmente apresentam ser uma escolha inicial para os respectivos treinadores, sendo considerados uma escolha valida para as necessidades da equipa e para a obtenção dos objectivos colectivos, tal como expectável apresentam uma media superior na dimensão social (3,96), e cognitiva (3,62) em relação aos que se consideram suplentes, que apresentam uma média de (3,88) na dimensão social e uma média de (3,52) na dimensão cognitiva. Em função da análise de cooperação desportiva tendo em conta a variável condição regular pudemos verificar anteriormente que os atletas titulares apresentavam diferenças estatisticamente significativas em relação aos suplentes nas disposições para cooperar de forma incondicionada e condicionada, indiciando que os atletas que apresentam maior auto-conceito de competência, sobretudo criativa podem apresentar maior predisposição para cooperar de forma condicionada e incondicionada ao contrário do que sugeria a análise do auto-conceito de competência em função do estatuto profissional. Contudo a variável condição regular deverá ser tomada em maior consideração que a variável estatuto profissional visto que a condição regular de titular ou suplente requer a avaliação e o reconhecimento do treinador sobre as capacidades dos atletas em se apresentarem como uma opção valida para as necessidades e objectivos da equipa, enquanto que no estatuto profissional os atletas semi-profissionais parecem apresentar uma percepção menos realista das suas verdadeiras capacidades.



vista de uma forma geral pelos indivíduos envolvidos como uma forma de interacção com os outros independentemente de os atletas se percepcionarem mais criativos, sociais ou cognitivos. Assim independentemente do domínio específico que cada um tem de si e das suas capacidades, que lhes possibilita orientar a intensidade e o esforço para a tarefa de forma a atingir os objectivos individuais os atletas constituintes da amostra apresentam maior identificação com a disposição de cooperação desportiva influenciada situacionalmente. Sabendo que as equipas de futebol são heterogéneas por natureza devido as necessidades específicas em função das posições ocupadas no terreno e das tarefas exigidas, é importante perceber que independentemente da base estratégica que cada um utiliza para maximizar os seus ganhos pessoais sendo através da criatividade, da racionalidade cognitiva ou da capacidade relacional com o outro, todos identificam-se de alguma forma com a cooperação situacional através da interacção com o treinador e com os companheiros, assim consideram essa interacção um factor importante para a conduta cooperativa. Desta forma respondemos de alguma forma a uma das questões propostas no presente estudo: Em medida existe alguma saliência comum entre as percepções de competência dos atletas que possa indiciar uma possível homogeneidade disposicional cooperativa? Assim numa futura intervenção será fundamental otimizar esta interacção entre o treinador e companheiros de forma a poder abranger a predisposição cooperativa que mais influencia a tomada de decisão dos atletas em geral (pelo menos dos constituintes da amostra). Esta interacção pode então ser otimizada, através da relação treinador/atleta visto que a liderança tende a estimular a participação e a apoiar o desenvolvimento das pessoas, fomentando o trabalho de grupo. Assim, o Treinador funciona como um gestor do processo desportivo dos praticantes (Serpa, 2005), sendo determinante no critério de eficácia dos atletas, incluindo o desenvolvimento do potencial humano e do envolvimento das pessoas. A sua influência tem um reflexo determinante no desenvolvimento desportivo e pessoal do desportista (Serpa, 2005). Como sugere Bandura (1997), o desenvolvimento de resiliência de auto-eficácia nos atletas é bastante influenciado pela eficácia da gestão dos treinadores. A eficácia dos treinadores tem sido definido como a medida em que os treinadores acreditam que têm a capacidade de afectar a aprendizagem e o desempenho dos seus atletas (Feltz & Lirgg, 2001).

Na linha que Bandura concebeu a auto - eficácia, Feltz et al., (1999), propuseram quatro dimensões da influência da eficácia do treinador através de desempenhos e de experiências anteriores, na forma como percepcionam a habilidade

I. Discussão dos Resultados

De uma forma geral pudemos verificar que os atletas constituintes da amostra do presente estudo apresentam os indivíduos constituintes da amostra apresentam um elevado auto-conceito de competência sobretudo ao nível das competências sociais (3,92) e cognitivas (3,57), ambas com médias próximas do valor 4 “bastante competente”, assim como um moderado auto-conceito de competência criativa (3,54). Da mesma forma pudemos verificar que os atletas constituintes da amostra do presente estudo apresentam elevada disposição de cooperação desportiva, sobretudo nas dimensões de cooperação disposicional incondicionada com uma média (4,46), muito próximo do valor máximo “5 muito” da escala. E de cooperação situacional com uma média (4,33), próximo do valor “4 bastante”. A dimensão de Cooperação Disposicional Condicionada apresenta uma média (3,31), apesar de inferior as outras dimensões de cooperação encontra-se mais próximo do valor (3 algo), o que sugere que ainda assim os atletas identificam-se moderadamente com a pré-disposição para cooperar de forma condicionada.

Através da descrição e análise dos resultados dos itens constituintes do QCDp, podemos verificar que, a maioria dos atletas situa o seu comportamento cooperativo, muito próximo da necessidade de união do grupo como uma forma de melhorar o desempenho e de alcançar os objectivos da equipa, colaborando com os companheiros mesmo que estes tenham mais capacidade que o próprio. Esta definição foi obtida através da conjugação das três respostas mais representativas dentro das escolhas dos atletas, mesmo sabendo que estas ultrapassaram os 50% das escolhas dos indivíduos da amostra.

No que diz respeito as respostas dos indivíduos, sobre as suas percepções de competência, podemos verificar que a maioria dos atletas da amostra caracteriza – se, como indivíduos com boas capacidades de aplicar os conhecimentos á prática, com bastante vivacidade e ávidos e desejosos por aprender, características que remetem sobretudo para as competências cognitivas dos atletas, onde percepcionam elevado controlo das capacidades de resolução de problemas, e de sofisticação para a aprendizagem. Estas competências percepcionadas de forma elevada pela maioria dos atletas, deverá estar na base da maioria das acções mobilizadas pelos mesmos de forma a atingirem os seus objectivos. Desta forma podemos deduzir que os indivíduos utilizam estas competências como estratégias pessoais na tentativa de

maximizar os seus ganhos. Assim, são estas capacidades que os indivíduos percebem como mais controláveis e seguras representando a tendência comportamental dos indivíduos no que diz respeito a direcção e a intensidade motivacional nas tarefas de realização. Esta definição é resultado da conjugação dos três itens mais respondidos pelos atletas da amostra, mesmo sabendo que a conjugação agrega os itens com mais de 50% de respostas.

Em relação a análise da correlação de Pearson efectuada entre as dimensões e subescalas constituintes do auto-conceito de competência e as disposições cooperativas sugeridas por Garcia-Mas e colaboradores, (2006), todas as dimensões e subescalas do auto-conceito de competências (assertividade social, cooperação social, resolução de problemas, sofisticação para a aprendizagem, prudência na aprendizagem um nível de significância de 0,01 e pensamento divergente a um nível de significância de 0,05), correlacionaram-se com a disposição de cooperação situacional. Sendo que a dimensão cognitiva e a dimensão social, relaciona-se a um nível de significância de 0,01 e a dimensão de criatividade relaciona-se a um nível de significância de 0,05. Assim, de uma forma geral podemos dizer que os atletas constituintes da amostra identificam-se mais com a predisposição para cooperar condicionados situacionalmente pela interacção com o treinador e com os companheiros de equipa dentro e fora de campo independentemente de se perceberem mais criativos, sociais ou cognitivos, no domínio das capacidades que melhor controlam e orientam nas tarefas de acção, tendo em vista os objectivos individuais. Visto que o auto – conceito de competência é a percepção pessoal dos indivíduos acerca da sua capacidade para lidar de forma eficaz com o ambiente, relacionando-se com comportamentos de acção, persistência e esforço, sendo uma variável preditiva dos comportamentos dos sujeitos em domínios de realização, particularmente nos cognitivos, sociais e de criatividade (Faria e Santos, 2004). Desta forma os sujeitos com elevado auto-conceito de competência parecem avaliar de forma mais eficaz as suas capacidades, sendo por isso mais capazes de as reconhecer e mobilizar obtendo melhores resultados e comportamentos mais adaptados aos contextos em que se movem e agem (Man & Hrabal, 1989). Assim os atletas constituintes da amostra decidem dedicar o seu esforço físico, técnico e tático, graças a percepção de que podem atingir os seus objectivos como contrapartida da interacção estabelecida com o treinador e companheiros de equipa, sendo que esta relação de contrapartidas pode ocorrer dentro e fora de campo (Garcia-Mas e colaboradores, 2006). Este resultado sugere que de facto a cooperação desportiva é

dos atletas, e como percebem o seu suporte social. Desta forma procuramos responder de alguma forma a questão, sugerida por Lange, (2007): como poderemos promover o comportamento cooperativo beneficiando os resultados para todos os indivíduos envolvidos? E da mesma forma responder a nossa: como potenciar o comportamento cooperativo encontrando um padrão comum dentro da heterogeneidade das equipas desportivas e neste caso de futebol? Assim podemos dizer que de alguma forma a optimização da interacção entre os atletas e o treinador poderá ser a chave do sucesso cooperativo.

Relativamente as restantes correlações verificadas entre o auto-conceito de competência e as disposições cooperativas pudemos verificar que a cooperação disposicional incondicionada correlaciona-se significativamente com a dimensão social e com a dimensão cognitiva, indiciando que os indivíduos que se percebem com as competências sociais e cognitivas, identificam-se com a predisposição para cooperar de forma incondicionada, isto é sem querer receber nada em troca. Contrariamente a estas, a cooperação disposicional condicionada, não apresenta correlações estatisticamente significativas com as dimensões sociais, cognitiva e criativas do auto – conceito, indiciando que os atletas constituintes da amostra não se identificam com a predisposição para cooperar de forma condicionada, isto é querendo receber alguma coisa em troca (pelo menos de forma consciente). Visto que os indivíduos constituintes da amostra apresentam de uma forma geral um elevado auto-conceito de competência sobretudo ao nível das competências sociais (3,92) e cognitivas (3,57) ambas com médias próximas do valor 4 “bastante competente”, assim como um moderado auto-conceito de competência criativo (3,54), podemos dizer que o auto-conceito de competência positivo relaciona-se com as predisposições para cooperar de forma situacional como já tínhamos analisado anteriormente e com a predisposição para cooperar de forma incondicionada, isto é sem querer receber nada em troca no que se refere aos benefícios individuais. Da mesma forma podemos dizer que o auto-conceito de competência positivo, não se relaciona com a predisposição para cooperar de forma condicionada, isto é querendo receber alguma coisa em troca a nível dos objectivos individuais, pelo menos de forma consciente, indiciando como esperado que esta disposição de cooperação desportiva possa estar mais relacionada com os indivíduos com um auto-conceito de competência mais baixo de forma a procurarem assim aumentar a sua estima e sentimento de valor pessoal. Contudo tentaremos verificar mais a frente se este indício se verifica, através da análise do

auto-conceito de competência em função das variáveis condição regular, escalão etário, posição no terreno e estatuto profissional.

Em relação a análise efectuada sobre a variável escalão etário pudemos verificar que os juniores apresentam as médias mais elevadas nas três principais dimensões do auto-conceito de competência analisadas, sobretudo na dimensão criativa, onde os juniores apresentam uma média (3,72) e os seniores apresentam uma média (3,49). Nesta perspectiva podemos deduzir que a percepção de competência dos atletas mais jovens pode não ser suficientemente realista enviesando assim de certa forma os resultados. Segundo Harter (1996), no meio da infância, os indivíduos fazem julgamentos globais da sua estima enquanto pessoas, assim como efectuam auto-avaliações específicas em variados domínios. As crianças mais novas não possuem consciência da sua auto-estima, em termos de conceito verbalizado, e os domínios não estão claramente diferenciados, sendo que o número de domínios que podem ser diferenciados aumenta com o desenvolvimento ao longo da infância, adolescência e adultez. Quanto a análise efectuada as dimensões disposicionais de cooperação desportiva em função do escalão etário pudemos verificar que os juniores apresentam maior predisposição para cooperar sobretudo de forma condicionada (querendo receber alguma coisa em troca), mas também de forma incondicionada (sem querer receber nada em troca, pelo menos consciente), ao contrário da cooperação situacional (condicionada pela interacção com o treinador e companheiros), onde os seniores apresentam a média mais elevada. Estes resultados podem indiciar que os atletas mais jovens podem ter maior necessidade de cooperar tendo como finalidade retirar algo em troca, e mesmo apresentando elevada predisposição para cooperar também de forma incondicionada, poderá resultar de uma necessidade de poder integrar-se no escalão sénior que como sabemos é muito mais selectivo e difícil de integrar. Os seniores parecem apresentar maior predisposição para cooperar influenciados situacionalmente pela interacção com o treinador e companheiros, provavelmente reconhecendo de forma mais clara a importância da interdependência nas tarefas de forma a atingir os objectivos colectivos.

Em relação a análise efectuada sobre a variável posição no terreno pudemos verificar que em geral os guarda-redes são os atletas que apresentam um auto-conceito de competência mais elevado, seguidos pelos médios, defesas e avançados, sendo os que apresentam um auto-conceito de competência mais baixo em geral. Desta forma e tendo em consideração a análise das dimensões disposicionais de cooperação desportiva em função da posição no terreno, verificamos que os guarda-

redes são os que apresentam maior predisposição para cooperar situacionalmente e para cooperar de forma incondicionada, seguido pelos médios, indiciando que os que se percebem mais competentes apresentam maior predisposição para cooperar de forma incondicionada e influenciados situacionalmente. Por sua vez os indivíduos com menor auto-conceito de competência parecem estar mais relacionados com a predisposição para cooperar de forma condicionada (querendo receber alguma coisa em troca), pois como podemos verificar os avançados são os que apresentam a média mais elevada nessa dimensão disposicional de cooperação desportiva, seguidos pelos defesas, sendo precisamente os avançados e os defesas que apresentam menor auto-conceito de competência, a exceção da dimensão de pensamento divergente ligada a criatividade.

Em relação a análise efectuada sobre a variável estatuto profissional pudemos verificar que contrariamente ao que seria expectável, os semi-profissionais apresentam um auto-conceito de competência superior aos atletas profissionais nas três dimensões principais do auto-conceito de competência. Apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos e as dimensões do auto-conceito de competência, existem algumas diferenças entre as médias que podem indiciar algumas tendências, sobretudo na dimensão criativa onde a diferença é relativamente grande. Segundo Burns (1986)¹, o auto-conceito representa a percepção que cada um tem de si, da sua imagem das suas capacidades, mas também daquilo que gostaria de ser. Podemos deduzir que o auto-conceito de competência, pode ser menos realista nos atletas semi-profissionais como forma de manter uma auto-estima elevada e uma motivação que lhes permitam manter-se ligados ao desporto em causa (neste caso futebol) de forma parcial, visto que os lucros económicos e o reconhecimento social, é bem inferior ao dos atletas profissionais. Desta forma poderão ter uma maior necessidade em distorcer a percepção de si e das suas competências para manter uma elevada estima e motivação para se manter ligado a actividade. A percepção de elevada criatividade parece funcionar como o melhor aliado para essa percepção distorcida, podendo funcionar como uma característica que compensa a ausência de outras capacidades, ao mesmo tempo que acrescenta aos indivíduos reconhecimento social. Relacionando com as disposições cooperativas analisadas em função do estatuto profissional, pudemos encontrar algumas tendências apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas. Assim, os profissionais apresentavam maior predisposição para cooperar em todas as dimensões do QCD, o que indicia que os

atletas com um auto-conceito de competência mais elevado não apresentam maior predisposição para cooperar em geral, que os que se percebem menos competentes, contradizendo outros resultados aqui analisados. Porém, este resultado deverá ser consequência de uma percepção de competência alterada positivamente e algo irrealista por parte dos indivíduos que na realidade possam ser menos competentes, devido a necessidade de manterem a auto-estima elevada.

Em relação a análise efectuada sobre a variável condição regular, pudemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas subescalas de resolução de problemas ($,018$) e na subescala de pensamento divergente ($,048$), onde os titulares apresentam as médias mais elevadas, ($3,80$) na resolução de problemas e ($3,64$) no pensamento divergente, apresentando um auto-conceito de competência mais elevado e estatisticamente significativo em relação aos suplentes, ($3,60$) de média na resolução de problemas e ($3,40$) no pensamento divergente. Nas restantes subescalas do auto-conceito de competência não se verificam diferenças estatisticamente significativas em função da condição regular, porém é de realçar que em todas as subescalas os titulares apresentam médias superiores aos suplentes deixando antever que de facto esta percepção de competência deve estar mais ajustada as reais capacidades dos indivíduos visto apresentarem-se como uma opção valida para o treinador regularmente. Em função da análise de cooperação desportiva tendo em conta a variável condição regular pudemos verificar anteriormente que os atletas titulares apresentavam diferenças estatisticamente significativas em relação aos suplentes nas disposições para cooperar de forma incondicionada e condicionada, indiciando que os atletas que apresentam maior auto-conceito de competência, sobretudo na capacidade pensamento divergente e resolução de problemas podem apresentar maior predisposição para cooperar de forma condicionada e incondicionada. Em relação a análise das correlações entre as subescalas do EACC e as predisposições cooperativas, pudemos verificar que as subescalas de resolução de problemas e de pensamento divergente, correlacionavam-se positivamente com a predisposição para cooperar de forma situacional isto é, condicionados pela interacção com o treinador e companheiros, indiciando que os indivíduos com maior capacidade de resolução de problemas e de pensamento divergente apresentam em geral maior predisposição para cooperar de forma condicionada, incondicionada e situacional. Apesar de se apresentarem com uma média mais baixa que as restantes características do auto-conceito, acaba por ser algo surpreendente o aparecimento da dimensão criativa constituída pela subescala de pensamento divergente, entre as

capacidades estatisticamente significativas entre os atletas titulares e suplentes, visto que os titulares apresentaram elevados índices de predisposição cooperativa, e sendo de alguma forma expectável que os indivíduos mais criativos pudessem apresentar de alguma forma menor predisposição para cooperar, possuindo tendências mais individualistas. Seria mais expectável que essa diferenciação pudesse surgir entre as competências de prudência e sofisticação para a aprendizagem, visto que os titulares sendo considerados uma opção regularmente mais valida pelo treinador para a função pudessem apresentar maior orientação e motivação para a aprendizagem de forma a continuarem a evoluir tacticamente.

De uma forma geral não encontramos indícios ou tendências comportamentais no nosso estudo que vão ao encontro das sugestões teóricas apresentadas, visto não verificarmos congruência entre os resultados encontrados em relação aos indivíduos com maior auto-conceito de competência positivo e as suas disposições de cooperação desportiva. Assim esperávamos que os mais competentes apresentassem maior predisposição cooperativa de uma forma mais consensual devido a maior estima, confiança e segurança em si que se encontra-se mais ligado a um funcionamento em equipa positivo expresso nas disposições cooperativas mais elevadas sobretudo nas disposições de cooperação incondicionada e situacional. Autores como Deutsch, referem a confiança em si e nos outros como um dos factores ligado a interdependência dos objectivos, que terá influência no funcionamento em equipa, que não puderam ser confirmados de forma consensual no presente estudo. Da mesma forma Devillard, (2001) considera fundamental que os indivíduos possuam uma boa confiança em si próprios sugerindo que o comportamento cooperativo e a mobilização por parte dos elementos da equipa, será influenciada pelo sentimento de estima que cada um tem de si próprio, pela estima colectiva da equipa como equipa e pela estima pelo líder. Quanto mais positivo for o sentimento de estima nestas três vertentes mais eficaz será a mobilização e a cooperação dos elementos da equipa, assim como a interdependência positiva dos objectivos. Contudo como pudemos analisar o auto-conceito de competência pode ser resultado de uma percepção errada e pouco realista que os indivíduos têm de si e das suas capacidades enviesando de certa forma os resultados recolhidos sobre a sua relação com as disposições de cooperação desportiva. Assim o auto-conceito de competência apesar de apresentar critérios de estabilidade, que remete para um bem-estar psíquico e mental, pode ser pouco realista em relação a aquilo que o individuo realmente consegue por em prática enviesando as suas associações resultantes. Desta forma também não encontramos

resultados congruentes que revelassem uma tendência comportamental entre o tipo de competência percebido e as disposições cooperativas que procuramos enquadrar com a teoria de Gardner, (1995), que refere que as pessoas possuem capacidades, das quais se valem para criar algo, resolver problemas e produzir bens sociais e culturais, dentro de seu contexto. Segundo o autor, cada indivíduo possui alguns tipos diferentes de capacidade, que caracterizam a sua inteligência. Neste sentido referimos que os indivíduos que se percepcionassem mais competentes de forma social, cognitiva ou criativa poderiam apresentar alguma tendência comum em relação a disposição de cooperação desportiva apresentada, de forma a se verificar um padrão mais estável, previsível e controlável que possibilita-se uma melhor intervenção que potenciam-se a conduta cooperativa dos indivíduos e o funcionamento em equipa. Contudo encontramos a correlação positiva entre a disposição de cooperação situacional e todas as dimensões da escala e da subescala do auto-conceito de competência, indiciando de certa forma uma disposição mais estável e homogénea entre a variabilidade dos indivíduos analisados na amostra que poderá ajudar na gestão da conduta cooperativa das equipas desportivas.

II. Conclusões Gerais e Estudos Futuros

De um modo geral podemos concluir em função dos resultados analisados no presente estudo que o auto-conceito de competência nas suas dimensões sociais constituídas pelas subescalas de assertividade social, cooperação social, cognitivas, constituídas pelas subescalas resolução de problemas, prudência na aprendizagem e sofisticação para a aprendizagem, e criativa constituída pela subescala de pensamento divergente, apresenta correlação positiva com as dimensões disposicionais incondicionada e situacional de cooperação desportiva. Por outro lado a dimensão disposicional condicionada de cooperação desportiva não se correlaciona com nenhuma dimensão ou subescala do auto-conceito de competência. Desta forma podemos dizer que o auto-conceito de competência influencia de alguma forma as disposições incondicionada e situacional de cooperação desportiva. Porém os restantes resultados verificados em função das variáveis estatuto profissional, condição regular, escalão etário e posição no terreno, não apresentaram congruência suficiente que permitisse concluir se o elevado auto-conceito de competência esta mais relacionado com maior predisposição para cooperar. Em algumas da análises efectuadas os resultados foram contraditórios visto que na variável estatuto profissional os semi-profissionais apresentaram maior auto-conceito de competência geral e menor disposição cooperativa geral, da mesma forma verificamos que em função do escalão etário os juniores (adolescentes) apresentaram maior auto-conceito de competência nas três principais dimensões (sociais, criativas e cognitivas), apresentando maior disposição para cooperar de forma condicionada e incondicionada, sendo os seniores que apresentam maior disposição para cooperar de forma situacional, mesmo apresentando menor auto-conceito de competência geral. Contudo estes resultados não apresentaram diferenças estatisticamente significativas e como referimos na discussão podem ter sido enviesados por uma auto-percepção menos realista dos indivíduos em relação as suas reais capacidades. Por outro lado a análise efectuada em função das variáveis posição no terreno e condição regular apresentaram resultados opostos aos referidos anteriormente. Assim em função da posição os guarda-redes e os médios apresentaram em geral um auto-conceito de competência mais elevado e uma disposição mais elevada para cooperar de forma incondicionada e situacional, apesar dos resultados não serem estatisticamente significativos. Na análise efectuada em função da variável condição regular os resultados mostram que os titulares apresentam um auto-conceito de competência

mais elevado em geral e uma maior disposição geral para cooperar em todas as dimensões de cooperação desportiva. Estes resultados devem ser realçados visto apresentarem, diferenças estatisticamente significativas nas subescalas de resolução de problemas e de pensamento divergente no auto-conceito de competência e nas dimensões de disposição cooperativa condicionada e incondicionada. Além disso esta variável apresenta a vantagem de distinguir os atletas que regularmente são vistos como uma opção valida pelo treinador para o desempenho da função, daqueles que por alguma razão não se apresentam ser uma opção regularmente valida para o treinador. Assim os titulares e os suplentes podem ser vistos não só através das suas auto-percepções de competência, mas também através da forma como o treinador os vê, em função da tarefa e das necessidades da equipa para a obtenção dos objectivos. Desta forma apresentam-se como uma variável mais rica e completa que as anteriores que dependiam da percepção dos próprios atletas sobre si e sobre as suas capacidades.

De forma conclusiva, não podemos dizer que o elevado auto-conceito de competência, esteja relacionada com a elevada disposição para cooperar, porém sabemos que a confiança em si próprio é um factor essencial para um bom funcionamento em equipa. Assim em estudos futuros será interessante numa primeira fase procurar corrigir as limitações apresentadas pelo Questionário de Cooperação Desportiva através da correcção de alguns itens pouco precisos e pouco específicos para a medição mais exacta da dimensão que se pretende analisar. Desta forma, uma investigação de carácter qualitativo que permita recolher e reagrupar novos indícios sobre as necessidades e disposições cooperativas pode funcionar como uma forma de melhorar o instrumento em causa. Um segundo passo numa investigação futura poderá ser relacionar o novo instrumento de cooperação com o grau de confiança dos atletas em si e nos outros. Porém como a confiança já parece ser um dado relativamente assente na influência cooperativa, poderemos verificar de que forma as disposições cooperativas se podem relacionar com a orientação para o ego ou para a tarefa. Por outra lado como verificamos no presente estudo uma elevada correlação entre o auto-conceito de competência em todas as suas subescalas e a disposição para cooperar de forma situacional atravessa da interacção com o treinador e companheiros, podemos efectuar um estudo qualitativo onde se recolham e agrupem indícios sobre os factores que os atletas consideram mais relevantes para a interacção entre si e os companheiros e entre si e o treinador.

Referências Bibliográficas:

- Anderson, J.P. (1998). *Política global do poder justiça e morte*. Lisboa: Instituto Piaget, Economia e Política.
- Araújo, D. (2005). *O contexto da decisão – A acção táctica no desporto*. Lisboa: Edição Visão e Contextos, Lda.
- Argyle, Michael (1991). *Cooperation, the basis of sociability*. Londres: Routledge.
- Bandura, A., Azzi, R. G., Polydoro. (2008). *Teoria Social Cognitiva, conceitos Básicos*. Porto Alegre Brasil: Artmed Editora.
- Bausmeister, R. F., Tice, D. M. & Hutton, D. G. (1989). *Self-presentation, motivation and personality differences in self-esteem*. *Journal of Personality*, 57, 547-579.
- Bessa, N., Fontaine, A. (2002). *Cooperação para aprender – Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA Edições.
- Byrne, B. M. (1996). Academic Self-Concept: It's Struture, Measurement, and Relation to Academic AchievementIn B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of Self-Concept, developmental, social and clinical considerations* (pp. 287- 216). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Bossche P., Gijsselaers W., Segers M., Kirschner P. (2006). *Learning Environments: Team Learning Beliefs and Behaviors Social and Cognitive Factors Driving Teamwork in Collaborative*.
- Buceta. J. (2001). O comportamento do treinador de jovens no treino. In Adelino, J., Vieira, J. & Coelho, O. (Coords), *Seminário internacional: treino de jovens* (pp. 15-28). Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

- Bueno, A. (2002). *Psicología del ejercicio y bienestar*. In Serpa, S. & Araújo, D. (Eds.), *Psicologia do desporto e do exercício: compreensão e explicação*. Lisboa: FMH.
- Butler, J. K. (1991). Toward understanding and measuring conditions of trust: *evolution of a condition of trust inventory*. *Journal of Management*, 17 (3), 643-663.
- Candeias, A. A. (2005). Avaliação dos riscos sociais e emocionais dos alunos com altas habilidades. *Sobredotação*, 6, 267 – 280.
- Caporael, L.R., Dawes, R.M., Orbell, J.M. y Van de Kragt, A.J.C. (1989). Selfishness examined: *cooperation in the absence of egoistic incentives*. *Behavioral and Brain Sciences*, 4, 683-698.
- Carron, A. V. (1982). Cohesiveness in sport group: *Interpretations and consideration*. *Journal of Sport Psychology*, 4, 123-138.
- Castelo, J., (2004). *Futebol Organização Dinâmica do Jogo*. Lisboa: FMH Edições.
- Chelladurai, P. (1984). Leadership in Sports. En J.M. Silva III & R.S. Weinberg (eds.): *Psychological Explanations of Sport* (pp. 75-99). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Coakley, J. (1994). *Sport in Society: Issues and Controversies* (4ª Ed.). San Loius: Times Mirror/ Mosby College.
- Cratty, B. (1984). *Psicologia no Esporte*. Rio de Janeiro: Prentice Hall.
- Cratty, B.J. y Hanin, Y.L. (1980). The athlete in the sport teams: *social Psychology guidelines for coaches and athletes*. Denver, CO: Love Publishers.
- Couvaneiro, C., (2004). *Práticas Cooperativas – Personalização e Socialização*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Colquitt, J.A. (2004). Does the Justice of the One Interact whit the Justice of the Many? *Reactions to Procedural Justice in Teams*. *Journal of Applied Psychology*, 8, 633-646.

- Crocker, J. e Luhtanen, R. (1990), "auto – estima colectiva e ingroup bias." *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Cruz, J. F. & Gomes. A. R. (1996). *Liderança de equipas desportivas e comportamento do treinador*. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: SHO-Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Cunha M., Rego A., Cunha R., Cardoso C. (2006): *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão-5ª Edição – Revista e actualizada*, Editora: RH,lda.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: *Human needs and the self-determination of behavior*. *Psychological Inquiry*, 11, 227-268
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. (2003). *Assertividade, sistema de crenças e identidade social*. *Psicologia em Revista*, 9 (13), pp. 125-136.
- Deutsch, M. (1949). A theory of cooperation and competition. *Human Relations*, 2.
- Devillard, O., (2001). *A Dinâmica das Equipas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Deschamps, J. C., & Devos, T. (1998). *Regarding the relationship between social identity and personal identity*. S. Worchel.
- Ellemers, N., Spears, R. e Doosje, B. (1999). *Social Identity*. Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd.
- Epstein, S. (1973). *The self – concept revisited: or a theory of a theory*. *American Psychologist*, 28, 404-416.
- Faria, L. & Fontaine, A. M. (1995). *Programas de intervenção nas atribuições*. *Psiquiatria Clínica*.
- Faria, L., e Lima Santos, N. (1996). *Escala de avaliação do auto-conceito de competência: estudos de validação no contexto português*. In Soares, A., Araújo, S. &

Caires (Orgs.), *Avaliação psicológica: formas e contextos*, vol. VI 449-467. Braga: APPORT.

Faria, L., & Silva, S. (2001). *Auto-conceito de competência: estudos no contexto educativo português*. *Psychologica*, 26, 213-231.

Feltz, D. L., & Lirgg, C. D. (2001). Self-Efficacy of Athletes, Teams and Coaches. In Singer, R. N., Hausenblas, H. A., & Janelle, C. M. (2001). *Handbook Sport Psychology*. United States of America: John Wiley & Sons, Inc.

Fernandez – Ríos, M., Rico, R. & San Martin (2004). *Organizations as meaning systems: time for clarity*. *Psicothema*, 16 (2), 222 – 228.

Festinger, L., Schacter, S., Back, K. 1950. *Social Pressures in Informal Groups: A Study of Human Factors in Housing* (Stanford, CA: Stanford University Press).

Figueiras, O. G. (2007). *Cohesión de equipo*. *Revista Digital*, nº 144.

Gambetta, D. G. (Ed.). (1988). *Can we trust trust?* In D. G. Gambetta (Ed.), *Trust* (p. 213-237). New York: Basil Blackwell.

Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática* 1. ed. Porto Alegre : Artes Médicas.

García-Más, A., Olmedilla, A., Morilla, M. C., Rivas, C., Quinteiro, E. G. & Toro, E. O. (2006). *Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario*. *Psicothema*.

Good, D. (1988). *Individuals, interpersonal relations and trust*. In D. G. Gambetta (Ed.), *Trust* (p. 131-185). New York: Basil Blackwell.

Hart, K. M., Capps, H. R., Cangemi, J. P. & Caillouet, L. M. (1986). *Exploring organizational trust and its multiple dimensions: A case study of General Motors*. *Organization Development Journal*, 4(2), 31-39.

- Harter, S. (1996). Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: developmental, social and clinical considerations*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Henri, F. e Lundgren-Cayol, K. (2001). *Apprentissage collaboratif à distance. Pour comprendre et concevoir les environnements d'apprentissage virtuels*. Presses de l'Université du Québec. Sainte-Foy.
- Horn, T. (1985). Coaches feedback and changes in children's perceptions of their physical competence. *Journal of Educational Psychology*.
- Hosmer, L. T. (1995). Trust: The connecting link between organizational theory and philosophical ethics. *Academy of Management Review*, 20, 379-403.
- Jonhson, D. W. & Johnson, R. T. (1990). Cooperative learning and achievement. In S. Sharan (Ed.), *Cooperative learning: theory and research*. New York: Praeger.
- Jonhson, M.k. (1981). Reality monitoring *in Psychological review*, 88,pp.67-85.
- Kelley, H.H. & Stahelski, A.J. *Social interaction basis of cooperators'and competitors'beliefs about others*, *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 385-418.
- Lange, Paul A. M. Van. (2007). "Cooperation." *Encyclopedia of Social Psychology*. SAGE Publications.
- Leães, C. G. (2003). *Futebol: treinamento em espaço reduzido*. Porto Alegre: Movimento Editora.
- Le Boterf, G. (1995). De la compétence – essai sur un attracteur étrange. In: *Les éditions d'organisations*. Paris: Quatrième Tirage.
- Leite, J. S. (1982). *Cooperação e intercooperação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lemme, B.H. (1995). *Development in adulthood*. Boston: Allyn & Bacon.

- Lima, M. L. P. (1993). Atitudes. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- McFall, R. (1982), A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4, 1-35.
- Marsh, H. W., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept. Developmental, social and clinical considerations* (pp. 38-90). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Mayer, R. C. & Davis, J. H. & Schoorman, F. D. (1995). *An integrative model of organizational trust*. *Academy of Management Review*, 20, 709-734.
- Mead, G. H. (1963), *L'espirt, le soit et la société*, (trad. Francesa), Paris, PUF.
- Meglino, B. M. & Korsgaard, A. (2004). Considering Rational Self – Interest as a Disposition: *organizational Implications of Other Orientation*. *Journal of Applied Psychology*, 89, 946 – 959.
- Moreno, J. (1934). *Who shall survive? A new approach to the problem of human interrelations*. Washington, DC: Nervous and Mental Disease Publishing.
- Mota, J. (1997). *Actividade Física no Lazer*. Reflexões sobre a sua prática. Livros Horizonte.
- Nunnally, J.C. (1978). *Psychometric theory* (2 nd. ed.).New York McGraw Hill.
- Orlick, T. (1978). Cooperative Games: Systematic analysis and cooperative impact. En F. Smoll Y R.E. Smith (eds.): *Psychological perspectives in youth sports* (pp. 12-57). Nueva York: Hampshire.
- Pintrch, P. & Schunk, D. (1996). *Motivation in Education: Research & Applications*, Ch.3. Englewood Cliffs, NJ: Prentice – Hall.

- Prato, V. (1994), *Les pratiques coopératives, le locus et l'estime de soi* – tese de doutoramento, (s. dir.) de Lanneau, G., Toulouse, UTM.
- Rabbie, J.M. (1995). Determinates de la cooperación instrumental intragrupo. En R.H. Hinde & J. Groebel (eds.): *Cooperación y conducta prosocial*. Madrid: Visor Aprendizaje (orig.1991).
- Renzulli, J.S. (1992). *A general theory for the development of creative productivity through the pursuit of ideal acts of learning*. *Gifted Child Quarterly*, 36, 17-182.
- Rutherford, R.B., Chipman, J., DeGangi, S. A., & Anderson, K. (1992). *Teaching social skills: A practical instructional approach*. Ann Arbor, MI: Exceptional Innovations.
- Samulsky, D. (1992). *Psicologia do Esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária
- Salas, E., Dickinson, T.L., Converse, S.A. & Tannenbaum, S.I. (1992). Toward na understanding of team performance and training. En R.W. Sweezy y E. Salas (eds.): *Teams: Their training and performance*. Stamford, CT: Ablex Publishing Corp.
- Santos, N.R. (2000). *Identidade e cooperação: individual e colectiva em contextos organizacionais*. Dissertação de Doutoramento: Universidade de Évora.
- Sequeira, J., & Cruz, J. (2000). *Promoção do bem-estar psicológico através do exercício físico*. In Preciso, J., Viseu, F., Dourado, L. Vilaça, M., Henriques, R. & Lacerda, T. (Orgs), *Educação para a saúde* (2ª ed.) (pp. 377-382). Braga: Universidade do Minho.
- Shavelson, R.; Bolus, R. (1982) *Self – concept: The interplay of theory and methods*. *Journal of Educational Psychology*.
- Sherif, M. & Sherif, C.W. (1969). *Social psychology*. New York: Harper & Row.
- Simon, H. A. (1977). *The New Science of Management Decision*, Englewood Cliffs: Prentice Hall.

- Simon, H. A. (1990). *A mechanism for social selection and successful altruism*. *Science*, 250 (1). 665 – 668.
- Singer, R. N., Hausenblas, H. A., & Janelle, C. M. (2001). *Handbook Sport Psychology*. United States of America: John Wiley & Sons, Inc.
- Slavin, R.E. (1983). *When does cooperative learning increase student achievement?*. *Psychological bulletin*, 94, 429-445.
- Slavin, R.E. (1991). *Student team learning. A practical guide to cooperative learning* (3ª Edição). Washinton: National Education Association.
- Smith, R.E. & Smoll, F.L. (1997). *Coach-mediated team building in youth sports*. *Journal of Applied Sport Psychology*, 9, 114-132.
- Sternberg, J.R. & Grigorenko, E. L. (2002). *Evaluación dinámica*. Barcelona: Paidós.
- Tannenbaum, S.I., Beard, R. L. & Salas, E. (1992). *Team building and its influence on team effectiveness: an examination of conceptual and empirical developments*. En K. Kelley (ed.): *Issues, Theory and research in industrial/organizational Psychology* (pp. 56-85). Amsterdam: Elsevier.
- Turner, J. C. (1985). *Social categorization and the self-concept: A social cognitive theory of group behavior*. In E. J. Lawler (Org.). *Advances in group processes*. (Vol. 2). Greenwich, CT: JAI Press.
- Rubin, M., & Hewstone, M. (1998). *Social Identity Theory's self – esteem hyporthesis: A review and some suggestions for clarification*. *Personality and Social Psychology Review*.
- Tap, Pierre (1996). *A sociedade pigmalião - integração social e realização da pessoa* (Tradução para a língua portuguesa). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1988).
- Teodorescu, L., (1983). *Contributions au concept de jeu sportif collectif, Teaching team sports – International congress – Scuola dello sport*, pp. 19 – 37, Rome.

- Teodorescu, L., (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos desportos colectivos*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Turner, John C. (1996). Henri Tajfel: An introduction. In W. Peter Robinson (Ed.), *Social groups and identities: developing the legacy of Henry Tajfel* (pp. 1-23). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Turner, John C. & Bourhis, Richard Y. (1996). Social identity, interdependence and the social group: A reply to Rabbie *et al.*. In W. Peter Robinson (Ed.), *Social groups and identities: Developing the legacy of Henry Tajfel* (pp. 25-63). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Tyler, T. R. & Blader, S. L. (2000). *Cooperation in groups – Procedural Justice, Social Identity, and Behavioral Engagement*. New York: Taylor & Francis Group.
- Van Vugt, M., Snyder, M., Tyler, T.R. & Biel, A. (2000). *Cooperation in Modern Society*. Londres: Routledge.
- Vaughn, S., & Hogan, A. (1990). Social competence and learning disabilities: A prospective study. In H. L. Swanson & B. K. Keogh (Eds.), *Learning disabilities: Theoretical and research issues* (pp. 175-191). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Vaz Serra, A. (1988). *O auto-conceito. Análise psicológica*, 2 (VI), 101-110.
- Wageman, R. (2001). *The meaning of interdependence*. En M.E. Turner (ed.): *Groups at Work: theory and research* (pp. 45-65). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Wagner JA. 1995. *Studies in individualism collectivism: effects on cooperation in groups. Acad. Manag. J.* 38(1):152–72.
- Walker, H. M., Colvin, G., & Ramsey, E. (1995). *Antisocial behavior in school: Strategies and best practices*. Pacific Grove: Brooks/Cole.
- Waters, E., & Sroufe, L. A. (1983). *Social competence as a developmental construct. Developmental Review*, 3, 79-97.

- Weinberg, R. S. & Gould, D. (1999). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Trad. Maria Cristina Monteiro. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- Weiss, M.R. (1993). Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: self-esteem and motivation. In: B. CAHILLE. & A.J.PEARL (org). *Intensive participation in children's sports* (54-65). Champaign, Human Kinetics.
- Welsh, J. & Bjerman, K. (2006). Social Competence. In Encyclopedia of Childhood and Adolescence. Retirado a 20 Janeiro 2010, de: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_g2602/is_0004/ai_2602000487
- Whiten, A. (1999). The evolution of deep social mind in humans. M.C. Corballis & S.E.G. Lea (eds.): *The Descent of Mind*. Oxford University Press.
- Widmeyer, W. N., Brawley, L. R., & Carron, A. V. (1985). The measurement of cohesion in sport teams: *The group environment questionnaire*. London, Ontario: Sports Dynamics.
- Zarifian, P. (1999). *Objectif compétence*. Paris: Liaisons.

Output da análise Factorial do Questionário de Cooperação Desportiva

Rotated Component Matrix ^a			
	Component		
	1	2	3
CD1. Ajudar uns aos outros melhora objectivos	<u>,526</u>	,455	-,184
CD2. Colaboro com colegas e treinador sempre	<u>,560</u>	,397	-,068
CD3. Importante cooperar dentro e fora campo	,190	<u>,562</u>	,105
CD4. Ajudo Treinador espero reconhecimento	<u>,550</u>	-,049	-,061
CD5. Coopero com Treinador sendo titular ou suplente	<u>,682</u>	,314	-,004
CD6. Colaboro com companheiros mesmo que outros não	<u>,414</u>	,389	,094
CD7. Trabalho com treinador sendo titular ou suplente	<u>,618</u>	,349	,067
CD8. Quando ajudo companheiros espero reconhecimento	,310	-,118	<u>,684</u>
CD9. Aceito decisões treinador sacrifico as minhas ideias	<u>,758</u>	,083	,270
CD10. Objectivos da equipa ajudar fora de campo	,018	<u>,648</u>	,449
CD11. Esforçar nos treinos mesmo que competindo	<u>,650</u>	,106	,010
CD12. Cooperação depende da colaboração que me dão	-,135	,019	<u>,797</u>
CD13. Colaboro com colegas mesmo que melhores que eu	,263	<u>,683</u>	-,132
CD14. Coopero durante jogo mesmo que não se note	<u>,492</u>	,250	,078
CD15. Todos cooperam equipa melhor e mais unida	,088	<u>,679</u>	-,295

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Desta forma apresenta-se o factor 1 (Cooperação Situacional, SC) composto pelos itens 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 14; pelo factor 2 (Disposicional, de Cooperação incondicionada, DCI) composto pelos itens 3, 10, 13, 15; e por último no factor 3 (Disposicional, de Cooperação condicionada, DCC) constituído pelos itens 8,12.